

EM TEMPOS DE GUERRA...

# O BERRO!

2025.1

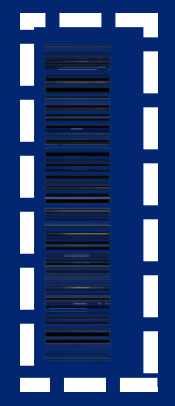
# HISTÓRIAS



DE



# AMOR



# EDITORIAL

TODOS OS EDITORIAIS DE REVISTAS DE HISTÓRIAS DE AMOR SÃO RIDÍCULOS.

NÃO SERIAM EDITORIAIS DE REVISTAS DE HISTÓRIAS DE AMOR SE NÃO FOSSEM RIDÍCULOS.

TAMBÉM ESCREVI EM MEU TEMPO EDITORIAIS DE REVISTAS DE HISTÓRIAS DE AMOR, COMO OS OUTROS, RIDÍCULOS.

OS EDITORIAIS DE REVISTAS DE HISTÓRIAS DE AMOR, SE HÁ AMOR, TÊM DE SER RIDÍCULOS.

MAS, AFINAL, SÓ AS CRIATURAS QUE NUNCA ESCREVERAM EDITORIAIS DE REVISTAS DE HISTÓRIAS DE AMOR É QUE SÃO RIDÍCULAS.

ESSA EDIÇÃO DE O BERRO! NASCEU DO DESEJO DE OLHAR PARA ESSAS HISTÓRIAS (RIDÍCULAS), MUITAS VEZES ESCONDIDAS, DA VIDA PEQUENA, DE GENTE COMUM. HISTÓRIAS QUE RARAMENTE SERIAM MANCHETE EM QUALQUER OUTRO VEÍCULO, QUE DIFICILMENTE GANHARIAM ESPAÇO EDITORIAL EM QUALQUER OUTRA REVISTA, MAS QUE PRA GENTE NÃO PODERIAM, JAMAIS, PASSAR DESPERCEBIDAS. SÃO HISTÓRIAS QUE DIZEM MUITO SOBRE O QUE SOMOS E SOBRE O TEMPO EM QUE ESTAMOS VIVENDO.

ESCOLHEMOS CONTAR O AMOR DO JEITO QUE ELE SE APRESENTA: EM MUITAS FORMAS. O AMOR QUE COMEÇA EM UM APLICATIVO E TERMINA EM UMA PERSEGUIÇÃO DE UM DETETIVE PARTICULAR; O QUE EXIGE CORAGEM E DESAFIA GOVERNOS PARA ATRAVESSAR OCEANOS; O QUE PASSA POR LUTOS E SE REINVENTA; O AMOR QUE É MEDIADO PELO PRÓPRIO REFLEXO NO ESPELHO, POR UM TIME DE FUTEBOL, UMA BANDA, INSTRUMENTO MUSICAL, UM SABOR DE WHEY PROTEIN OU AINDA, POR UMA COMIDA QUE TE FAZ SE SENTIR EM CASA.

NINGUÉM PASSA POR ESSA VIDA SEM AMAR ALGO OU ALGUÉM. É O QUE NOS MOVE DESDE QUE O MUNDO É MUNDO. É TAMBÉM O QUE PREENCHE CADA MATÉRIA QUE VOCÊS VÃO LER AGORA, COMO UM SENTIMENTO QUE VOCÊS RECONHECERIAM MESMO SEM QUE A GENTE O TIVESSE NOMEADO.

SE JOGUEM!

# SUMÁRIO

**7** POLÍTICAS ANTI-MIGRATÓRIAS E BRIGADEIRO  
POR MANU MAIA

**15** GREEN CARD EM TEMPOS DE TRUMP  
POR LUCAS PINTO

**26** A VENEZA BRASILEIRA E SEUS ENCANTOS MIL  
POR MARIA EDUARDA CAVALCANTI

**44** "POR AMOR EU NÃO CHORO.  
PREFIRO SEMPRE CANTAR"  
POR EDUARDO LEITE

**56** AS HISTÓRIAS DE QUEM FICA  
POR LAURA SANTANA

**69** NADANDO CONTRA A CORRENTEZA  
POR ANTÔNIO PEDROSA

**85** O AMOR DO MEU AMOR  
POR HENRIQUE LEMOS

**89** O CORAÇÃO DO JOGO  
POR CARLOS TAVARES

# SUMÁRIO

**95** VENDE-SE AMOR PRÓPRIO  
POR ISABELLA MOURA

**110** POLICIAIS DO AMOR  
POR FELIPE FERNANDES

**120** "TÁ PAGO!"  
POR CAMILA PÓVOAS

**122** ANTES DE TUDO, A MÚSICA  
POR VICTOR PAULINO

**142** RESISTÊNCIA E SALTO ALTO  
POR KIM CABRAL

**148** O AMOR ROMÂNTICO NO CINEMA  
POR JULIANE RAQUELLY

**160** EU, DIRECTIONER  
POR ISABELLA MORAES

**173** AMAR EM TEMPOS DE TINDER  
POR LEILA ANDRADA

# POLÍTICAS ANTIMIGRATÓRIAS E BRIGADEIRO

EM MEIO À ONDA CONSERVADORA GLOBAL, IMIGRANTES BRASILEIROS  
USAM A SAUDADE DE CASA COMO REFÚGIO

por Manu Maia

“O mundo vai acabar em 2025, mainha?”, foi o que escutei de uma criança em uma parada de ônibus perto da minha casa. Bom, com a temperatura média global subindo 0,71° graus célsius por ano e guerras acontecendo, simultaneamente, nos quatro hemisférios, é bem capaz. E é nesse climinha de colapso mundial, que o amor também parece estar fora de moda. No seu lugar, a proliferação dos ismos como uma peste: o conservadorismo, o liberalismo, o fundamentalismo, o fascismo e o populismo.

Um estudo feito com mais de 300 mil pessoas, pela agência internacional Glocalities em vinte países incluindo o Brasil, chegou à conclusão de que o crescimento de partidos radicais de direita – muitos deles, fortes defensores de alguns dos ismos citados - está ligado a sentimentos como desesperança, frustração social e rejeição aos valores cosmopolitas.

Na Europa, partidos de direita radical como o Vox (Espanha) e o AfD (Alemanha), tiveram um forte aumento entre jovens. Nos Estados Unidos, a extrema-direita voltou ao poder com a vitória expressiva de Donald Trump, derrotando a candidata democrata Kamala Harris com uma diferença de mais cem colégios eleitorais e de dois milhões de votos. Tudo isso nos últimos cinco anos.

E veja que contradição: é neste mar de fúria que buscamos, justamente, as histórias de amor. Histórias que pulsam alguma vida em meio ao caos, onde a saudade de casa se transforma em combustível para se manter resiliente em terras tão inóspitas. A união das brasileiras Joana\* e \*Fernanda\* é uma dessas histórias.

Em 2022, Joana passou em uma bolsa integral de pesquisa em biomedicina na Universidade de Kentucky, localizado na região sudeste dos Estados Unidos. Trocar a capital pernambucana por uma pequena cidade estadunidense cuja economia sobrevive da venda de cavalos e Bourbon, e é profundamente marcada por valores conservadores e pela presença ostensiva de armas, foi um choque cultural para Joana. “O modo como eles interagem entre si é muito diferente. Como eu trabalho dentro da universidade, as relações são muito profissionais e distantes.”, conta. “No Brasil a gente costuma fazer amizades dentro do trabalho e se abrir mais sobre a vida pessoal. No início não foi bem fácil conseguir fazer amigos. As pessoas aqui são bem diferentes nesse sentido.”, finaliza.

E os números atestam isso: uma pesquisa feita pela Intercultural Insights British Council, em 2014, mostrou que entre brasileiros que vivem no exterior, os EUA são um dos países onde as pessoas mais relatam dificuldades em fazer amizades e se sentir acolhidas fora do ambiente familiar. Joana sentiu na pele.

Ela também lembra de uma outra experiência marcante, logo quando chegou na cidade. Em uma das primeiras visitas ao Walmart (rede de supermercados), se deparou com um homem circulando pelos corredores com uma pistola presa ao coldre, exibida com orgulho na cintura, como algo natural.

Nem ela, e nem Fernanda, com quem é casada há XXX anos, esperavam a vitória de Trump. Pelo menos não da forma que foi, tão significativa. A vivência de Joana na bolha acadêmico a levou a acreditar em uma possível vitória da candidata Kamala Harris. Com a demora da apuração dos votos impressos, a expectativa e a esperança foram diminuindo, e quando o resultado veio, foi o estado do Kentucky um dos primeiros a ficar coberto pelo vermelho republicano.

A universidade que Joana estuda logo iniciou um processo de diálogo com os estudantes internacionais. Com a vitória de Trump, começaram a fazer recomendações orientando-os a não sair de casa sem suas documentações em mãos (passaportes, carteirinhas da faculdade). A Polícia de Imigração e Alfandega dos Estados Unidos (ICE), começava, ali, a circular com mais frequência e de forma muito mais agressiva.

Recentemente uma outra brasileira foi cercada em Worcester, no estado de Massachusetts, por esses agentes. Vídeos do momento mostram ela sendo jogada no chão. As imagens foram divulgadas nas redes sociais e causaram protestos e mobilização por parte de autoridades brasileiras. Não é a primeira vez que cenas como essas acontecem e não está nem perto de serem às últimas. Trump anunciou em 2025 medidas extremas contra os imigrantes. Punições que incluem "deportação imediata em local e forma definidos exclusivamente a nosso critério".

Mas com essa realidade, por vezes insuportável, estar alheio a determinadas situações faz com que o coração não sinta aquilo que os olhos veem, tornando os dias pelo menos um pouco mais fáceis. Foi o que Joana e Fernanda fizeram. Três vezes por semana, elas costumam ligar para suas famílias por vídeo. Também tentam manter a mesma alimentação que tinham no Brasil, sempre que possível, cozinhando comidas típicas, afetivas, que as transportam para vida que tinham antes de migrarem.

Apesar de terem desenvolvido esses métodos para lidar com a saudade, os momentos de dor nunca deixaram de existir. "Sinto bastante saudade de casa. Datas festivas são bem difíceis. Faz três anos que estou aqui, e em todos os meus aniversários eu não sinto que faço uma comemoração completa, sempre falta algo, Nunca vou ser 100% feliz aqui.", afirma Joana.

O curso que ela veio fazer é de XX anos. Ainda faltam XXX. Para amenizar esse sentimento, a ideia é voltar ao Brasil sempre que possível: visitar a família uma vez por ano para saborear camarão com alho e óleo da praia, tomar caldinho de feijão, e principalmente, receber amor. Amor que só o povo brasileiro sabe dar, segundo ela.

Mas a viagem desse ano não está garantida. "Fomos aconselhadas a não deixar o país. Evitar passar pelo consulado e pela imigração", explica. "Por mais que a gente tenha todas as documentações, eu fico com medo de implicarem com a renovação do meu visto ou com a imigração. Dá muito medo não conseguir voltar e perder todas as pesquisas, o meu estudo, toda a vida que venho construindo.", conta.

Assim, as manhãs na praia vão ficando mais distantes. Sem saber a data do retorno, elas vão vivendo dia após dia, sempre que possível, alimentando as raízes com a família que construíram em terras estrangeiras. É cozinhando um brigadeiro, em uma tarde de domingo ou preparando uma feijoada, que o tempo vai passando mais depressa. Assim elas dizem e esperam.

Uma outra brasileira também vive algo parecido, só que um pouco mais distante dali. Gabi\* se mudou de Belo Horizonte, em Minas Gerais, para a cidade do Porto, no noroeste de Portugal, em XXXX, com o intuito de concluir os estudos em Artes Plásticas na Universidade do Porto.

Desde então, a mineira tem assistido o país impor legislações que retiram cada vez mais os direitos de XXXX. Nas últimas eleições legislativas, o partido de extrema-direita ganhou destaque com propostas que incluem a deportação de imigrantes em situação irregular e restrições ao acesso a serviços públicos.

O governo de coalizão conservadora Aliança Democrática, liderado por Luís Montenegro, anunciou planos para expulsar aproximadamente 18 mil imigrantes irregulares.

Em Lisboa, logo na saída do aeroporto, é possível ver um outdoor, que diz: "Sorria... Esta a ser substituído!" (Sorria...você está prestes a ser substituído). A mensagem é irônica, e remete diretamente ao aumento de imigrantes no país. É um alerta, para os portugueses sobre o suposto risco de os estrangeiros os substituírem em seus trabalhos, ocuparem suas terras.



Acervo pessoal. Lisboa, 2024.

O aumento do número de pessoas que migram para Portugal é um fato. A Agência para a Integração, Migração e Asilo (AIMA) apontou que, até o final de 2024, o país já contava com cerca de 1,6 milhões de imigrantes, quase quatro vezes mais do que os 421.785 registados em 2017. A maneira como muitos portugueses têm tratado os imigrantes, contudo, não justifica esse fato.

Gabi lembra do clima na sua chegada. “A primeira impressão foi bem negativa. O tratamento das pessoas e o choque cultural foram bastante impactantes”, lembra. “Além da adaptação da cultura, clima, rotina de estudos e de trabalho, e à saudade... ter que lidar com um novo tipo de preconceito, com a xenofobia, foi um desafio imenso.”, finaliza.

Ela também defende um novo olhar dos brasileiros para o exterior. “Grande parte da raiva que começou a me consumir vinha do contraste entre a realidade europeia e a imagem que nós, brasileiros, ainda alimentamos e bajulamos, construída intencionalmente há séculos. É doloroso perceber como esse ideal europeu ainda molda nossas referências, mesmo quando ele nos exclui e nos rejeita.”

Desde que os números de imigração começaram a aumentar, os casos de xenofobia em Portugal também têm se intensificado. De acordo com o balanço da Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR), as denúncias cresceram 505% entre 2017 e 2022.

O processo de sair do seu lugar de origem, de “desenraizar”, não afeta apenas a adaptação à nova cultura, mas também afeta a saúde mental, alterando a percepção de identidade e o bem-estar geral.

Em uma pesquisa intitulada “O sofrimento de imigrantes: um estudo clínico sobre os efeitos do desenraizamento no self”, realizada em 2005, pelo professor Jorge Fouad Maalouf da PUC- SP, o resultado foi claro: a migração, especialmente em cenários de crise ou em países com políticas de acolhimento restritivas, pode provocar um impacto psicológico profundo nos imigrantes.

Mas diante desse cenário, em vez de se render à exclusão e ao preconceito, os brasileiros têm resistido, reagido: abrindo estabelecimentos comerciais,

encontrando com outros brasileiros para rememorar sua cultura, dançando forró, sambando. Fazendo carnaval em pleno inverno europeu.

Quando a opressão bate à porta, é preciso, ao invés de abaixar a cabeça, responder de uma outra forma: transformar a saudade de casa em combustível, fazendo com que o amor pelas nossas raízes apareça ainda mais, com força, com orgulho.

Esse movimento de resistência se reflete nas histórias de Fernanda, Joana e Gabi. Para elas, saudade é o desejo da presença. Independente dos governos, a vida vai passando e, mesmo sem saber o que o futuro reserva, elas permanecem: com saudade de casa, mas sem deixar de tentar construir um outro futuro para elas.

A saudade é substantivo que vira verbo na boca de quem sente. Não há opressão, discriminação ou discurso de ódio que substitua sua força. E no fim do mundo, imerso em desesperança, é como diz o compositor Eduardo Gudin, o importante mesmo é que a nossa emoção sobreviva.

*\*Os nomes foram alterados para preservar a identidade dos entrevistados.*

## TUDO MENOS PORTUGUESA

Por sentimentalismo ou vaidade, gostamos de dizer que a saudade só existe em português, mas em 2025 não há mais espaço para esse mito. Apesar de não ter tradução literal em outros idiomas, a saudade é um sentimento comum à vida humana. Ao redor do mundo, há registros emocionais que espelham o que, em português, chamamos de saudade. Nas artes, na memória e na fala das pessoas, ela aparece, com outros nomes, outras melodias, mas a mesma essência.

Sobre isso, o presidente da academia de letras de pernambuco Lourival Holanda afirmou: “Não é um sentimento próprio do português. Os sentimentos humanos são universais, existindo, claro, particularidades aqui e ali que são próprias da linguagem. Mas a nossa língua é como nossos nervos, é

absolutamente pessoal, então há um modo nosso de sentir saudade, como o batimento do coração, que é absolutamente único". É só prestar atenção: Eric Clapton, cantor britânico, escreveu sobre a saudade e a dor de perder seu filho de apenas 4 anos na música "Tears in Heaven". Nela, o cantor inconsolável, tenta enxergar a esperança do reencontro nesta tragédia devastadora;

*Você saberia meu nome*

*Se eu o visse no paraíso?*

*Seria o mesmo*

*Se eu o visse no paraíso?*

Outro exemplo é um clássico do hip hop dos anos 90: "I'll Be Missing You", em que Faith Evans, Diddy e a Banda 112 lamentam a partida do jovem rapper, Notorious B.I.G., que foi assassinado: "Cada movimento que eu fizer, A cada dia, cada vez que eu rezar, Eu vou sentir sua falta."

Na mesma linha, a banda irlandesa The Cranberries canta, em "Ode to My Family", sobre a saudade da infância, da simplicidade familiar e a nostalgia de momentos do passado.



*Entenda no que eu me tornei,  
Esse não era meu projeto  
E pessoas de todo lugar pensam  
Alguma coisa melhor do que eu sou  
Mas eu sinto sua falta, eu sinto falta*

Fora das canções, a saudade também se manifesta em detalhes miúdos do cotidiano, na memória de um caderno antigo, na sensação de estar sempre em movimento, ou na distância do sertão natal. Às vezes vem como um cheiro, como uma lembrança esquecida, ou em um silêncio.

## Saudade pode ser muita coisa

Joumanna Salem é da Tunísia, país Norte Africano. O árabe é sua língua materna, mas ela também fala francês, um pouco de italiano e inglês. Quando perguntei sobre o significado de "saudade", expliquei o sentimento, e ela me disse que, em sua língua, a palavra "حنين" (Haneen) traduz bem o que eu estava tentando descrever. Segundo ela, trata-se de uma palavra que expressa um sentimento de nostalgia, especialmente por algo que já passou ou por um lugar querido, mas também pode ser o desejo de retornar a um tempo ou espaço que ficou para trás. Joumanna contou que sentiu esse tipo de saudade recentemente: "Esses dias abri um caderno antigo, da época em que ganhei a bolsa para estudar inglês nos Estados Unidos. Lendo minhas anotações, senti falta da leveza daquele tempo."

Para a cantora potiguar Juliana Linhares, a saudade esta no se movimentar "Eu sou uma pessoa que vive indo, indo, indo... Pra distâncias diferentes, né? Não só a distância do meu nascimento, da minha casa, do meu conforto, mas sempre outras. Estou sempre em deslocamento. Então, as saudades são constantes. Acho que sou meio feita disso, meio constituída por saudade."

Já para o poeta Caio Meneses, nascido no sertão do Pajeú, em São José do Egito, a saudade está profundamente ligada à ausência do território e dos familiares que precisaram deixar para trás a vida no semiárido em busca de melhores oportunidades na capital. Há alguns anos, Caio se mudou para lecionar na Universidade Federal do Piauí. A vida longe de casa faz o poeta sentir saudade diariamente sentimento que ecoa em seus versos. Em um de seus poemas, ele escreve: "o silêncio do quarto abandonado faz barulho demais na nossa mente. A saudade é um grito do passado que se escuta no ouvido do presente, como se fosse um fogão descalibrado, incensando de gás o ambiente. A saudade é o tempero do passado, preparando uma comida para o presente."

Se é verdade que saudade só existe em português, é também verdade que esse nome não dá conta de tudo o que ela é. Em cada cultura, o sentimento encontra um jeito de nascer. A saudade é menos uma palavra e mais um lugar íntimo onde se guarda tudo o que foi vivido, e tudo o que ainda se espera viver. E nesse sentido, não é portuguesa: é humana.

# GREEN CARD EM TEMPOS DE TRUMP

## RELACIONAMENTOS ENTRE PESSOAS DE DIFERENTES NACIONALIDADES PROVOCA CHOQUE CULTURAL E DESAFIA NORMAS

por Lucas Pinto

Como uma bússola, o amor pode guiar. Seja para determinados lugares, certas pessoas, ou os dois: conduzir você para outra zona através de um alguém. Assim é a história de Hamanda de Paula, uma brasileira que se apaixonou por Pedro Estevez, um cubano-estadunidense que vive em Miami, na Flórida, e, juntos, ambos têm obtido cada dia mais aprendizados, visitando diversos novos ambientes e conhecendo novos costumes através da troca que a relação entre os dois tem proporcionado.

Em um relacionamento há mais de 2 anos, o casal de diferentes países e culturas tem se desdobrado para ficarem juntos, enfrentando adversidades e tendo como o maior do problema, a distância. Hamanda mora em Igarassu, região metropolitana do Recife, a 6.152 km de Miami, onde Pedro vive, e conheceu o amado através das redes sociais. Segundo a brasileira, o fato de morarem tão longe um do outro é o maior obstáculo na



relação. Além da saudade, os gastos de ambas as partes com passagens e renovação de vistos é algo para se colocar na balança, mas as despesas viram apenas um detalhe comparado ao amor e a felicidade que sentem quando estão juntos.

Os dois começaram a conversar via chamada de vídeo para se conectarem melhor, durante meses, até que começaram namorar virtualmente e decidiram se ver ao vivo. “Foi uma loucura. Meus amigos sempre me dizem isso. Eu nunca tinha feito nada assim antes. Querendo ou não, estava colocando uma pessoa estranha em casa. Ainda tem o fato de que moro com meus pais, tive que explicar tudo a eles, aproximar Pedro de ambos para passar segurança”.

Após os primeiros dias juntos, a pernambucana diz que foi amor ao primeiro encontro, tanto que parecia que já o conhecia há muito tempo, especialmente na forma que ele se adaptou em seu ambiente e interagiu com seus familiares.

“Foi tudo muito natural. Tinha coisas que ele não conhecia muito bem e ficava por fora, até porque não falava português tão bem como agora, misturava português com espanhol, mas a primeira vinda dele foi maravilhosa”.

De Paula, que não fala inglês fluente, também começou a aprender mais depois de ter conhecido o namorado. A recém formada em psicologia passou a ter aulas online de inglês para se aproximar mais de Pedro. “É uma língua importante e necessária hoje em dia, pois é a mais falada mundialmente. Mas tive mais interesse depois de começar a namorar com baby, especialmente depois dos planos de futuramente morarmos juntos”, confessa ela.

Com a última pesquisa sobre voltadas para casais interculturais divulgada em 2021 pelo IBGE, levando em consideração o período de 2011 a 2019, os dados mostraram que a grande maioria dos cônjuges interculturais no que residem no Brasil foram formados por mulheres com homens de outras nacionalidades. Neste tempo, 40.739 brasileiras se casaram com pessoas de um país diferente do seu; já 18.716 homens brasileiros com indivíduos de nacionalidade diferente da sua.

Hamanda admite que, apesar do mais provável ser ela se mudar pro país do namorado do que ele vir morar no Brasil, não queria ter que ir para os

Estados Unidos, por diversos motivos, incluindo sentimento de não-pertencimento, especialmente, depois do 2º mandato do atual presidente do país, Donald Trump, devido a situação atual de imigrantes no lugar. “Queria que morássemos no Brasil, mas está fora de cogitação no momento. É uma ruptura pra mim sair da minha cultura, além de não poder ir em uma rodinha de samba... Além da solidão”, diz. Ela ainda completa que o fato de seu amor ter nascido em Cuba e possuir raízes latinas facilita a familiaridade no ambiente que passa quando está na América do Norte. “Aqui onde fico tem muitos latinos. A família dele também é latina e facilita muito, pois sou mais familiarizada com espanhol, apesar de também não ser fluente”.

Segundo a psicóloga Laura Melo, todas essas questões do deslocamento e diferenças culturais geralmente ocasionam estranhamento, podendo levar tempo para adaptação. “É um processo contínuo. É importante também que a pessoa que se desloca esteja realmente disposta a conhecer novos hábitos e valores.” Melo ainda conta a importância nessa nova fase de e os passos relevantes para enfrentar a solidão, caso haja. “Nesses casos existe a ausência de familiares e amigos. Terapia em grupo pode ser uma solução, além de estar em contato com pessoas que também não estão em seu país de origem, para compartilhar essas vivências, pois traz sentimento de acolhimento e compreensão”, conclui.

Pedro, em sua versão, conta que já havia tido interesse em brasileiras antes, mas Hamanda acabou quebrando certo padrão. Ele ainda acrescenta que o amor que sentiu por sua amada durante as conversas virtuais fez com que em três meses fosse visitá-la no Brasil. “Ela me perguntou se eu queria vê-la, e eu encarei isso como um desafio. Eu tinha que arriscar, então, comprei as passagens. Meus amigos achavam que eu estava louco e me alertaram para eu ter cuidado com tráfico de órgãos e outras histórias malucas que contam, mas eu já estava decidido a ir”.

“Quando cheguei, o pai dela foi me buscar no aeroporto. Tirei foto da placa e compartilhei a localização com um amigo, pois não sabia o que esperar. Quando chegamos, a casa era colorida e acolhedora, tudo diferente do que eu imaginava”, conta sobre sua recepção. Estevez ainda diz que foi amor à

primeira vista quando viu a brasileira ao chegar em casa e como ficou surpreso no modo que os brasileiros montam seus pratos para refeições. “Vi Hamanda pessoalmente e fiquei sem palavras. Percebi que ela é péssima tirando fotos, pois é muito mais linda ao vivo”.

Ele ainda brinca sobre seu primeiro contato com a culinária do país. “Provei cuscuz pela primeira vez. Além disso, fiquei surpreso como colocam feijão ao lado do arroz, e não por cima. Foi tudo novidade pra mim. Gostei de quase todas as comidas, mas mortadela? não gostei. Pé de galinha? não gosto de muita gordura”.

Segundo ele, um choque cultural foram as praias. As brasileiras são melhores comparadas às que frequenta em Miami devido a diversidade de coisas que se pode encontrar no local. “A praia é uma das minhas coisas favoritas. Em Miami, não se pode vender nada, é ilegal, enquanto no Brasil oferecem um serviço completo. É possível obter comida e bebida, ainda trazem até você”. O cubano-estadunidense ainda se declara para seu amor e diz que ter emergido na cultura de sua namorada fez toda a diferença. “Tudo parece certo quando estou com ela. Não só me apaixonei por ela, mas me apaixonei por toda experiência. A família, a cultura, a forma como ela fala e a visão de mundo. Tudo faz parte do motivo pelo qual a amo”, se declara.



Devido a globalização, tem sido cada vez mais comum indivíduos de diferentes origens interagirem em diferentes culturas e construírem esse tipo de vínculo. O fenômeno de integração social, econômica e cultural, permite que cada vez mais pessoas explorem não só outras culturas, mas também que propaguem a sua.

O aumento da emigração, por exemplo, é um dos grandes fatores que permite essa interação cultural, deslocando diversas pessoas para outros países, impactando diretamente no convívio social. Dados do Ministério das Relações Exteriores (MRE) levantados em 2022, mostram que cerca de 4,5 milhões de brasileiros vivem no exterior, sendo que 194.480 saíram do país entre 2021 e 2022 - números esses que refletem cada vez mais a procura de explorar novos ares, seja devido à questões de novas oportunidades financeiras, sonhos, ou até por conta de um relacionamento.

Apesar das mudanças, nos dias de hoje não necessariamente é preciso se deslocar para conhecer diferentes culturas e pessoas. O avanço da internet permite cada vez mais conexões, formando amizades e relações amorosas. Quando acontecem, essas conexões de amor separadas por fronteiras formam casais com membros de diferentes nacionalidades - que já são um fenômeno em crescimento devido à força do online. Redes sociais, jogos virtuais e aplicativos de relacionamentos que permitem filtragem de localização tem sido ponte para que a interação aconteça e pessoas de nacionalidades diferentes se apaixonem, formando o que é chamado de “relacionamento intercultural”.

Os relacionamentos interculturais possibilitam novas experiências, aprender e também ensinar, devido as mais diversas diferenças ali presentes. Se apaixonar por alguém com costumes, tradições e religião divergente pode ser algo ilustre e desafiador - além de questões de distância e problemas de compreensão linguística, que são bastante comuns. Apesar disso, a troca permite algo extremamente peculiar: ambos entenderem os hábitos e normas do outro e, assim, imergir em uma cultura totalmente diferente da que se está habituado, complementando suas diferenças.

Em relacionamentos asiáticos, mais especificamente em países como a Índia, é comum os casamentos se formarem devido a interesses familiares, diferentemente do Brasil, onde as questões são individuais. Além de tudo, o país é mais conservador e fechado, onde um casal só pode se relacionar e morar juntos caso haja cerimônia oficial, diferente de questões brasileiras, onde existe mais flexibilidade e liberdade. A pressão de familiares para seguir normas culturais tradicionais pode impactar diretamente na relação e ambos podem sofrer com as consequências, caso não haja esforços para se manterem juntos, como foi o caso de Alessandra Nirrwann, brasileira que enfrentou dificuldades ao se casar com um indiano.

Popular nas redes sociais, Alessandra acumula mais de 47 mil seguidores só no Instagram. A fotógrafa compartilha a rotina com seu marido indiano, Behavesh, mostrando o cotidiano de como é viver na Índia. Apesar da leveza que o casal leva nos dias de hoje, eles já passaram por dificuldades devido ao choque de cultura que encontraram ao engatar o relacionamento intercultural. O pai de Behavesh, no início do relacionamento, procurava outra esposa para o filho, que o enfrentou e se declarou para Alessandra de uma vez. A brasileira contou em entrevistas que chegou até a dormir em um quarto separado do amado, pois acreditava no relacionamento. “Casar com alguém de cultura diferente envolve desafios. Meu sogro nunca aceitou a mim e meus filhos. Quando conheci a família do Behavesh, o pai dele ficou recluso e não participava das refeições”, disse em uma entrevista ao UOL.

Apesar das dificuldades que casais interculturais podem encontrar, ter alguém de uma nacionalidade diferente como parceiro ou parceira possibilita também novas oportunidades. Mergulhar em costumes distintos possibilita abranger mais os ares, absorvendo mais conhecimento, obtendo novas vivências e até mesmo provando novos tipos de pratos.

Crescente nas redes sociais, está cada vez mais comum esse tipo de casal postar vídeos mostrando o cotidiano e fazendo das diferenças algo agregador e engraçado. No TikTok, ficou popular uma trend onde os casais falam nomes de marcas populares como McDonald 's, Cheetos, Colgate etc., deixando clara a diferença entre as pronúncias das palavras tendo em vista o determinado país.



O conteúdo dos vídeos também abrange a culinária, como brasileiras fazendo seus estrangeiros provarem pratos tradicionais do Brasil como feijoada, pão de queijo e paçoca.

No TikTok, Leticia Stoll acumula mais de 100 mil seguidores. A brasileira casada com um estadunidense mora nos EUA e grava constantemente o marido descobrindo novas coisas relacionadas ao Brasil. Em uma das publicações, o parceiro - que fala pouco português - tenta decifrar provérbios brasileiros, erra todas as tentativas e a brasileira reage: "Ele tentou seu melhor". Entre um de seus vídeos, Leticia fala que um dos maiores choques culturais que já esteve

emergindo no país do companheiro foi descobrir que os estadunidenses não usam facas para fazer refeições. "No começo eu achava que era só com meu marido, até sair com amigos americanos e ver que eles também não usavam faca. Estava no jantar da empresa, olhei pro lado e reparei que nenhum deles estavam usando faca [...] eles pegavam, cortavam [a comida] e deixavam a faca de lado... e usavam o dedo para colocar a comida em cima do garfo e comer". Indignada, ela ainda brincou: "Tem coisas que não dá pra entender. País de primeiro mundo e a gente tem que ensinar pra eles que faca não serve só pra cortar comida. Meu Deus".

Relacionamentos interculturais são como um quebra-cabeça de experiências, criando e trazendo histórias únicas em nome do amor. Todas as dificuldades e diferenças - mesmo que nos pequenos detalhes - que esses casais enfrentam ultrapassam barreiras, sejam elas no sentido figurado, ou não. Divergências políticas, religiosas e até problemas como a distância viram meros detalhes quando é pra estar com um alguém no qual o apego emocional prevalece.

Casais formados por pessoas de diferentes nacionalidades, especialmente nos dias de hoje, representam a celebração da diversidade, conectando o mundo, deixando que todas as divergências se complementem fazendo que o amor e a pluralidade prevaleçam acima de tudo.

## PRIMEIRO ENCONTRO É TREND NO TIKTOK

USUÁRIOS SE DESLUMBRAM E PASSAM A IDEALIZAR AS VIVÊNCIAS DE UM ROMANCE COM ALGUÉM DE OUTRO PAÍS

Os primeiros encontros, geralmente, sempre dão um friozinho na barriga. Seja para encontrar aquela pessoa que você se interessou e acabou dando match no Tinder, ou aquela de uma cidade próxima que o flerte através de redes sociais, como Instagram, já vinha rendendo há um tempo. Mas já imaginou qual deve ser a sensação de ter o primeiro contato com alguém de outro país, no qual um romance já vinha se desenvolvendo? Ultimamente, membros de plataformas virtuais têm sonhado com esse tipo de sentimento e com as "borboletas no estômago".

No ambiente online, se tornou viral casais de nacionalidades diferentes se encontrando pela primeira vez. Já virou um clássico encontros em aeroportos, acompanhados de abraços e beijos intermináveis e, algumas vezes, com direito a lágrimas de emoção. Toda essa narrativa emociona não só os pares, mas também os espectadores que têm tornado cada vez mais popular esse tipo de conteúdo que traz histórias românticas de pessoas tão diferentes separadas pela longa distância. Aqui, as histórias de superação e amor impossível começam a tomar forma através de aparelhos celulares e deixam o público apaixonado.

Pelo TikTok, uma das mais populares plataformas digitais do momento, vídeos com as hashtags, como #LoveAcrossBorders, #LongDistanceLove e #MeetAtTheAirport (Amor Entre Barreiras, Amor De Longa Distância e Me Encontre No Aeroporto, em tradução livre, respectivamente), acumulam milhares de visualizações, acompanhados muitas vezes, de uma história cronológica mostrando esses casais interagindo via chamadas de vídeos até o

tão esperado momento do primeiro encontro. O humor entre os parceiros e os mágicos primeiros momentos são sempre muito destacados, dando impressão de que tudo é como um conto de fadas.

Todo esse engajamento parece mostrar o interesse dos usuários na superação de barreiras geográficas e culturais que o amor pode proporcionar, causando uma espécie de emoção coletiva, onde a pluralidade e diferenças entre os contrastes das culturas dos casais que se exibem em muitos desses vídeos, é nítido. Além do mais, as dificuldades e entraves enfrentados, a ponto de uma pessoa sair de seu país de origem para encontrar outra que só conhece virtualmente, parece despertar esse tipo de comoção por conta do comprometimento e determinação, também alimentando ideias de finais felizes e que o amor pode superar tudo.

A temática, impulsionada pelos algoritmos, ganha força e outros aspectos, também, com a ajuda das trilhas sonoras escolhidas, reforçando ainda mais toda a romantização e clímax. O uso de músicas afetuosas e românticas colabora com toda a narrativa de romance que os vídeos abordam, influenciando diretamente na percepção do espectador, destacando o amor e criando uma conexão com quem assiste. A utilização de músicas como “Perfect” do britânico Ed Sheeran e “Beautiful Things” do americano Benson Boone tem sido, recentemente, sempre muito relacionadas a esse tipo de conteúdo, reforçando a temática do vídeo e amplificando a atmosfera emocional.

Livia, cearense que hoje vive na Turquia, foi uma das que compartilhou toda a trajetória com seu amado, incluindo o primeiro contato no aeroporto. O vídeo da brasileira acumula mais de 1.7 milhão de visualizações no TikTok, além de diversos comentários. Os comentários de outros usuários, idealizando o momento, trazem mensagens do tipo “queria ter essa coragem”, “que lindos” e questionamentos como “qual aplicativo você usou?” ou “o que acharam um do outro pessoalmente?”. Ela ainda publica com frequência sua rotina com a nova vida ao lado de seu amor e já acumula quase 30 mil seguidores na plataforma digital, que vem crescendo cada dia mais.

Todo o tema - não só relacionados a casais interculturais e seus encontros - é fomentado pela plataforma, que entende através de curtidas, comentários e

tempo de visualização. O incentivo também acontece através de pesquisas similares, onde eles recomendam pesquisas similares e outras hashtags. A recomendação de tópicos relacionados também, geralmente, pode ser visualizada, com assuntos similares como “Desafios de casais interculturais”,

“Vida multicultural”, entre outros, dando ainda mais panoramas para quem usa a rede.

Sem dados oficiais sobre casais de diferentes nacionalidades, em específico, o TikTok, através do levantamento What's Next 2024 Trend Report revelou que 74% dos usuários da plataforma acreditam que a rede conecta pessoas de diferentes origens e culturas em todo mundo, e 67% acham que aprenderam muito mais sobre outras culturas depois de começar a acessá-la, mostrando o interesse é reflexo de como o consumo relacionado à culturas divergentes têm crescido. Toda a perspectiva reflete, também, como a internet tem identificado o consumo de conteúdo, trazendo panoramas que, possivelmente, as pessoas não teriam antes da democratização da internet em todo o mundo.

Giovanna Andrade usa TikTok, consumiu o conteúdo em plataformas de vídeo e já sonhou com esse tipo de amor internacional. Em 2017, a pernambucana conta que já conversou virtualmente, durante três meses, com um canadense. “Já pensei em comprar passagens na época em que conversávamos, ainda mais porque pessoas próximas a mim viveram isso, então era bem possível na minha cabeça”. Andrade ainda diz que os vídeos e histórias envolvendo casais interculturais que se encontram a deixa de “coração quentinho”, pois são histórias de amor que parecem estar dando certo. “Acho super interessante. Gosto de saber as dificuldades e as partes boas, além do que agrega ao casal. Pessoas em relacionamentos assim também acabam aprendendo o idioma um do outro e isso é muito bonito”, revela.

O conteúdo serve como uma espécie de janela onde as proporções são tomadas devido a características de afeto onde todos - ou a grande maioria - criam fantasias, se enxergando ou desejando aquele tipo de narrativa. Comentários emocionados também parecem refletir nessa projeção que cada

um sente em relação ao amor. O desejo de estar com alguém de fora e a oportunidade de conhecer um lugar distante de seu país de origem também devem ser levadas em consideração, trazendo à história uma experiência e sonho podendo ser considerado cinematográfico, ademais, também refletem em uma quebra de estereótipos, onde o diferente toma a vez, promovendo a inclusão de um amor diferenciado.



# A VENEZA BRASILEIRA E SEUS ENCANTOS MIL

por Maria Eduarda Cavalcanti

“Recife, substantivo masculino. à flor da água, submersa. Esta é a definição – reduta em termos da oceanografia – que consta nos dicionários aurelianos. Mais do que uma mera formação de corais posta à frente das marés tropicais, Recife é um substantivo composto de vários sujeitos. É terra de mangues, caranguejos e bravos guerreiros. De velhos sobrados e arranha-céus. De um povo que baila e levanta fervura: na cozinha e na vida em alto-mar.

Visitar a capital pernambucana sem provar de uma boa cartola, petiscar um espetinho de queijo coalho depois de salgar a alma na praia de Boa Viagem, ou comer um pirão de camarão, no meio de uma jogatina entre amigos, no Bar do Neno – comedoria da velha guarda que segue em atividade na cidade – é como deixar de saborear um acarajé na terra de Jorge Amado. Deixar de degustar das iguarias fresquinhas das tapioqueiras do Alto da Sé, em Olinda.

Nesta reportagem, contamos a história de famílias de imigrantes que se estabeleceram no Recife e que preservam, através de empreendimentos gastronômicos, parte da sua cultura. Mais adiante, vamos discutir – em fogo baixo – o futuro da gastronomia no estado.

## Antes de Brasil, Pindorama

O Nordeste é marco zero na história do Brasil. Não é à toa que as raízes da gastronomia brasileira – temperada e abundante como conhecemos hoje –

foram cozidas, primeiro, nas panelas nordestinas. Em abril de 1500, chegara, dos confins do Velho Mundo, a caravela de Pedro Álvares Cabral. O navegador português havia desembarcado no sul da Bahia, acompanhado de tripulantes e de africanos escravizados.

E naquela terra, próspera como a seiva do Pau-Brasil, não tardou para que os colonizadores avistasse os povos indígenas que ali, muito antes, estavam, e as riquezas que até então, jaziam inexploradas: açúcar, café, mandioca, cereais e hortaliças. A mistura de povos, com costumes e culturas tão distintas, e a variedade de insumos, que constituíram a economia e a base alimentar do período colonial, consolidaram, em todo o país, uma culinária rica de sabores e ancorada nas tradições, temperos e afetividades de seus antepassados.

A partir de meados do século XIX, no entanto, o Brasil – que colheira os louros da cafeicultura – se tornou um destino atrativo para imigrantes europeus, asiáticos e árabes. No nordeste brasileiro, entre os anos de 1872 a 1940, os censos históricos apontam que Pernambuco foi o segundo estado do Nordeste a receber um percentual relevante de imigrantes estrangeiros. A cidade do Recife, por sua vez, tornara-se um ancoradouro de povos das mais diversas nacionalidades. Quinhentos anos depois, essa afirmação persiste, como consta os dados compilados pelo Observatório de Migrações (Obmigra).

De acordo com o Boletim das Migrações, divulgado pelo Ministério da Justiça e da Segurança Pública (MJSP), em outubro de 2024, o fluxo migratório no Brasil foi de 2,3 milhões de pessoas em 14 anos. Ademais, a 11ª edição do Relatório Anual Obmigra 2024 registrou pouco mais de dez mil imigrantes estrangeiros nos comprovantes de residência da região Nordeste. Os números, embora sejam significativos para os órgãos oficiais, não nos dizem muito. Não nos dizem tudo.

## O Atum do Futuro

“Eles [meu pai e meu tio] tinham certeza que, trabalhando com comida, nunca mais iam passar fome de novo”, conta André Saburó Matsumoto, que antes de ser eleito “Sushiman do Ano” duas vezes pela revista Prazeres da Mesa – uma

das mais importantes do país no ramo da gastronomia – e estar à frente da Taberna Japonesa Quina do Futuro – restaurante pernambucano mais bem colocado no ranking (29º) dos 100 Melhores do Brasil deste ano – foi um menino que aprendera, desde cedo, o valor ancestral da comida.

Era fevereiro de 1960 quando o navio América Maru atracou no Porto de Santos. De dentro daquela arca mercante, saiu Shigeru, um jovem mirrado de 18 anos, que deixara sua cidade natal, Nagasaki, em busca de melhores condições de trabalho. Para sobreviver, carregou sacos de batata e trabalhou nas lavouras de café. Até que, tempos depois, passou a estagiar na pastelaria da família Yokoyama, em São Paulo. Dominada a arte de envelopar sabores, comprou uma máquina de pastel e partiu, em 1968, rumo à capital pernambucana – e assim dera início ao legado da família Matsumoto no ramo alimentício.

Shigeru – que viria a se tornar “Seu Júlio”, apelido dado, carinhosamente, pelos pernambucanos, e pai de André – abriu a Tokyo’s, a primeira pastelaria do estado, e conquistara o estômago dos recifenses com seus pastéis suculentos. Depois, não parou mais: um bandeirão self-service, pioneiro no segmento, em 1984; um restaurante de buffet (Le Buffet) e, por fim, transformara o térreo da casa em que morava na Taberna Quina do Futuro, localizado no bairro dos Aflitos, zona norte do Recife – e que André assumira, aos 20 anos.

O chef comenta que muito do que o patriarca da família Matsumoto construiu é mantido até hoje, incluindo as reinvenções do cardápio. “Meu pai adorava comer comida regional. Ele comia rabada, comia buchada, sarapatel, comia tudo. Eu tomei várias vezes café da manhã com ele no mercado de São José porque a gente ia muito cedo pra comprar peixe, então, ele sabia como era o gosto do pernambucano. Adaptava os molhos, os temperos e as receitas japonesas para o paladar do pernambucano. É uma linha que eu sigo até hoje”

Para o cozinheiro, a comida faz parte de um lugar mais afetivo do que comercial. O respeito ao ingrediente e o cuidado em servi-lo é, de acordo com ele, uma herança de família: “Lembro da minha avó lavando o arroz no

escorredor dentro da pia. De repente, ela bateu assim, na quina, e caiu seis grãos. Ela parou, foi lá, pegou os seis grãos que estavam na pia e botou de volta. Não falava nada, mas eu nunca me esqueci disso. Na época, muito menino, eu pensava 'caramba, vovó é muito mão fechada mesmo'. mas não era, era o respeito pelo alimento. o respeito de quem passou por uma guerra”, esclarece o mais velho.

Na família Matsumoto, um serviço de excelência ocorre desde a escolha do ingrediente [o peixe, as frutas mais bonitas do mercado], do preparo do insumo – são selecionados os melhores filés de peixe e camarões inteiros, do atendimento, até o momento em que o cliente vai embora do estabelecimento. Aos 48 anos, André Saburó – o ‘japa’ mais pernambucano que pusera os pés no Recife – celebra essa dupla herança, também, na mesa de casa.

“Um prato que tem um valor afetivo para mim, e que está presente na culinária japonesa como um todo, é feito de arroz salteado com ovo, legumes, e alguma proteína se tiver, como um peixe do jantar de ontem. Chama-se Yakimeshi. Minha mãe fazia pra mim quando criança e faço até hoje para os meus filhos”, finaliza.

### Itália à moda Furetti

Entre casas e condomínios sóbrios na Tamarineira, bairro nobre do Recife, uma espécie de cantina italiana em tom de vermelho vivo se destaca na vizinhança: o Furetti Cucina. Pessoas entram e saem do estabelecimento quase tão velozes quanto os pratos bem-serviços de espaguete gratinados com o mais cheiroso dos queijos, que cruzam o salão, perfumando o ambiente e fazendo roncar até



Roccini Furetti. Foto: Bruno Mesquita/Reprodução

o mais reservado dos estômagos.

A cozinha do chef Roccini Furetti, pernambucano e filho de pais italianos, pode ser resumida em três grandes frentes: a massa – preparada por ele mesmo, do tipo grano duro, muito utilizada na cozinha italiana tradicional. Um diferencial do seu negócio –, tomate – pelados, de um tipo que o cozinheiro descreve como “menos ácido e que produz um molho mais encorpado” – e queijo. Dos bons.

Furetti, que já teve uma breve participação no Masterchef em 2018, quando ainda era amador, começou a cozinhar após os trinta anos. Depois de pisar, pela primeira vez, em solo italiano numa viagem em família, em 2015, decidiu seguir os passos do pai. “A gente tinha uma varanda onde costumávamos receber nossos amigos e meu pai sempre teve a tradição de cozinhar para todo mundo. Ele chamava [a varanda] de *Cocina Particolare*”, comenta.

A eliminação do reality culinário o fez ter mais certeza do caminho que queria seguir. Em 2019, o ex-promotor de eventos vendera todas as posses e foi para a capital das massas aprender com chefs renomados do mundo da gastronomia e aprimorar as técnicas da cozinha italiana. Hoje, aos trinta e sete anos, é formado pela Italian Chef Academy – premiada como a melhor academia de artes culinárias da Itália pela Associação Italiana de Chefs –, esteve à frente das bancadas do restaurante do chef italiano Luciano Monosilio, conhecido mundialmente como Rei da Carbonara, e é membro da Associação Italiana de Chefs do Brasil.

Depois de voltar de Roma, abriu a primeira unidade do Furetti em Boa Viagem – que completa, inclusive, seis anos de existência neste ano – e, quatro anos depois, inaugurou mais uma filial na Tamarineira. O cozinheiro, hoje, atende cerca de cinco mil pessoas por mês e tem um cardápio que, orgulhosamente, chama de “inteligente”: com 59 pratos no cardápio, a base dos pratos – no caso, a massa e os molhos – é interligada para conferir agilidade no serviço, comum na Itália.

Ainda que o Furetti Cucina tenha um nome consagrado no mercado – e isso implica na facilidade de importar insumos direto da Itália –, pequenos

produtores de Pernambuco fazem parte da rede seleta de fornecedores. “Por exemplo, a minha manteiga. É uma manteiga que vem de uma fazenda de Cachoeirinha, que é interior de Pernambuco. Os ovos da gente são de uma granja de Garanhuns. Então a gente sai buscando bons fornecedores locais também porque existe, também, muita qualidade”, explica.

Num segundo momento, o chef relata uma das experiências mais marcantes que teve nas terras romanas: “Eu e meu pai fomos para a Ligúria e lá a gente ficou numa cidade pequena. Meu pai sempre dizia assim, ó: ‘lugar bom na Itália é lugar que só tem cabelinho branco, onde os velhos estão’. Paramos para comer em um restaurante que só tinha duas mesas e uma boca de fogão. Pedimos um pesto genovese com vagem e batata. Veio um prato e depois outro. Quando coloquei uma garfada na boca, só consegui pensar: ‘Agora eu cheguei na Itália de verdade’”

Perguntado sobre o que esperar da gastronomia no Recife, o chef compartilha o que, para ele, é o segredo da longevidade de um negócio: bom atendimento, comida boa e focar num público mais velho, que tende a ser mais consistente nas suas preferências. Mas ele reitera: o mercado gastronômico da cidade ainda é muito fechado para novidades.

“Temos nossas exceções à regra como Pedro Godoy, do Arvo, o chef Saburó, que foi durante muitos anos o melhor sushiman do Brasil, Joca Pontes... mas é difícil a gente crescer enquanto o turismo daqui for totalmente voltado para Porto de Galinhas, enquanto a gastronomia local não for vista como parte desse turismo. Vejo, daqui alguns anos, se isso não mudar, muito do que já têm hoje: os restaurantes de sempre com os clientes de sempre”, ressalta Furetti.

## **A terra prometida e o Quibe de Vó**

Antes de ser proprietário do restaurante Rihan Culinária Árabe e trabalhar numa bancada de cozinha, Caio Rihan cresceu comendo das receitas de família da avó libanesa, durante quase toda a juventude. Nascido no pequeno vilarejo de Itabuna, na Bahia — onde tem, segundo o chef, uma colônia significativa de descendentes de sírio-libaneses —, ele conta como foi o processo de emigração da família.

“Meus bisavós vieram para o Brasil por causa das guerras e pela promessa de uma nova terra. Meu bisa foi mascate, já teve pastelaria, selaria também, de vender celas de cavalo, e ele conheceu a minha bisavó no Líbano. Eles se casaram lá em Beirute, capital, e se estabeleceram aqui em mil novecentos e vinte. A comida, como parte dessa herança, assim como nas famílias italianas, é uma tradição que não se perdeu na minha família. Acho que a cultura árabe tem essa movimentação de resguardo desse patrimônio”, explica.

A tradição da família Rihan de fazer quibes começou cedo: com a bisavó de Caio, que preparava os bolinhos para vender em clubes e eventos que existiam na época; Passou pela avó, dona Dulce, que produziu quibes como forma de sustento dos trinta aos oitenta e quatro anos. “Toda reunião familiar, quando meu tio — que morava em São Paulo, na época — vinha passar as férias na Bahia, ela fazia um monte de coisa. Cada dia fazia um prato diferente. Ela fazia Shish Barak, que é uma sopa com ‘trouxinhas’ de massa cozido em coalhada fresca; Fazia também Mulukhie, um espinafre egípcio muito usado em sopas; Pasteizinhos de coalhada, que é a esfiha que a gente vende lá no Rihan... Os quibes ela fazia todo dia e vendia para as pizzarias congelado”, relembra.

Depois de quatro anos em um pensionato em Aracaju, Sergipe, uma graduação em Arquitetura, um emprego na prefeitura e uma mudança de carreira, a tradição chegou em Caio. “Investi tudo o que eu tinha em um maquinário básico, e comecei a fazer quibe no meu apartamento. E foi assim que tudo começou: fazia os quibes e pegava uma bicicleta”.

Ainda jovem, transitava pelo centro da cidade, vendendo os bolinhos de família. “Entregava no Lisbela, na época da terça do vinil, no pátio de Santa Cruz; Entregava no Largura, um boteco ali em Casa Forte; Entregava no teatro Mamulengo, na praça do Arsenal. E todos eles eram clientes meus na época”, continuou o ex-arquiteto.

Passara o tempo: vieram os sócios — Tiago, um amigo querido que se tornara parte da família do chef, e Erick —; O primeiro espaço, alugado, com poucas mesinhas na frente e um cardápio simples; A mudança para o bairro de Casa Forte — onde passou a abrigar um dos estabelecimentos mais acolhedores e

charmosos da zona Norte —, o crescimento do negócio e... a morte de dona Dulce. No dia onze de maio de 2020. Ápice da pandemia.

“Minha avó, infelizmente, não chegou a conhecer o Rihan. Ela era uma pessoa amável, que gostava muito de cuidar e fazia isso através da comida. Desse cuidado em preparar uma refeição que nos tira um sorriso num dia bom e que conforta a gente num dia difícil”. Ele suspira. “Mas fico feliz em saber que uma parte dela, uma das mais bonitas, permanece viva comigo, com o Rian. E agora é continuar e passar isso pra frente, como ela fez e como eu tô fazendo. É como deve ser”, completa.

Sobre o futuro da gastronomia, Caio chama a atenção para uma questão pouco discutida, dentro e fora da cozinha profissional. “Cuidar da alimentação de casa. Se cuidamos da nossa cozinha do dia-a-dia, também estendemos esse cuidado para a cozinha que a gente consome, que a gente trabalha. Uma cozinha com mais responsabilidade, menos desperdício de água, de alimento, e sem tantas intervenções, no prato e no meio ambiente”, finaliza.

### “Um Caldeirão Fervendo”

Como o Nordeste se tornara esse lócus de experiências gastronômicas, a todo momento, salpica da panela, um apanhado de contradições. Coexistem, num mesmo território: velhos e novos modelos de negócio; Restaurantes e bares sendo inaugurados enquanto outras comedorias fecham as portas; Safras de insumos sendo reinventadas e outras tantas usadas do mesmo modo à exaustão; Um mercado que se abre para o novo, mas nem tanto: porque pernambucano é bairrista. Sai para comer o mesmo cuscuz, o mesmo arrumadinho de charque, o mesmo doce de fruta. Mas quer coisa nova.

Para Vanessa Lins, jornalista e editora-chefe do caderno gastronômico da Folha de Pernambuco, existe uma movimentação, há muito, percebida pelo radar de especialistas do ramo. “No Brasil, existe um movimento que, para nós, é muito recente, que é a valorização da cadeia produtiva, da relação “ganha-ganha”, de fornecedores e pequenos fornecedores. Não é mais só o restaurante ou o chefe que tem prestígio, mas tende-se a ter um sistema em que todo mundo, de certa forma, ganha visibilidade. E o chefe de cozinha ou o restaurante é a vitrine de tudo que vem antes do prato. Na Europa isso é recorrente.”, explica.

A respeito da influência das migrações estrangeiras na cozinha pernambucana, Vanessa evoca um nome, quase proibido, mas profundamente conhecido pela nação brasileira: Portugal. “A gente tem muito deles na panela e em cada colherada. A gente é alucinado por açúcar, como diria Gilberto Freyre: sem o açúcar não se explica o homem do nordeste”. Por isso que nossos doces são muito doces, né? Porque a gente tem uma influência muito potente da cultura portuguesa, que tem açúcar e gema na base de suas sobremesas.

A jornalista, também, fala sobre suas impressões sobre o futuro da gastronomia: “A gente deixa nossa culinária ancestral, nosso repertório gastronômico, num lugar muito doméstico. É como se não tivesse ‘pompa’ o suficiente para sair da cozinha de casa, da Tapioqueira da Sé, e se vender como uma potência. E isso é desvalorização. É não reconhecer o que é nosso, os nossos insumos. E eu acho que Pernambuco ainda não faz isso de forma expressiva. Precisamos começar a criar coisas mais propositivas”, argumenta.

Pela vitrine do mundo, a gastronomia nordestina — e também, do Recife — segue à frente dos fogões — uns mais brandos, e outros, mais fortes que a nossa gana de vencer, remando contra o destino severino que nos incubiram. Somos tudo, menos “iguais em tudo na vida”: somos o peixe cozido com pirão, a cerveja antes do almoço, o doce mais doce que qualquer outro. Somos, como diria Lenine: o leão do Norte. E o leão precisa continuar a rugir, até que os quatro cantos do mundo nos ouçam.

## O ORIENTE QUE PULSA NO CORAÇÃO DO RECIFE

Fazia o calor de costume, numa quinta-feira de costume, na capital pernambucana. No bairro de Casa Forte, zona norte do Recife, uma casinha de alvenaria pintada de um azul céu enfeitada a rua Jader Andrade. O aroma que saía de lá era capaz de fazer até o transeunte mais apressado — com a atenção enfurnada numa pilha de afazeres sem fim — esquecer para onde estava indo e ser tomado por aquele prazer tão familiar que faz a boca salivar.

A fome não era mais da pressa. Era da comida caseira que, ali, naquela construção simples, se fazia mais saborosa do que qualquer outra. E era ali que ficava o restaurante tradicionalmente coreano mais antigo do Brasil, o Burgogui.



Foto: Bieco Garcia/Reprodução

Adentro, estava a proprietária Helena Choi, de 57 anos, domando fogões que estavam a todo vapor. Ia de um lado para o outro, dando instruções aos chefes de cozinha que, mesmo experientes, estavam atentos a tudo que ela dizia. “Primeiro, a gente doura os mandus – bolinho coreano recheado com carne e legumes, semelhante a um pastel – e depois cozinha eles no vapor, para manter o recheio suculento”, sinaliza. Logo após, se dirige a bancada e começa a fatiar, com um capricho invejável, pedaços de um contrafilé bovino. Feito

isso, Helena pega um recipiente e começa a mexer com as mãos a carne, antes marinada em molho de soja, com alho picado e sementes de gergelim. Aquela era a base do Burgogui, churrasco de contrafilé coreano. Um sorriso escapa de seus lábios. Cozinhar aquele prato a fazia lembrar dos calorosos almoços de família no domingo, quando criança, e de seu pai, Kong Pil Choi, que fundara o restaurante em meados de 2001.

Antes mesmo de entender quem era, ou de ter idade o bastante para brincar de futuro, Kong Pil Choi vira, ainda muito menino, o rosto da guerra. Ele e Soon Ja Choi – a garotinha tímida que, mais para frente, viria a crescer e tornar-se sua esposa – nasceram em Shenyang, capital da província de Liaoning, no nordeste da China. Na época, os pais coreanos de Kong e os de Soon tiveram de se refugiar no país para fugir da invasão japonesa ocorrida entre os anos de

1910 e 1945, antes mesmo da Coreia deixar de ser uma, para se tornar duas nações independentes. Cessado os horrores da Segunda Guerra Mundial, os aliados – Inglaterra, França, Estados Unidos e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) – desfrutavam, enfim, da paz e das benesses da vitória. O mesmo, no entanto, como sela a própria história, não poderia ser dito para os países que estavam do outro lado do front.

A Coreia, que antes fora colônia japonesa, tivera o mesmo destino da Alemanha pós-guerra. A porção sul do país passava, neste momento, a ser controlada pelos Estados Unidos – que espalhava, com afinco, a ideologia capitalista na região – e a porção norte, da União Soviética. Kong e Soon, que chegaram ao país depois dele ser liberto do Japão – ele, aos 5 anos de idade, e ela, aos 3 –, foram separados desta vez não por um muro, mas por uma linha imaginária que ceifava o território ao meio, o Paralelo 38 N, e forçava milhões de famílias a cortar laços e, da noite para o dia, se tornarem inimigas declaradas.

Enquanto Kong Pil Choi se estabeleceu com a família em Seul – que, na época, estava prestes a se tornar a capital da Coreia do Sul –, Soon Ja Choi e seus pais

se instalaram em Pyongyang. Soon, ainda pequenina, viveu por três anos do lado norte da fronteira no regime de Kim Il-sung, avô do atual líder do país, Kim Jong-Un. E foi neste mesmo período que a sua família, mesmo com um temor que consumia até os ossos, decidiu cruzar o paralelo em direção ao sul. Assim o fizeram: numa noite sem lua, saíram todos de uma vez, apenas com as roupas do corpo.

Durante a fuga, Soon e a mãe acabaram sendo capturadas por militares e enquanto estavam sendo levadas a um galpão, Soon fingiu sentir dores no estômago e foi acom-



Foto: Bieco Garcia/Reprodução

panhada, junto da mais velha, a um matagal nas proximidades. Sem demora, as duas correram, mata adentro, sem olhar para trás – temendo que, se assim o fizessem, acabassem por encarar a própria morte. Sucessivos foram os disparos. Felizmente, as duas saíram ilesas. Mais tarde, Soon conseguiu se encontrar com o pai e o irmão, e os quatro conseguiram, enfim, atravessar a fronteira.

O temor havia cessado. Até a eclosão da Guerra da Coreia, em junho de 1950. Na época, Kong Pil-Choi tinha 10 anos e Soon, 8. O casal ainda não se conhecia, mas compartilharam da mesma memória: era um domingo de manhã quando as casas de Seul eram, pouco a pouco, engolidas pelas chamas. Gritos. Passos apressados. Corpos empilhados feito muros e estendidos, onde mal conseguia ver o chão – agora, tingido de um vermelho vivo. Meses de ofensivas. E Kong Pil Choi, ainda menino, teve de ir para as frentes de batalha. O sul-coreano de 11 anos carregava, ainda franzino, pesadas balas de canhão para a artilharia. Sentira o cheiro da pólvora, até hoje, impregnado no corpo e na mente.

Passaram-se sete anos. O Armistício de Panmunjon foi assinado e a guerra, ao menos nos papéis diplomáticos, chegara ao fim. Tempos depois, numa igreja evangélica de Seul, os destinos de Kong e Soon, enfim, se cruzaram. Não tardou para que começassem a namorar – ele tinha 20 anos e ela, 18 – e em 1963, casaram-se numa cerimônia discreta. No ano seguinte, tiveram seu primeiro filho, Pedro, e desembarcaram, com um punhado de incertezas nas malas, em solo brasileiro, em 1965. Kong era jornalista e havia sido transferido ao país para trabalhar como correspondente internacional do Jung-Ang Ilbo (Diário Central da Coreia), jornal e emissora de renome de Seul.

Em quatro anos de estada, a família Choi passara por Brasília – e viram, pouco a pouco, a capital de Oscar Niemeyer ser povoada por tons de branco puro, construções megalomaniacas e seus pouco mais de 500 mil habitantes, na época –, pelo Rio de Janeiro e São Paulo, onde nascera sua filha, Helena. Como esperado, Kong Pil-Choi também não escapara do cerco armado da ditadura e foi detido pelos fardados do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) por escrever sobre o governo militar, a vida dos generais e a Igreja Católica. Felizmente, saiu ileso.

E quando estava prestes a retornar à Seul – já que seu “mandato” no Brasil havia acabado –, conheceu o famoso economista Celso Furtado e o entrevistou

para uma reportagem especial sobre a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). De lá, percorreu nove estados do Nordeste, até chegar à sede da Sudene, na terra “de encantos mil” – como era descrito o Recife pelos olhos do rei do brega romântico, Reginaldo Rossi.

Ao passo em que caminhava pela areia fofa da Orla de Boa Viagem; passeava pelas pontes e monumentos históricos do centro da cidade; E proseava com os moradores daquela cidade calorosa de clima e de espírito, Kong Pil Choi sentira o coração frevar, como uma criança que vira, pela primeira vez, os bonecos gigantes de Olinda cortando caminho pela multidão embriagada de alegria, com serpentinas nas mãos e nas curvas do sorriso. Não tinha jeito: era amor. Que coisas grandes – e miúdas, e singelas, e irreverentes na mesma medida – fazem aqueles que estão repletos de amor.



Foto: Bieco Garcia/Reprodução

E a de um Kong Pil Choi, já bem crescido, foi pedir demissão do jornal e pousar, de vez, nas terras do Recife, e abrir uma pequena comedoria coreana na zona norte da capital pernambucana. Afinal, mesmo para um homem tão peregrino, existem naturezas pelas quais terra nenhuma é capaz de tomar. Em meio à churrascarias opulentas e franquias de restaurantes capitaneadas pelas mesmas famílias de prestígio, ele vende ensopados encorpados, vegetais fermentados e apimentados, bem como tiras de filé

servidas numa pequena grelha. Os acompanhamentos, bem coloridos e dispostos de maneira circular, sugerem um ritual a ser seguido. E são, acima de tudo, uma celebração: das farturas que são colhidas da terra e das vidas que resistiram à fúria da guerra. E aqui, neste porto que virou cidade, ele faz morada, com sua família, até hoje.

Agora, com os fios já grisalhos pelo tempo, Kong Pil Choi, de 85 anos, segue imortalizando, na carne e na memória, uma das histórias de vida mais fascinantes do Recife. Ele, maestro de corais juvenis, médico oriental e professor da Escola de Língua Coreana de Recife – dirigida pelo Consulado da Coreia do Sul –, é, sobretudo, um pai orgulhoso de seus rebentos e um avô amoroso. Para o ex-vereador Romildo Gomes Filho e a Câmara Municipal da metrópole pernambucana, o Sr. Kong é o “cidadão do Recife” – título estampado, orgulhosamente, nas paredes do Burgogui. Mas para a Helena menina e a Helena com dois filhos já crescidos, Kong Pil Choi é, para sempre, o pai que dera a volta no mundo pelos filhos e que é mestre em tirar espinhas de peixe com hashi.

– Helena, tem uma garota te procurando. Ela disse que marcou com você uma entrevista para hoje a tarde”. Helena, que estava para dar os toques finais nos pedidos, vira-se para Eli, seu marido. “Já estou indo”, ela responde.

Tempos depois, ela sai da cozinha, satisfeita com seu trabalho, e se dirige à mesa onde estava uma jovem franzina, com as mãos sujas e a boca cheia de comida – porque comida coreana se come com as mãos e de boca cheia, para mostrar satisfação. Ao vê-la, a menina limpa as mãos de forma desajeitada e sorri. “Fique à vontade”, Helena diz e se senta. Pratos e copos entram e saem da mesa.

– Então, Helena. Antes de falar de você, que é da segunda geração de imigrantes da família Choi, queria que me contasse um pouco da história de seu pai.

Helena sorri, com os lábios e com as pequenas linhas de seu rosto.

– É uma longa história... – ela olha para a mesa ao lado, que tinha uma família grande e barulhenta, reunida. Todos estavam rindo, com a boca cheia de macarrão de arroz. Helena sorri e volta a encarar a jovem de olhos atentos – ‘Tá com tempo para ouvir?

## SE NÃO FOSSEM OS UMAMIS DA VIDA



*‘Tá se alimentando direitinho?’. Rômulo Jackson/Reprodução*

Amanheço – desde muito menina – de estômago vazio. É daqueles ritos que não consigo largar e nunca soube ao certo o porquê. Minhas manhãs eram feitas de um jejum sagrado e silencioso – ainda que, à época, não fosse muito religiosa. Eram feitas de um jejum que, por razões maternas, tirava o apetite de dona Kika. “Toma, pelo menos, um copo de iogurte, menina! Já te disse que saco vazio não para em pé”, advertia a mais velha, bebericando sua boa e velha xícara de café com leite. Como em boa parte das famílias nordestinas, dona Kika – ou um ‘mainha’, bem nasal, como carinhosamente costumo chamar – é uma espécie de padroeira na mesa. Pois neste “sertão que vai virar mar” – e neste “mar que vai virar sertão”, nas palavras de Glauber Rocha –, mais sagrado que o pão nosso de cada dia, só a vigília protetora de mãe. da minha mãe.

Não me entenda mal: sempre fui boa de garfo e me orgulhava de ter, no almoço, entre as crianças da minha idade, o prato mais colorido. Mas sempre

fui um bicho mais da noite, apesar de ter vivido — e viver — boa parte da minha vida num fuso matinal. Aos vinte e poucos anos, isso não é diferente. Exceto que, hoje, a vida acadêmica num caos urbano me tornou amante das madrugadas. E de um energético saborizado quando a graduação pede mais de mim.

Saio de casa, pego o ônibus num fim de tarde e tomo meu destino bem na nascente da Avenida Conde da Boa Vista. Naquele mar revolto de pedestres e ambulantes, ouço — de canto de ouvido — um carroceiro de lanches cantarolar o ponto de Iemanjá, regente das ondas: “Ô, Minha Mãe Iemanjá / Hoje eu vou cantar / Vou louvar na areia / Em lua cheia a mãe Iemanjá”. De súbito, me vi na praia de Itamaracá. O vestido trançado arrastava, enquanto eu cravava os dedos dos pés na areia molhada. Sentira o vento. O cheiro de sal. O tempo. Naquele azul profundo, pensava na minha fome crônica de viver. De partir o horizonte ao meio e provar de todos os caminhos que eu quisesse seguir. Eu queria comer todos os figos que a vida me oferecesse, porque não suporto a ideia de vê-los apodrecer. De assisti-los perder o sumo por ter medo demais.

Medo de mastigar, sem querer, o amargo dos caroços. Medo de comer e não gostar. Medo de comer tanto de um único figo e não ser capaz de consumir outra coisa pelo resto da vida. Um temor que Clarice Lispector tivera, muito nova, quando mastigou um chiclete pela primeira vez: o [medo] da eternidade. A sina de quem vive — não por escolha — um dia de cada vez num mundo sempre com pressa. A sina de quem degusta, na santa ceia, só do pão, pelo temor de não saciar essa minha sede de mundo com um só gole de vinho.

Mas antes que eu seja levada pela correnteza, um cheiro familiar me resgata. E um sorriso nasce no meu rosto antes que eu sequer perceba. Me viro, de costas para aquela imensidão salgada, e encontro minha família, sentada numa mesa à beira-mar, com uma porção generosa de guaiamuns bem curados. E por obra do acaso — ou do destino, por que não? —, como boa filha de mangue, sou apaixonada por frutos do mar.

Me junto a eles na mesa. Agarro um dos guaiamuns e, sem demora, começo a sugar todo o seu sabor pelas patas. Gosto de pensar que, antes mesmo de me entender como gente, eu já sabia comer com muita maestria todo tipo de crustáceo. Até me orgulho de não desperdiçar nada da carne suculenta ou cortar o céu da boca.

Essa minha sabedoria, que vem sendo aprimorada com o passar dos anos, e esse meu gosto pelo mar e seus frutos, aprendi com meu pai. Ele, por sua vez, aprendeu com a minha avó, filha de pais ribeirinhos e que faziam da pesca o árduo sustento de toda uma vida a três.

E é por uma vida desaguar na outra que, hoje, eu sei identificar quando o pescado é fresco; Diferenciar, só de experimentar, a carne de um guaiamum, de um caranguejo; Que fêmeas de crustáceos costumam ser maiores que os machos — e, por conseguinte, serem mais saborosas; O ponto exato de grelhar um camarão, e tantos outros saberes que vem de uma mesma linhagem cabocla e enxerida na cozinha. daquelas genéticas bem metidas, por sermos ungidos em azeite de dendê e torrar no sol que nem calda de açúcar.

E antes que me demorasse mais naquele sonho paradisíaco, eu desperto.

Uma buzina furiosa e insistente me faz voltar aos eixos. Aperto o passo e, em pouco tempo de caminhada, chego à Universidade. Transito, com pressa, pela infinidade de barraquinhas e estabelecimentos na rua do lazer, depois de um dia difícil. “Tenho fome de que, hoje?”, volta e meia, me pergunto.

Volta e meia, também, me pego respondendo de forma muito passional: Tenho fome de tudo, oras. Mas fome mesmo tenho é do brigadeiro quente da minha mãe, que vinha sempre desavisado em uma madrugada de filmes. Da sopa de feijão de Dadá — a mãe que sangue algum seria capaz de apagar; Tenho fome dos tabletes de doce de leite que minha avó paterna, com tanto carinho, me presenteava;

Da salada de bacalhau da minha avó por parte de mãe servida em todo Natal; do macarrão com molho de tomate da minha irmã e do camarão ao alho e óleo do meu pai que são, sem sombra de dúvidas, os melhores do mundo.

Tenho fome é de um futuro melhor e por essa razão tenho me virado — à pernambucana — para dar conta de tudo, todos os dias. Sorri, como quem tem — no sangue e no céu da boca — uma constelação de histórias.

Apreendi com os meus que o que se come – com os olhos, com a boca –, se devora, também, com a alma; Que a gente tem de sugar o tutano da vida e da fruta, roer até o caroço para assim honrarmos essas pequenas porções de eternidade; À cozinhar, de mãos vazias, e fazer pratos cheios de sabor, mesmo com as sobras dormidas de um dia pro outro; A nutrir-se de amor: nas mesas em que nos servimos; nos ambientes que frequentamos; nas vidas que atravessamos e nas outras tantas que nos atravessam – posto que é umami tudo aquilo que se faz eterno nos sentidos. Nesta carne que é tão nossa quanto daqueles que, munidos de fé e fervura, viveram uma vida inteira antes de nós.



'A praia é melhor pra ficar'. Rômulo Jackson/Reprodução

# "POR AMOR EU NÃO CHORO, PREFIRO SEMPRE CANTAR"

A HISTÓRIA DE UM PERCUSSIONISTA ALVIRRUBRO, UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA RUBRO-NEGRO E UMA APAIXONADA TRICOLOR RESISTEM NO RECIFE

por Eduardo Leite

No Recife, na manhã do dia 1º de fevereiro de 2025, antes do Clássico das Multidões que aconteceu naquela tarde, as Torcidas Organizadas (TOs) de Santa Cruz e Sport entraram em conflito na rua Real da Torre, no bairro da Madalena. O episódio não foi uma exceção. Infelizmente, o medo toma conta do recifense que em dia de clássicos aguarda observar as ruas da capital pernambucana se transformarem em cenário de guerra em mais uma confusão entre as uniformizadas do Trio de Ferro (Náutico, Santa Cruz e Sport).

A violência no futebol brasileiro é uma realidade que, segundo a pesquisa realizada pelo jornalista esportivo Rodrigo Vessoni, causou 407 mortes de 1988 a 2024. O mapeamento de confrontos entre torcidas e/ou forças de segurança aponta para um índice preocupante para o Brasil, considerado popularmente como o "país do futebol". Conforme ranking feito pelo portal do GE, em março de 2025, a maior média de pagantes com jogos públicos como mandante é do Corinthians, cerca de 44 mil torcedores. Santa Cruz e Sport aparecem na lista com aproximadamente 23 mil e 10 mil, respectivamente.

De fato, a paixão pelo futebol faz parte da identidade nacional, uma cultura enraizada em muitas famílias brasileiras, desde o inédito pentacampeonato mundial da Seleção Brasileira masculina até os oito títulos da Copa América Feminina. Porém, a afeição do torcedor transcende a clássica amarelinha.

Acompanhar o clube de coração exige mais afimco, fixação e, agora, perseverança. Afinal, o amor pelo time perdura, mas ele é capaz de vencer o medo?

“Eu estou muito desesperado”. Foi como o estudante da graduação de História, Márcio Dias, de 20 anos, descreveu o sentimento de aflição após ter presenciado de perto o confronto protagonizado pelas principais organizadas de Santa Cruz (Explosão Inferno Coral) e Sport (Torcida Jovem do Leão) no dia 1º de fevereiro deste ano. Na ocasião, o jovem estava em seu carro se encaminhando para uma unidade da academia Selfit, próxima ao local do violento episódio, que aconteceu na frente dele. “Eu não sei como conseguir sair ileso”, confessa.

Quando teve seu veículo apedrejado durante a confusão, Márcio estava acompanhado da namorada, Marianne Cardoso, de 21 anos, que também cursa História. Ele relatou que estava na rua Real da Torre, esperando o sinal abrir para seguir o seu trajeto, quando se deu conta, uniformizados das duas torcidas começaram o conflito e, rapidamente, um “arrastão” praticado pela organizada do Sport avançou em direção aos veículos.

Segundo o estudante, a chegada dos torcedores corais e da Polícia Militar (PM) conteve o avanço. O susto foi grande. O resultado também. Além dos vários estabelecimentos depredados na região próxima ao conflito, houve ao menos 13 feridos e quatro pessoas internadas no Hospital da Restauração (HR), incluindo o presidente da organizada do time rubro-negro, João Victor. No dia em questão também foi relatado outros episódios de violência na cidade, antes e depois do jogo - que não foi adiado -, mas em proporções menores, muito por conta da quantidade de torcedores uniformizados detidos pelas autoridades naquela manhã.

“Não há condições de segurança no momento para que jogos do Santa Cruz e do Sport sejam feitos com torcida”, informou o secretário de Defesa Social, Alessandro Carvalho, em entrevista concedida na noite do confronto. Ele acrescentou que “não houve nenhuma falha no policiamento. Existem torcedores e existem aqueles que querem brigar, muitas vezes provocando mortes”.

Essa omissão é profundamente problemática, pois não apenas impede ações preventivas e educativas, como também contribui para a marginalização das torcidas, que continuam atuando de forma desregulada e invisibilizada. Em Pernambuco, o Ministério Público Estadual (MPPE) e o Tribunal de Justiça de Pernambuco (TJPE) determinaram a extinção formal das principais torcidas organizadas do Trio de Ferro em 2020, mas não significou, na prática, o fim de sua existência ou de suas atividades.

O que ocorreu foi uma mudança dos Cadastros Nacionais de Pessoa Jurídica (CNPJ), burlando as restrições e decisões judiciais. Sendo assim, o poder público perde a chance de atuar de forma estratégica e integrada, contribuindo, ainda que indiretamente, para a perpetuação da violência no futebol.

A repercussão alcançou um grande debate nas mídias nacionais, com as violentas imagens gerando repulsa de quem se deparava com as cenas de violência registradas pelos moradores dos prédios aos arredores ou das câmeras de segurança de estabelecimentos comerciais.

Segundo a psicóloga psicanalítica Patrícia Amazonas, a teoria de Freud sobre a natureza humana como “um animal de horda” pode ser relacionada a episódios de violência coletiva, como o ocorrido entre as Torcidas Organizadas de Santa Cruz e Sport.

“A perda de individualidade e uma maior propensão a comportamentos agressivos ocorrem, especialmente, quando o grupo é estimulado por emoções fortes, como a rivalidade e a competição. Portanto, quando torcedores se reúnem, a identificação com o grupo e a figura do líder podem intensificar esses aspectos, resultando em ações violentas”, reforça a profissional.

Em um áudio compartilhado entre as uniformizadas através do Whatsapp, um integrante da Torcida Organizada rubro-negra expõe uma contradição na atitude tomada pelo presidente João. No conteúdo vazado, o torcedor relata a postura imprudente do principal dirigente que teria incentivado a ida dos membros ao confronto com a torcida rival, sob a suposição de que esta também se mobilizaria em maior número para um embate.

Conforme o relato, a decisão foi tomada sem o devido planejamento e ignorando riscos concretos de violência, revelando uma falta de noção por parte da liderança sobre as consequências potenciais daquele incentivo. João sofreu abuso sexual, após ter sido agredido pelos rivais. Ele foi para o HR no dia do ocorrido, local que recebeu a prisão preventiva (ele já está em liberdade provisória), e dias depois foi transferido para outro hospital da Região Metropolitana do Recife (por sua segurança a informação do hospital não foi divulgada).

“Então, por um momento eu tive uma epifania, uma descrença do futebol, mas depois eu parei para pensar e entendo que isso não é a representação do futebol. Esses episódios de violência se conectam muito mais a identificação dessas pessoas com a organização das quais elas são filiadas”, compartilha Márcio.

Alvirrubro desde pequeno, Márcio começou a frequentar ocasionalmente os jogos do Náutico no Estádio Eládio de Barros Carvalho (ou Estádio dos Aflitos) há dois anos. Em 2025, ele se tornou sócio-torcedor e integrou a Torcida Organizada Os Centenários, além de ir ao campo em quase todas as partidas disputadas em casa pelo Timbu (apelido e mascote do clube). Devido aos casos de violência no futebol, em Pernambuco, o jovem já se preocupou em sair com a camisa do time e deixou de ir para os jogos por conta do medo.

Depois de ter presenciado cenas violentas de perto, o sentimento de Márcio como torcedor mudou, de acordo com ele.

“De lá para cá, a minha identificação e o meu amor ao futebol e, principalmente, ao Náutico aumentou. As pessoas que fazem esse vandalismo representam disputas ideológicas que foram criadas a partir da experiência além do estádio, mas não está vinculada àquilo”, expressa o jovem torcedor.

Em tempos de violência, Márcio aproveita para exaltar a festa feita dentro dos estádios, defendendo, inclusive, que o torcedor não deve ir apenas para ver a partida do seu time, mas aproveitar a festividade do ambiente. Pensando nisso, ele entrou no grupo de percussão dos Centenários, sendo um dos bateristas da organizada, de forma voluntária, mudando a relação dele com a arquibancada.

“É um sentimento único e ímpar estar nos Aflitos tocando a música e fazendo os torcedores pularem. Não tem pagamento. É realmente um sentimento de orgulho, de amor e de felicidade que não vai acabar e aumenta a cada jogo (...) é Náutico, cerveja e nada mais”, exalta Márcio.

Agora, imagina um torcedor que frequenta o estádio há 40 anos - como a sua relação foi alterada ao longo de quatro décadas? O professor de matemática Carlos Eduardo, de 53 anos, que costuma ir aos estádios desde 1985, segue indo ver o seu clube do coração - o Sport -, por conta de uma questão de logística e amor.

Dedicado ao estudo e aplicação da matemática, o professor resolveu um grande problema através de uma grande mudança - literalmente. Com os índices de violência aumentando, mas o desejo de acompanhar as partidas como mandante do time rubro-negro no Estádio Ademar da Costa Carvalho (ou Ilha do Retiro) permanecendo, Carlos decidiu se mudar para um edifício que fica a 300 metros do campo do Sport.

Para ele, essa distância (de cinco minutos andando) permite uma locomoção mais segura, com a possibilidade de chegar perto da hora do jogo, bem como, sair antes do apito final, evitando assim grandes aglomerações de torcedores. Por que uma mudança tão drástica?

“A atmosfera do estádio permite uma conexão com o Sport distinta do jogo televisionado. O barulho da torcida, a interação com outros torcedores, o grito de gol na Ilha do Retiro é diferente”, expõe Carlos.

Claro, Carlos não frequenta mais clássicos fora de casa, porque se tornou um ambiente muito inseguro para ele. Antigamente, ele ia aos Aflitos e ao Estádio José do Rego Maciel (ou Arruda) ver o Sport jogar contra seus rivais, no entanto, hoje, além da Ilha do Retiro, o professor comparece aos jogos do time rubro-negro no Estádio Governador Carlos Wilson Campos (ou Arena de Pernambuco).

Difícil é imaginar que, mesmo não sendo incentivada, a estudante de Jornalismo Mariana Gonçalves, de 23 anos, tenha chegado às arquibancadas no momento mais conturbado da história do seu time de coração, o Santa Cruz.

O clube ficou oficialmente sem divisão nacional em 2024, mas foi a curiosidade que reacendeu a sua paixão pelo Mais Querido (apelido do tricolor).

Durante a sua infância e adolescência, Mariana foi impedida pela sua mãe de ir acompanhar o seu pai nos jogos do Santa Cruz, por ela acreditar ser um ambiente muito perigoso para uma criança. Ao longo dos anos, a estudante não criou o hábito de acompanhar futebol até surgir o desejo de comparecer a uma partida, quando tinha 20 anos. “Eu me apaixonei e não quis mais parar de ir ao estádio (...) reacendeu a minha paixão pelo Santa Cruz, a vontade de apoiar e torcer de perto. Sou fã do Santa Cruz e a arquibancada faz parte dessa minha conexão”, declara.

Desde aquele dia, Mariana permaneceu indo ao Arruda, lembrando até momentos de quando seu avô ensinou para ela os cantos da torcida tricolor, que ela canta no estádio atualmente. Inclusive, seu momento mais marcante com a camisa do Santa Cruz aconteceu no dia 16 de janeiro de 2025, doze anos depois do falecimento do seu avô.

“No final das contas, futebol é sobre esse amor que é muitas vezes passado de geração em geração como no meu caso. Então, esse dia foi muito especial para mim, pois lembrei muito do meu avô”, conta Mariana.

No jogo em questão, o time coral superou (por 2x0) o Petrolina, em partida válida pelo Campeonato Pernambucano. A euforia na arquibancada levou em conta também o fato da assinatura da proposta vinculante para a venda de 90% da Sociedade Anônima do Futebol (SAF) do Santa Cruz ter sido assinada pelo presidente Bruno Rodrigues, no dia 13 de janeiro de 2025.

A jovem tricolor evita os jogos considerados mais perigosos, como os clássicos e partidas decisivas que podem interferir no temperamento dos torcedores. “Após o episódio do dia 1º de fevereiro deste ano, o que aconteceu é de gerar pânico e medo no torcedor, porque às vezes as pessoas que não tem nada a ver sofre com a situação. Então, eu tenho muito medo e dúvidas se eu iria para um jogo com torcida mista”, salienta a jovem.

Contudo, sempre que pode ela vai marcar presença no Arruda. “No estádio observamos pessoas de diferentes idades e classes sociais juntas num só ideal e

vibrando com o time. Isso é lindo. A gente realmente se conecta com a torcida e entende o poder do futebol e do amor ao clube”, afirma Mariana.

Apesar dos riscos e da violência no futebol, a história desses três torcedores mostra que o amor pelo clube resiste. Entre memórias, pertencimento e paixão, eles seguem firmes nas arquibancadas, provando que, para quem vive o futebol de verdade, o sentimento é mais forte que o medo, afinal, como diria o artista pernambucano Capiba “Por um amor eu não choro. Prefiro sempre cantar”.

## O OUTRO LADO DA MOEDA: TORCIDAS ORGANIZADAS DO RECIFE REÚNEM ESFORÇOS PARA A REALIZAÇÃO DE AÇÕES SOCIAIS E COMBATEM A MARGINALIZAÇÃO

No Brasil, as Torcidas Organizadas (TOs) carregam uma dualidade que há décadas desafia o olhar da sociedade. Por um lado, são vistas como forças institucionalizadas, capazes de mobilizar milhares de torcedores, organizar festas grandiosas nas arquibancadas e manter viva a cultura do futebol, na mesma medida que são associadas aos casos de violência, as preparações para confrontos e marginalizados por essas práticas.

Segundo a Secretaria Nacional de Segurança Pública, até o mês de março de 2022, o Brasil contabilizava um caso de violência no futebol a cada quatro dias. Em contrapartida, a média de público pagante apresenta números significativos, segundo ranking realizado pelo portal GE, em maio de 2025. Dentre as maiores médias, como mandante, estão times como Corinthians (1º), com mais de 44 mil, Cruzeiro (2º) e Flamengo (3º), próximo de 31 mil, e Santa Cruz (9º), com cerca de 23 mil.

Ou seja, compreendemos que a festa continua, apesar dos casos de violência existirem e, infelizmente, se manifestam de maneira concreta nos estádios e arredores. Mas essas duas óticas não contam toda a história.

Por trás dos bandeirões, mosaicos, estandartes, batuques e cantos, há também um trabalho silencioso, mas fundamental entre os torcedores organizados que se mobilizam em ações sociais, promovendo campanhas solidárias, distribuindo alimentos, apoiando causas comunitárias e exercendo um papel ativo em seus territórios - clubes.

Em 2018, a Torcida Organizada Fúria Alvinegra realizou um protesto juntamente com outras organizadas do Clube Atlético Mineiro, solicitando o fim da marginalização do torcedor organizado. Nas redes sociais, a mensagem era clara: “Que julguem e culpem os culpados, as organizadas não podem responder pelo ato de marginais que se escondem atrás de nossas camisas”.

Não podemos reduzir o diálogo com todas as torcidas organizadas apenas à violência, pois estaríamos apagando a complexidade de um fenômeno que também gera pertencimento, identidade e transformação social. É com esse ímpeto de entendê-las para pensar o futuro do futebol que esta reportagem decidiu ir em busca de iniciativas que contribuam com o seu clube de coração dentro e fora dos gramados.

Hélio Dantas, de 33 anos, é membro da Torcida Organizada Avante Santa Cruz – Portão 10 desde a fundação, em 2007, quando um grupo de amigos decidiu transportar uma comunidade do Orkut para as arquibancadas do Estádio José do Rego Maciel (ou Arruda). O torcedor criando vínculos com a Barra Brava (nome original) durante os jogos e com o tempo assumiu responsabilidades administrativas.

“Creio que os torcedores organizados servem como referência para boa parte dos ‘torcedores comuns’, então, além do apoio aos jogadores durante a partida, que é nosso principal foco, também buscamos dar um bom exemplo em outras esferas, fora da arquibancada, mostrando que o Santa Cruz vai muito além de um simples clube de futebol”, afirma Hélio.

Dentre as ações sociais da Avante Santa Cruz, estão campanhas solidárias para a comunidade nas redondezas do Arruda, arrecadação para custear as viagens das categorias de base ou revitalizar a quadra do Arrudinha, distribuição de cestas básicas para funcionários do clube e também a realização de atividades em datas comemorativas, como o Dia das Crianças.

“O impacto de realizar uma ação social é determinante, pois consolida o elo entre torcedor e clube. Essas ações das Torcidas Organizadas aguçam um pertencimento nos participantes e, conseqüentemente, faz com que os beneficiados enxerguem a grandeza da instituição Santa Cruz”, expõe o torcedor.

Diante da marginalização dos torcedores organizados, Hélio não esconde a sua indignação aos estereótipos e generalizações que essas organizações sofrem, principalmente, da mídia.

“Essas ações sociais sempre existiram entre todas as torcidas, mas parte da imprensa não sabe ou até prefere não publicar, porque geralmente o que todo mundo quer e está acostumado a escutar são coisas ruins das Torcidas Organizadas. É fundamental uma matéria como esta para trazer o outro lado da moeda. A maioria dos integrantes das TOs estão presentes para apoiar e exaltar o seu clube, nada além disso”, defende Hélio.

Sim, torcedores uniformizados podem arrumar confusão nas ruas da cidade, contudo, esses indivíduos não são comprometidos pelo dia a dia das torcidas. “Os baderneiros que fogem dessa lógica não podem ser usados como referência, e sim, os que lutam pela valorização da sua torcida e clube. As TOs não podem ser estereotipadas por atos de grupos isolados”, conclui.

Quem vive uma realidade semelhante é Luana Cordeiro, de 24 anos, da Torcida Timbu Chopp, do Náutico. No caso de Luana, a curiosidade de compreender o funcionamento por trás das Torcidas Organizadas levou ela, através de uma colega, a conhecer a história da Timbu Chopp. Em mais de um ano como integrante, a torcedora já alcançou um cargo na diretoria da TO.

“A Torcida Organizada não é nada do que a mídia fala. Existe uma história por trás, existem pessoas que fazem acontecer e que dão a vida pelo amor ao time. Eu aprendi com os torcedores da Timbu e acabei virando membro da família. Só quem vive sabe da paixão e da adrenalina que existe dentro de um estádio”, exalta Luana.

Para a alvirrubra, a Timbu Chopp é um espaço para as pessoas encontrarem

amizades e também uma forma de expressar suas emoções de maneira intensa, representando um senso de comunidade, união e paixão de amor ao Náutico. Nesse sentido, surgem as ações sociais desenvolvidas pela organização, como forma de contribuir com a comunidade do clube.

“Nossas ações sociais mais importantes acontecem em datas comemorativas (...) e podem contribuir para uma sociedade mais justa, solidária e consciente, além de mostrar que o amor pelo time pode caminhar junto com o compromisso social”, expressa a torcedora.

Luana argumenta que o impacto das ações sociais podem colaborar na mudança da percepção negativa sobre as torcidas organizadas. “Quando essas torcidas se envolvem em atividades que promovem a inclusão, a solidariedade e o bem-estar da comunidade, elas mostram um lado mais positivo e construtivo”, finaliza a torcedora.

As Torcidas Organizadas de Sport foram procuradas pela reportagem, mas não retornaram até o fechamento desta matéria. Ainda assim, é importante destacar que essas entidades também realizam ações sociais relevantes, bem como mostram os dois exemplos apresentados ao longo do texto.

Iniciativas como essas evidenciam que, para além da rivalidade nos estádios, as TOs desempenham um papel ativo e comunitário em Pernambuco, contribuindo de forma concreta para seus clubes.

## PARA SEMPRE TRICOLOR

Recentemente, viralizou em páginas e perfis tricolores nas redes sociais um vídeo de um pai tricolor com o seu pequeno filho nos braços, comemorando a vitória do Santa Cruz contra o Ferroviário, do Ceará, no Arruda, pela sétima rodada da Série D do Campeonato Brasileiro 2025. De imediato, esbocei um sorriso alegre ao ver o momento, no entanto, após uma longa pausa de reflexão notei que eu não me lembro da minha primeira vez no estádio.

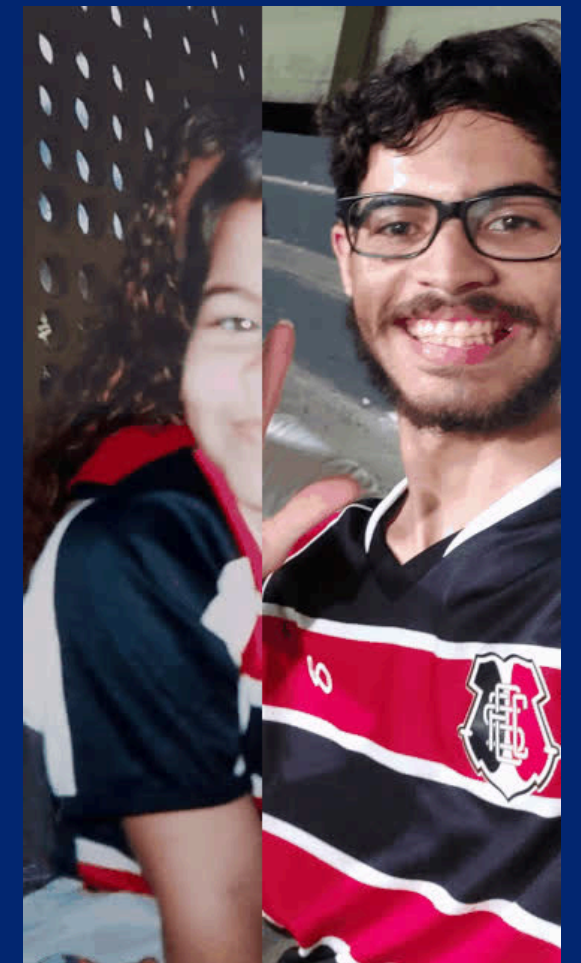
Antes, vamos voltar no tempo. Rubro-negro de berço, eu não tive muita escolha se não torcer pelo Sport, afinal, pai, mãe, avô, tio, irmão e quase todos os familiares - que se importam com futebol - são torcedores do Leão da Ilha. Antes mesmo de aprender a falar, as cores vermelhas e pretas faziam parte do meu guarda-roupa, contudo, não me recordo de nenhum momento torcendo para o Sport.

Claro, partidas televisionadas chamavam a minha atenção e conseguiam - por alguns instantes - me aquietar, mas eu nunca torci. Eu não nem gostava de futebol, até então. O que mudou na vida deste jornalista para que ele decidisse anos depois dedicar o seu tempo e escrever esta crônica sobre sua relação com o futebol?

Bom, vamos lá!

Depois de anos separada, minha mãe, conhecida popularmente como Dona Ceça, casa novamente com um antigo amor da sua graduação, inclusive, eles se conheceram na Universidade Católica de Pernambuco, ela cursando Psicologia e ele Geografia - veja a ironia do destino que também me levou a escrever este texto na Unicap.

Após o relacionamento ser abençoado pelos pavões, nós mudamos para a casa de Fernando, que hoje tenho o orgulho de chamar de pai. Na época, ele dificilmente perdia um jogo do Santa Cruz, adorava ir ao estádio beber, confraternizar com os amigos tricolores e torcer pelo “santinha”. E não demorou para passar esse sentimento para mim, seu filho mais novo. Seus filhos de outros casamentos, já estavam preocupados com o vestibular e moravam em outras casas, não tinham o costume de acompanhá-lo. Mas eu tive. Como disse, eu não lembro da minha primeira vez no estádio, mas guardo



*Acervo pessoal Eduardo Leite*



Acervo pessoal Eduardo Leite

em mim diversas memórias e saudades de um Arruda sempre lotado, sempre cantando, sempre tricolor. Desde o primeiro jogo - que não faço ideia qual tenha sido - até hoje, o sentimento é o mesmo: amor.

O que foi paixão à primeira vista se tornou um sentimento muito maior de identificação e pertencimento. Evoco lembranças banais, como o cheiro de cerveja que impregna após a comemoração de um gol, subir nas costas do meu pai, a mão tingida pelo corante vermelho do picolé, a manteiga da pipoca

salgada, a providência duvidosa do salsichão, os mosaicos, os bandeirões, as faixas de campeão, até de Jesus Tricolor, uma entidade no Arruda.

Recordo de partidas importantes, como a vitória na Copa do Brasil em cima do São Paulo, com mais de 40 mil torcedores no estádio, os estaduais vencidos contra o Sport e o título inédito da Copa do Nordeste, em 2016. Claro, nada disso teria o meu sorriso se não tivesse em cada um desses momentos o meu pai ali do lado comigo.

Uma vez “minha jóia”, Thiago Medeiros, questionou o meu pai. “Fez o menino virar tricolor, senhor Fernando? Pelo menos viveu momentos áureos”, claro que sim!

Mas também, aprendi que a vitória é somente uma das possibilidades de resultado de uma partida, mas a festa nas arquibancadas é fundamental para se viver. A composição de Capiba é certa: Santa Cruz, Santa Cruz // Junta mais esta vitória // Santa Cruz, Santa Cruz // Ao teu passado de glória.

Juntos, o sentimento de unidade que desejo passar adiante é fruto de uma vivência que não me recordo quando começa, tampouco me preocupa como irá acabar, pois o que eu quero mesmo é continuar sendo tricolor, e por enquanto, isso basta.

# AS HISTÓRIAS DE QUEM FICA

## AS MUITAS FACES DE UM LUTO PARA QUATRO MULHERES DO RECIFE

por Laura Carvalho

“Perder essas três figuras foi das coisas mais cruéis e dolorosas que poderiam ter me acontecido”. Essa fala é de Gabriela Medeiros, professora recifense de 34 anos, que perdeu a mãe, a avó e o tio em um intervalo de dois anos. A dor de perder quem se ama, como muitos sabem e já experienciaram, chegou sem avisar e foi quase que instantânea. Gabriela viveu na pele esse processo tão complexo e cheio de camadas que é o luto ao perder três dos grandes amores, e teve sua vida transformada depois disso.

Como em 53,9% dos lares pernambucanos, essa família também era chefiada por duas mulheres: Eliete Medeiros, 92 anos, e Maria de Lourdes Medeiros, 64 anos. A relação filha, mãe e neta era a força motriz daquela casa. “Sempre fomos nós três, em tudo e para tudo”, diz Gabriela. As raízes femininas eram fortes naquele lugar, mas, o que não se imagina, é que ali também houve a presença marcante de uma figura masculina, a quem a professora o referenciava como pai, o tio Ezio Medeiros, de 64 anos. “Foi o tio mais presente na minha vida. O que eu mais amei e por quem eu mais fui amada”, contou. “Às vezes, no horário do almoço, dormia enquanto eu massageava as pernas dele com creme hidratante”, lembra.

Em outubro de 2021 tudo isso mudou. Ezio faleceu repentinamente, vítima de um infarto - maior causa de mortes no país, segundo dados do Ministério da Saúde. “Foi um baque. Como assim tio Ezio havia morrido? Ele estava vivo ontem, falando comigo, andando e se alimentando bem. Não era possível”, conta Gabriela.

Exatamente um ano depois, ela se viu no mesmo lugar, tendo que se despedir de mais um parente. Foi a vez da matriarca da família, dona Eliete, vítima de

uma sepse de foco respiratório combinada com a depressão psicótica. “Vovó se foi depois de eu e mãinha lutarmos muito para que ela ficasse”, conta. “Foi o pior dia da minha vida. Eu perdi o norte, o chão, um pedaço de mim”, finaliza. Mas diante das incertezas, a dor precisou se tornar a força. Foi preciso escantear o sentimento, para fortalecer quem ainda estava ali por e com ela: sua mãe.

No entanto, não foi suficiente. Em novembro de 2023, Gabriela perdeu sua mãe, em decorrência de um edema pulmonar agudo secundário a um infarto. “A ausência de alguém que se vai para sempre é cruel. Principalmente quando é alguém com quem você conviveu todos os dias, durante mais de 31 anos. Precisei, e ainda preciso, a duras penas me acostumar com essas ausências tão gritantes”, expõe. “Isso me faz perceber que a nossa relação sempre foi de muito estar-presente, de muita atenção e de muito respeito, mas, sobretudo, de muito amor”, diz Gabriela.

### **“Ninguém nunca está pronto para perder quem ama”**

Esse turbilhão de emoções, muitas vezes não entendidas, realmente é parte da rotina de um enlutado. Em meio a dor, a mágoa, a angústia e a raiva por estar vendo quem amamos partir, também somos tomados pelo sentimento de gratidão por termos tido aquela presença potente em nossas vidas. A estudante de 22 anos Manuela Maia atravessou esse deserto com a perda do pai e, no processo de ressignificação, as diversas faces do luto tomaram conta da sua existência. Na verdade, ainda tomam. “É um processo muito doido, porque ao mesmo tempo que você se prepara, ninguém nunca está pronto, sabe? Ninguém nunca está pronto para perder quem ama”, explica.

Cássio Maia, pai de Manuela, enfrentou o câncer de pâncreas – responsável por cerca de 1% de todos os tipos de câncer diagnosticados e por 5% do total de mortes causadas pela doença. Quando um diagnóstico dessa proporção chega em uma família, acontece quase que um adoecimento coletivo. Tudo se desmorona e falta chão abaixo dos pés. Essa despedida, de alguém que não volta, eu diria ser quase impossível de ser descrita, porque é muito particular de quem vivencia na pele. No entanto, Manuela tenta, em palavras, trazer um pouco dessa percepção.

“É como eu digo sempre para todos, ele [o luto] não é linear, ele vai e volta, ele arranca, tem dias que ele arranca, sabe? Ele me deixa desamparada e depois ele me acalma, ele me acalenta.”, explica. “Eu amava muito ser filha dele, ainda amo ser filha dele. E eu levo essa relação para o resto da minha vida, sabe? E eu tento pensar nela, nutrir ela, todos os dias”, finaliza Manuela.

E ela realmente faz. Tanto faz, que nos últimos seis meses, tirou parte do seu tempo para visitar amigos dele. Amigos estes que, mesmo sem conhecê-la, o acolheram como filha. Para ela, esses encontros com o passado foram essenciais. “Foi muito importante para mim”, resume. Mais do que preencher lacunas, ouvir sobre o pai por outras bocas foi como reencontrá-lo, mesmo que por instantes, através da memória coletiva de quem o conheceu.

Em um trecho do livro “A morte é um dia que vale a pena viver”, a autora Ana Claudia Quintana diz que: “A dor do luto é proporcional à intensidade do amor vivido na relação que foi rompida pela morte, mas também é por meio desse amor que conseguiremos nos reconstruir”. Esse pensamento mostra que somos feitos, também, de memórias e das lembranças daquilo que já passou. Aquilo que nos atravessa diariamente. Todo o resto, mesmo que palpável, é finito. E o luto é exatamente sobre isso, lembrar e ressignificar momentos que passaram.

### **A cura fora do hospital**

O diagnóstico de uma doença em estágio avançado e sem perspectiva de cura impõe uma dura realidade e levanta uma pergunta inevitável: por que coisas ruins acontecem a pessoas boas? Um câncer metastático – quando as células cancerosas se espalham de um tumor primário para outros órgãos – transforma profundamente a vida de quem o recebe e de todos ao redor do paciente. Como não há cura, somente tratamentos paliativos para prolongar o tempo e aliviar sintomas, cada dia passa a ter um peso mais urgente e de incerteza constante. Essa incerteza tomou conta não só da família de Manuela, mas de uma outra, a família Dantas: Gercimar, Sandra e Geandra.

Gercimar e Sandra se conheceram em 1991, ele com 22 anos, ela com 14. Ele foi seu primeiro namorado.

O relacionamento, por muito tempo, foi mantido por meio de cartas e telefonemas trocados ao longo dos anos, devido a um período em que Gersimar percorreu diversos estados em função de cursos de formação militar. Até que o casal finalmente conseguiu se estabelecer e dar início ao sonho de formar uma família. Em 1996, nasceu Geandra, a "filha sonhada e desejada". Desde então, eram os três para tudo. Foram anos de mudança constante entre cidades, até se fixarem definitivamente no Recife.

Mas justo quando tudo parecia se encaixar, a família foi acertada por um duro golpe: Gersimar foi diagnosticado com um câncer no intestino – o terceiro mais comum no país – já em estágio 4, com metástase no fígado. “Parecia mentira, pois ele era um homem saudável, extremamente forte e nunca adoecia”, relata Sandra.

Foram dois anos e meio de tratamento e 64 sessões de quimioterapia. Geandra, a única filha do casal, cursava medicina e já conseguia entender toda a gravidade da situação, mas poupava a mãe de ainda mais sofrimento. “Ele era nossa prioridade e mesmo naquele cenário, tínhamos nós três juntos como sempre tinha sido a vida toda”, conta.

Enquanto o corpo já dava sinais de partida, a formatura de Geandra foi colocada no meio de caminho. Ao mesmo tempo que os eventos se aproximavam, a sensação era de que, a qualquer momento, ele partiria. Mas muitas vezes, o inesperado, no melhor sentido da palavra, chega e muda tudo.

Era início de janeiro quando toda uma operação foi realizada para concretizar um único sonho: a presença dele na festa. Assim foi feito. Os médicos que dele cuidavam autorizaram uma transfusão de sangue para dar aquele corpo forças, mesmo que poucas, para viver aquele dia mágico para os três. Só houve um único problema, os sapatos. Devido ao inchaço dos pés, causados pela doença, nada caberia nos pés de Gersimar. Foi apenas de meias. O constrangimento por parte dele, se fez presente, o que não foi um problema. Como símbolo de todo amor, companheirismo e cumplicidade que circuncidava aquela família, Sandra e Geandra desceram do salto e, juntos, entraram no salão da Coudelaria Souza Leão sem dar importância para qualquer outra coisa que não fosse o elo que os unia.

Dançaram, se divertiram e viveram das melhores noites que poderiam. Parecia a cura, mas não a cura literal da doença, a cura de um processo angustiante que, por algumas horas, parecia não mais existir. Viveram a vida como ela importa e não baseada somente no prognóstico médico. Gersimar morreu uns dias depois do baile. Mas não sem antes segurar em suas mãos a carteira do Conselho Regional de Medicina de Geandra, o símbolo de tudo aquilo que viveram juntos.

Aquela era a materialização de anos de esforço. Era o sonho de uma vida inteira. “Para ele foi o fim de um sofrimento. Para a gente, o início de uma saudade”, conta Sandra, a esposa. “Encontramos sentido na vida colocando em prática tudo aquilo que a gente tinha certeza de que ele gostaria de fazer. Fizemos viagens, fomos a lugares que ele queria ir, revisitamos outros que ele amava frequentar”, finaliza.

O processo do luto é mesmo uma longa e dolorosa revisão de todas as memórias do falecido, até que a pessoa consiga, enfim, seguir em frente. Apesar de diferentes, as histórias de Gabriela, Manuela e Sandra se cruzam exatamente no mesmo ponto: a saudade de quem foi e o amor de quem ficou. O difícil do luto é entender como alguém que “até ontem” fazia parte do meu mundo, de repente, passa a existir de outra forma. Menos presente no cotidiano, mas ainda entrelaçado de alguma maneira àqueles que o amaram. “Comíamos a comida preferida, chorávamos e sorriamos mergulhadas em lembranças. E assim, a saudade encontrava de alguma forma, alívio”, compartilha Sandra.

## “O VÍNCULO COM QUEM PARTIU NÃO SE DESFAZ”

Marianne Branquinho é psicóloga clínica e especialista em luto. Em 2015, pouco depois de concluir a graduação, passou pela perda do pai e, sem nem esperar, esteve diante de algo que ela nunca havia sentido tão presente, a morte. Foi durante esse “deserto” que a terapeuta percebeu não ter sido

preparada ao longo da universidade para auxiliar as pessoas a atravessarem o processo do luto, inclusive, o dela mesmo.

Nesta entrevista pingue-pongue, Marianne, formada em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), traz informações de como se dá a resignificação desse sentimento tão complexo e profundo. A psicóloga possui especialização em Saúde na modalidade de Residência Multiprofissional pelo Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/HU). Após concluir a residência, iniciou uma formação em Tanatologia, o estudo sobre a morte e o morrer. Desde então, vem integrando essa abordagem em sua atuação profissional, promovendo reflexões e práticas voltadas ao cuidado, à escuta sensível e à humanização dos processos de fim de vida.

#### **O Berro - Quanto tempo dura o luto?**

**Marianne Branquinho:** Não existe um tempo exato. É um processo individual, que varia muito de pessoa para pessoa e depende de diversos fatores. A natureza da perda, a idade da pessoa enlutada, o tipo de vínculo com quem partiu, a presença ou ausência de rede de apoio, o momento de vida em que a perda ocorre, tudo isso pode influenciar a intensidade e a duração do luto. Pode durar meses ou anos e não segue uma trajetória linear. O mais importante é observar se, com o passar do tempo, a pessoa consegue retomar a vida, vislumbrar novos projetos, criar possibilidades e encontrar formas de manter um vínculo simbólico com quem partiu.

#### **O Berro - Em meio a este processo, somos atravessados por diversos sentimentos. Quais são as fases do luto? É possível descrevê-las?**

**MB:** Essa ideia (fases do luto) é uma forma didática de compreender as diferentes reações emocionais que podem surgir após uma perda, mas é importante lembrar que o luto não segue uma ordem fixa ou linear. As cinco fases mais conhecidas foram descritas pela psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. No entanto, nem todas as pessoas passam por todas essas fases, e elas não acontecem necessariamente nessa ordem.

#### **O Berro - Então é normal sentir raiva ou evitar falar de uma pessoa que faleceu?**

**MB:** O luto é um processo complexo que envolve muitas emoções, e nem todas são socialmente esperadas ou bem compreendidas. Então, sim, é normal. Esses sentimentos podem surgir, dependendo da história e do vínculo com quem faleceu. Isso tudo também pode ser uma forma temporária de lidar com a dor, especialmente quando a perda é recente ou quando há conflitos não resolvidos. Essas reações fazem parte do processo e não devem ser vistas como sinal de falta de amor ou desrespeito. Com o tempo, e com acolhimento, essas emoções tendem a se reorganizar, abrindo espaço para outras formas de lembrança e conexão.

#### **O Berro - O luto pode se tornar patológico?**

**MB:** Muitas pessoas usam o termo luto patológico, mas na prática clínica preferimos falar em luto prolongado ou complicado. Isso acontece quando a pessoa permanece por muito tempo imersa no sofrimento, sem conseguir alternar entre momentos de dor pela perda e movimentos de restauração da vida. Essa oscilação, entre se voltar para a ausência e retomar aos poucos a rotina, os vínculos e os projetos, é esperada e saudável no processo de luto. Quando ela não acontece, e a dor se mantém constante e paralisante, é importante ficar atento.

#### **O Berro - Muitas pessoas encontram conforto em rituais de despedida ou homenagens. Qual o papel dessas práticas na jornada do luto?**

**MB:** Essas práticas marcam simbolicamente a perda, permitindo que a pessoa enlutada reconheça que algo mudou, que alguém se foi, e que a vida precisa ser reorganizada. Elas também oferecem um espaço de expressão emocional, onde é possível compartilhar a dor, o amor, as memórias e receber o suporte de outras pessoas. Os rituais criam um senso de continuidade. Eles mostram que, mesmo com a ausência física, o vínculo pode permanecer. Seja através de uma carta, uma vela acesa, uma música, um lugar, um gesto simples - essas ações são formas de se conectar com quem se foi.

**O Berro - Quando perdemos alguém, são apenas as lembranças que ficam e é nelas que projetamos nossos sentimentos. Como essas memórias podem servir de conforto e não de dor?**

**MB:** As memórias costumam doer muito, mas com o tempo e o acolhimento do luto, elas podem se transformar em fonte de conforto. Isso acontece quando a pessoa enlutada consegue acessar lembranças não apenas com tristeza, mas também com afeto, reconhecimento da história vivida e gratidão pelo vínculo. Para isso, é importante não evitar as memórias, mas criar espaços seguros para que elas sejam lembradas, contadas e compartilhadas. Quando o luto é elaborado de forma saudável, as lembranças deixam de ser apenas uma lembrança da perda e passam a ser também uma forma de presença emocional e continuidade do amor.

**O Berro - Então, para que esse processo seja saudável, o que você considera fundamental no acolhimento de uma pessoa enlutada?**

**MB:** Oferecer presença, escuta genuína e ausência de julgamentos. É essencial respeitar o tempo e o ritmo de quem vive o luto, sem tentar apressar o processo ou minimizar a dor. Ouvir frases simples como “estou aqui se quiser falar sobre isso” ou “você não precisa dar conta de tudo agora” podem ter um impacto profundo (no enlutado). Mais do que dizer algo certo, o mais importante mesmo é estar disponível de forma afetiva, criando um espaço seguro para que a pessoa possa sentir e expressar sobre sua perda.

**O Berro - Quais são as principais dificuldades que as pessoas enfrentam ao tentar ressignificar uma perda?**

**MB:** Com certeza a pressão social para superar rapidamente o luto. Temos uma cultura que valoriza a produtividade e o controle das emoções, o que faz com que muitas pessoas sintam que não têm permissão para viver sua dor com autenticidade. Além disso, a falta de espaços seguros para expressar o sofrimento e de uma rede de apoio empática tornam o processo ainda mais solitário. Ressignificar uma perda exige tempo, acolhimento e a possibilidade de reconstruir vínculos simbólicos com quem partiu.

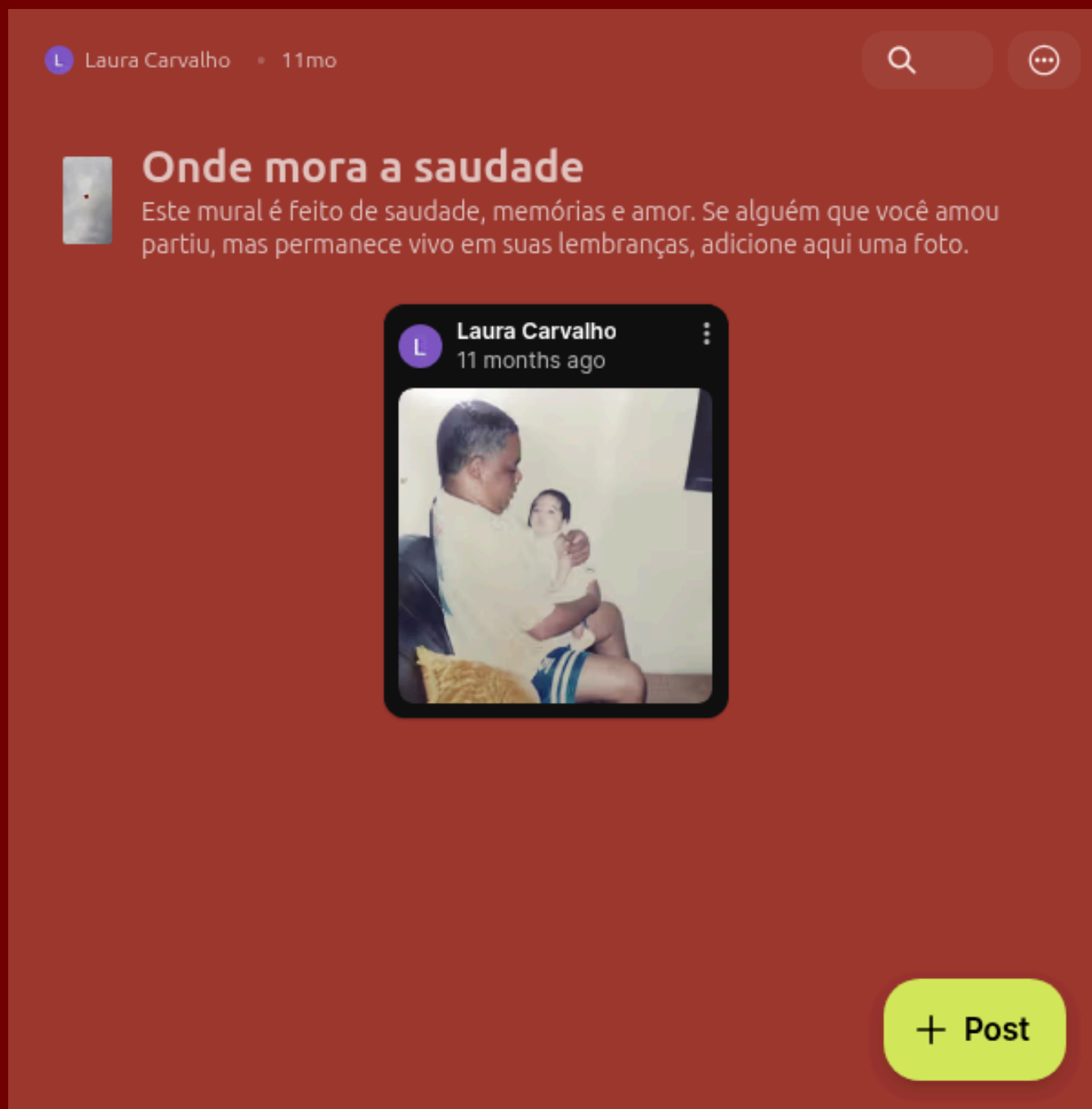
**O Berro - É comum ouvirmos a expressão “o amor que fica” mesmo quando alguém parte. Como podemos manter esse vínculo sem que ele se transforme em sofrimento?**

**MB:** Essa expressão traduz bem a ideia de que o vínculo com quem partiu não se desfaz com a morte. Esse sentimento pode continuar existindo de forma simbólica, por meio de memórias, rituais, gestos cotidianos, ou até em escolhas que a pessoa enlutada passa a fazer inspirada por quem se foi. Para que esse vínculo não se transforme em sofrimento constante, é importante permitir que ele evolua: sair da dor aguda da ausência e encontrar formas saudáveis de integrar a lembrança à vida que continua. O amor que permanece pode ser fonte de força, saudade e significado.

## NAQUELA MESA ESTÁ FALTANDO ELE

Uma carta aberta ao meu pai Celso

Desde dezembro de 2011 não teve um dia se quer em que não pensei em você, papai. São nas coisas mais comuns do cotidiano que, de alguma maneira, você se faz presente. Eu o sinto, o vejo, o percebo e o procuro em diferentes circunstâncias, porque os poucos, mais muito bem vividos nove anos de vida em que tive sua presença física foram tão marcantes, que eu nunca aprendi a conviver com essa ausência, mesmo após tantos anos. Já são quase 14 anos para ser mais exata. Eu era só uma menina, completamente louca e apaixonada por você, e você me deixou. Você foi arrancado da minha vida e eu não tive nem a chance de me despedir. Mas há quem diga que na medida em que o tempo vai passando, o luto vai abrindo espaço para sentimentos mais leves e aceitáveis. Eu não concordo com isso. A dor não muda, ela não se transforma e não vai embora. Ela continua a mesma, mas a gente que precisa reconstruir nossa vida em torno daquela mesma dor. Tanto é que, por muitas vezes, eu sinto como se você tivesse partido na noite de ontem, é como se eu voltasse no tempo e vivesse mais uma vez o dia 29 de dezembro de 2011. É uma dor que sufoca, rasga o peito e me deixa vulnerável em meio a solidão que toma conta do meu ser. Ela chega, sem nem pedir licença, e faz morada. É uma solidão angustiante, penetrante e difícil de acostumar.



Uma vez eu li que perder um pai ou uma mãe traz à pessoa algumas mudanças. A gente ganha um selo de tristeza de órfão que não desprega da pele por nada, culpa e ônus da saudade. Eu não poderia concordar mais. É uma sensação de desamparo constante e de que parte da minha história se foi junto contigo. Isso por muito tempo me fez sentir-me ingrata, porque você se foi, mas mainha ficou. Mesmo sem forças, sem direção e sem saber como dar continuidade a esta família, foi ela a nossa fortaleza e é ela que nos mantém firmes até hoje. No entanto, ela continua sendo somente a minha mãe, porque o meu pai, o meu painho, eu já não tenho, e nada do que for feito, pode transformar ou amenizar essa ausência masculina tão visceral.

Em meio a tudo isso, eu preciso te confessar uma coisa, desde que você partiu, criei um hábito um tanto quanto curioso em momentos de insegurança: fingir que você está comigo, porque tudo era mais fácil com você. De apresentações do meu tempo de bailarina até os dias de sufoco para tirar a “carta” de habilitação, eu te visualizei em todos os momentos. Parece perturbador, mas de alguma forma isso me deixa mais leve. Eu gosto de pensar em como as coisas seriam diferentes se você ainda estivesse aqui. Por muitas vezes eu fiz questionamentos a Deus, porque para mim não parece justo com tantas pessoas ruins no mundo, um homem tão bondoso, parceiro, companheiro e amoroso partir e deixar sua esposa e seus dois filhos, sendo eles uma criança e um adolescente. Não me parece certo, sabe? Quem os daria a presença paternal? Quem seria capaz de preencher esse espaço de dor no coração? E a verdade é que não há o que ser feito. São marcas que carrego comigo para todo sempre. Não há tempo, terapia, remédios ou qualquer outra ferramenta que seja capaz de mudar. Você conseguiu me dar uma eternidade dentro de nove anos, pai. Hoje eu só tenho as lembranças e eu não quero me distanciar delas, quero deixá-las perto, inteiras, vivas e presentes, pois é te revisitando em memórias que eu consigo tornar tudo um pouco mais suportável.

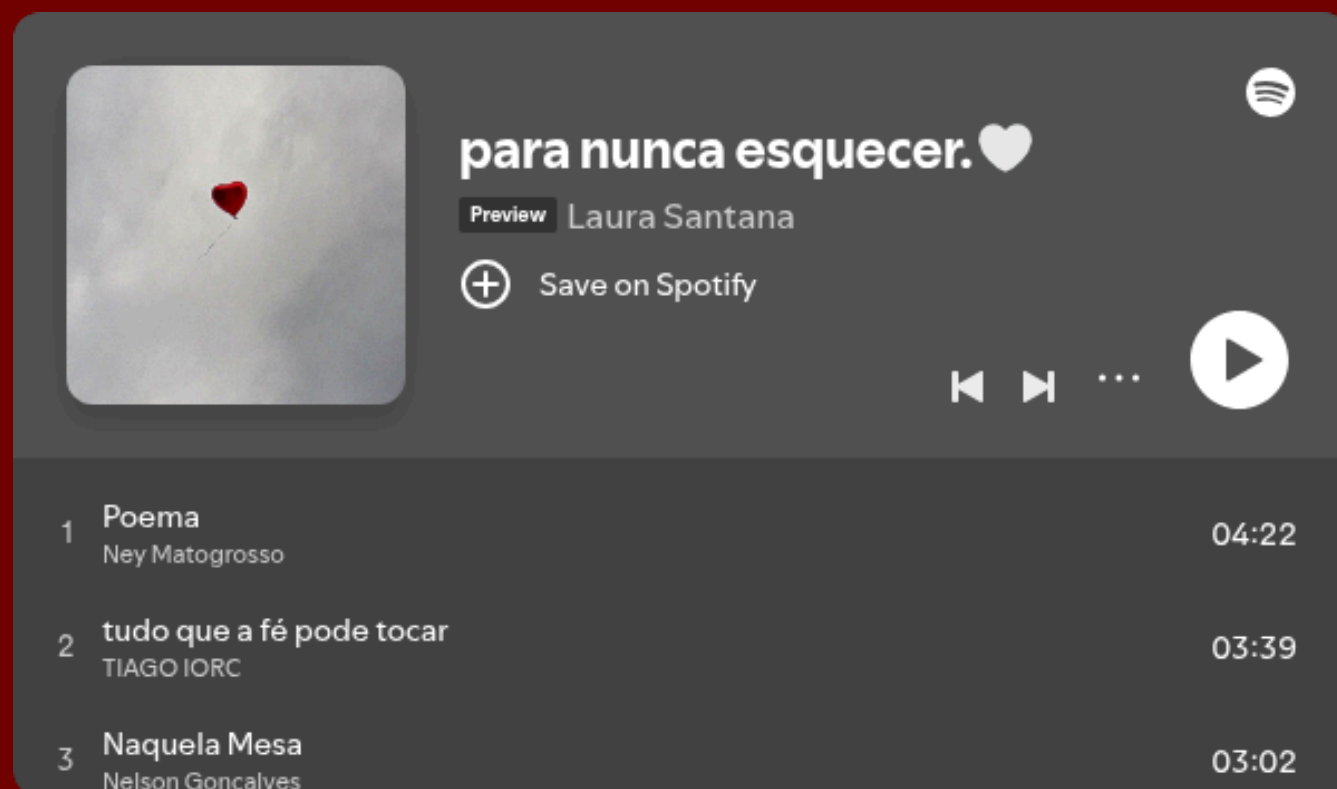
Mas hoje eu te escrevo não para falar só de tristeza, porque esse substantivo não combinava contigo. Eu quero lembrar de todos os momentos que compartilhamos juntos. Você moldou parte da minha personalidade, e isso é tão verdadeiro que já perdi as contas de quantas vezes me compararam a ti. Muito do que sou, é por sua causa.

Foi você que me ensinou como viver é magnífico, e também como devemos fazer do hoje o melhor dia de nossas vidas. Um homem destemido, corajoso, divertido — essa era sua maior qualidade — e capaz de fazer qualquer momento ser grandioso. Sua presença forte e marcante deixou marcas profundas em todos que tiveram o privilégio de te conhecer. Mas em mim, aquela menina de cachinhos e sorridente, essa partida tocou em lugares ainda mais delicados.

Até hoje, quando coloco I don't wanna talk about it de Rod Stewart eu me teletransporto para os dias em que, juntos, sentávamos na área de televisão da nossa casa e você me apresentava uma coletânea de sucessos internacionais

com grandes clássicos da música como La Isla Bonita, We Are The World, Total Eclipse of The Heart e My Heart Will Go On. Era engraçado como em uma fração de minutos passeávamos disso para um grande clássico da música brasileira, sobretudo nordestina: Calcinha Preta. Acho que isso era uma das coisas que te fazia único, a capacidade de transitar em diferentes grupos, perfis e estereótipos. Você era querido por todos que te conheciam e eu não exagero quando digo isso, porque não são declarações minhas, mas daqueles que falam de você para mim sempre que os encontro. Todo mundo tem uma história incrível ao teu lado e isso é um dos meus grandes confortos: saber que você foi essencial em vida. Para mim, foi pouco, mas na verdade eu gosto de acreditar que vivesse tempo suficiente para se tornar inesquecível. Foram os anos necessários para que você viesse, desse seu show e retornasse para a vida eterna. Como uma estrela cadente, que realiza sonhos, traz felicidade e euforia. Você foi isso.

que me apoia, incentiva e que todos os dias conversamos sobre como a relação de vocês dois seria especial. Mas teve algumas outras coisas que não mudaram: o amor que sentimentos por você, o lugar que ocupas e o que representas para todos nós. Isso, nada e nem ninguém pode nos tomar. Eu te amo para todo sempre, painho. Naquela mesa continua faltando você.



Existem dias que me pego pensando o que você diria para mim, o que você me ensinaria, os lugares que conheceríamos... muita coisa mudou por aqui, acredita? Mainha aprendeu a sacar dinheiro no banco; Júlio está trabalhando na Usina, assim como você e eu estou namorando. Conheci um homem incrível,

# NADANDO CONTRA A CORRENTEZA

## A LUTA DAS MULHERES POR AMOR-PRÓPRIO EM UMA SOCIEDADE QUE AS DESPREZA

por Antônio Pedrosa

Mesmo depois de um período de progresso humanista inimaginável ao abolirmos a escravidão em nosso país e proclamarmos nossa república, a constituição de 1891 não dedicou uma linha sequer para expressar qualquer tipo de preocupação com a forma em que as mulheres deveriam ser tratadas dentro da sociedade. A “democracia” que ali nascia se desenvolveu apenas para suprir o desejo por poder do homem branco, hétero e nascido de uma elite emergente.

Contudo, ao iniciar-se um processo de industrialização no país, as mulheres começaram a ingressar no mercado de trabalho, assim passando a ocupar espaços que lhes eram, até então, inacessíveis, algo que, conseqüentemente, acabou as possibilitando demonstrar, em uma forma direta e inequívoca, seu papel na contribuição do desenvolvimento nacional. Agora cientes de suas capacidades e inspiradas em movimentos sociais estrangeiros, tomou-se forma a luta pelos direitos da mulher brasileira.

Através de sangue, suor e lágrimas, as mulheres foram reivindicando seus direitos por conta própria, pressionando políticos a permitirem o seu envolvimento nas políticas regentes da sociedade machista que as menosprezava. Seria somente em 1932 que o Código Eleitoral teria a primeira legislação nacional a, finalmente, permitir que a mulher votasse e participasse da política, sendo Carlota Pereira de Queirós eleita no ano tardio de 1934 a primeira deputada do Brasil.

O envolvimento das mulheres na política resultou em uma série de marcos aos direitos humanos, como a constituição federal de 1988, onde se reconheceu a



igualdade entre homens e mulheres em direitos e obrigações, e a sanção da Lei Maria da Penha em 2006,

onde se foi estabelecido uma série de medidas de proteção a mulher vítima de violência. A Lei Maria da Penha é considerada uma das leis mais efetivas do mundo, permitindo que milhares de mulheres se sentissem seguras em denunciar seus agressores, aumentando em 86% a notificação de violências familiares e domésticas cometidas.

Apesar das vitórias da mulher brasileira ao longo dos anos, muitos valores machistas ainda persistem em nossa cultura, o que acaba por dificultar o acesso das mulheres a posições de liderança, fazendo com que ainda hoje exista muitas dificuldades de se pautar políticas voltadas às suas necessidades. Mesmo que, segundo o Censo Demográfico 2022, elas representem a maioria populacional, superando em 6 milhões a parcela masculina da população.

De acordo com dados do TSE, apenas 17,91% dos eleitos nas disputas municipais

municipais de 2024 foram mulheres e, segundo um relatório realizado pela ONU Mulheres e pela União Interparlamentar, elas ocupam apenas 18,1% das cadeiras na Câmara dos Deputados e representam 19,8% do Senado. Embora trate-se de números recordes em nosso país, evidenciando uma evolução no quesito de representatividade feminina, fica claro o desequilíbrio de poder no Brasil, ainda mais se considerarmos que, desde 1934, apenas 335 deputadas foram eleitas. Uma quantia que não pode ocupar, nem mesmo, um plenário completo de 513 deputados.

A dificuldade surge pela falta de incentivo e pelas agressões que ocorrem, mesmo quando conquistado esses espaços políticos. Segundo o Censo Secretária Brasileiras, pesquisa realizada por um comitê gestor formado pelos Institutos Aleias, Alzirias, Foz e Travessia Políticas Públicas que ouviu 67% das 341 mulheres que estiveram à frente de secretarias de governo entre dezembro de 2023 e março de 2024, 90% das secretárias disseram ter passado por violência, com uma em cada três afirmando já ter sido sexualmente assediada. Também se pontuou que 65% das agressões foram cometidas por colegas de trabalho.

De acordo com Izabel Santos, coordenadora geral do Centro das mulheres do Cabo, se vê uma necessidade de políticas voltadas a prevenir a violência contra as mulheres. “Nossa organização visa conscientizar a mulher de seus direitos através da educação, com cursos, oficinas e rodas de diálogo para evitar com que elas entrem em um relacionamento acreditando precisar suportar

qualquer tipo de violência vindas de seus parceiros. Isso se faz necessário por reconhecermos uma precariedade nas políticas preventivas”, afirmou.

“Reconhecemos falhas nas políticas públicas que atendem as particularidades de mulheres presas em relacionamentos abusivos por um ou outro motivo, como a falta de políticas voltadas ao emprego e renda para possibilitar uma liberdade financeira, políticas voltadas a acompanhamentos psicológicos, políticas de auxílio judiciário e políticas que incentivem a construção de mais creches e escolas em tempo integral para assim garantir mais espaço para a mulher lutar por seus direitos”, explica Izabel.

Esse cenário na divisão do poder nacional em muito se dá por causa dos valores patriarcais ainda presentes na sociedade, onde os homens, desde muito cedo, são alimentados a violenta ficção de sua “natureza” dominadora, onde se espera deles a imposição, mesmo que através da agressão, de suas vontades, lhes sendo esperado o desempenho em papéis de liderança, seja em um contexto doméstico ou em posições de poder. Isso se traduz em um contexto social no qual a violência contra a mulher é normalizada, com a maioria das agressões sendo cometidas por seus companheiros.

No dia 24 de abril, durante uma audiência pública na câmara municipal do Recife, a vereadora Liana Cirne (PT) afirmou que houve um aumento de 16% no número de denúncias de violência em Pernambuco. “Totalizando 4.600 denúncias registradas, 2.700 foram apresentadas pela vítima e 1.900 por terceiros. As vítimas estão se empoderando, mas é preciso se conscientizar de que em briga de marido e mulher é preciso meter a colher. A casa da vítima, inclusive, é o cenário onde a situação é mais registrada, com 2.068 dessas agressões ocorrendo dentro do espaço doméstico”, disse.

Outro dado, extraído do último boletim “Elas vivem: um caminho de luta”, diz que Pernambuco lidera o número de mortes de mulheres no Nordeste, com 167 casos de feminicídio, transfeminicídio e homicídio, com 70% dos feminicídios sendo cometidos por companheiros ou ex-companheiros, evidenciando mais ainda a violência e o perigo que muitas mulheres vivenciam dentro da própria casa.



Segundo Hyldiane Lima, Psicóloga e coordenadora de projetos do Centro das Mulheres do Cabo, o mais difícil na luta contra a violência é fazer a mulher entender que foi agredida. “Embora nós estejamos em pleno século XXI, ainda nos encontramos em uma sociedade pautada na visão machista e patriarcal, que induz às mulheres, desde jovens, a ideia de estarem se desenvolvendo para um dia servirem a um marido, o qual tem o direito de fazer o que bem entender com elas. Ou seja, explicar que elas não têm de passar por essa violência contraria tudo que lhes foi imposto pela sociedade”, esclarece.

A questão da subnotificação fica evidenciada no Mapa Nacional da Violência de Gênero, segundo o qual 61% das mulheres que são vítimas de violência ou que estão expostas a algum tipo de agressão deixam de registrar as ocorrências. Também se pode citar uma pesquisa realizada pelo Instituto Patrícia Galvão e pelo instituto Locomotiva, que ouviu 4.001 mulheres em todo Brasil, onde, das 71% entrevistadas que já viveram alguma situação de violência nos deslocamentos, apenas 40% procuraram a polícia para registrar queixa, mesmo que 9 em cada 10 tenham conhecimento que importunação sexual é crime desde 2018.

“Quanto mais tempo se passa dentro de um relacionamento abusivo, mais difícil fica de sair. Muitas vezes, quando se está passando pela fase de ‘lua de mel’ no início do relacionamento, as mulheres acabam por se apegar a memória dessa fase e passam a temer perder momentos como esse, sempre na esperança de que a relação pode voltar a ser como era. Também existe, muito por parte do parceiro, uma tentativa de diminuir a autoestima da mulher, fazendo-a acreditar que ela não tem escolha a não ser permanecer em um relacionamento com seu agressor. Por fim, quando se forma uma família, a relação dos filhos com o pai, seja financeira ou sentimental, acaba por afetar a capacidade da mulher em fazer a denúncia”, complementa Hyldiane.

O combate à violência contra mulher é árduo e longo, mas nota-se que a persistência característica do gênero feminino diante das adversidades se mantém firme e forte. A Gerente geral da promoção da cidadania e direito da mulher, Avani Santana, afirma ser perceptível o aumento na quantidade de

mulheres conscientes de seus direitos. “Hoje em dia ainda sofremos com um número muito grande de subnotificação, mas também se nota um número cada vez maior de mulheres correndo atrás de seus direitos”, afirma.

“Quando começamos, lá atrás, no Centro de Referência da Mulher Clarice Lispector, tínhamos uma média de 20 a 30 mulheres por mês procurando auxílio. Hoje, com o aumento na quantidade de unidades, cerca de 150 a 200 mulheres ingressam mensalmente no serviço que oferecemos. É um nítido avanço, mas representa uma fração das mulheres necessitadas desses serviços, pois é o trabalho de prevenção que vai elevar o nível da consciência e percepção da violência. Por isso, recentemente, se nota uma mudança de foco: agora em medidas de prevenção, ao invés de medidas de enfrentamento. Aqui no município do Recife, foram mais de dez mil pessoas que participaram de quinhentas ações de prevenção da prefeitura”, finalizou Avani.

Podemos ver essa visão se concretizando ao analisarmos os dados da pesquisa “Percepção Social sobre Direitos Humanos e sobre Mulheres Defensoras de Direitos Humanos”, realizada pelo Ipsos Brasil a pedido da ONU Mulheres entre 20 de dezembro de 2022 e 31 de janeiro de 2023, contando com 1.200 entrevistas feitas por telefone com homens e mulheres maiores de 18 anos nas cinco regiões do país, observa um crescimento na percepção da população de que os direitos humanos fortalecem a democracia brasileira. Esse índice passou de 60% para 65%. Já o índice de pessoas que discordam dessa ideia registrou uma queda de 9 pontos e agora resulta em apenas 23%.

Também se faz nota desse impacto positivo na pesquisa “Nós, Mulheres”, pesquisa global realizada em 185 países, onde a grande maioria das entrevistadas afirmam estar decididas a contribuir com os esforços para promover os direitos e a participação feminina no governo, revelando que, apesar de enfrentar uma reação global contra as pautas feministas, 85% das mais de 25.000 pesquisadas expressam sua disposição de contribuir para o avanço de seus direitos.

A maioria dessas mulheres afirmam ter vivenciado uma melhora em suas vidas nos últimos cinco anos e prevê melhorias adicionais nos próximos anos, com uma sólida maioria (57%) esperando um aumento na qualidade de vida, e apenas 9% supondo que ela irá piorar. As mais jovens apresentam uma diferença de 20

pontos percentuais em relação às mais velhas com relação ao seu futuro. Esse otimismo predominante permeia todas as regiões, com os níveis mais altos na África (67% a 8%), seguido pela América Latina (60% a 10%), Europa Ocidental e América do Norte (53% a 12%) e Europa Oriental (46% a 10%).

Ainda na pesquisa, consta que 60% das entrevistadas acreditam que a representação das mulheres em cargos de liderança em seus respectivos países melhorará na próxima década. Além disso, mais de dois terços das mulheres em todo o mundo afirmam a necessidade de maior representação em cargos de liderança, tanto em nível nacional quanto global, para influenciar o futuro. A esmagadora maioria, 85%, se identifica como defensora dos direitos das mulheres.

“Essa pesquisa mostra que, mesmo diante da persistente resistência ao avanço dos direitos e da representação das mulheres, as mulheres de todos os lugares estão demonstrando determinação e compromisso com a mudança e com o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável”, disse a vice-secretária-geral das Nações Unidas, Amina J. Mohammed.

## CALUDA

Julia Bento do Nascimento, uma mulher vinda da cidade de Taquaritinga, no interior de São Paulo, foi vítima de violência contra seus direitos. Teve a alfabetização, seu entendimento de si própria como indivíduo na sociedade, negado pelo patriarca de sua família, horrorizado diante dos livros de geografia e história na posse da filha por terem a capacidade de elucidar a percepção da jovem quanto a suas aptidões para além da sombria ilusão de apenas servir como uma dona de casa.

Em 1937, com apenas 17 anos de idade, Julia veio sozinha ao Recife, sem saber nada e sem conhecer nada, em busca de trabalho. Acabou por encontrar emprego em uma fábrica na Macaxeira, onde conheceu seu marido, José Laurentino do Nascimento, de falsa natureza doce, que aguardou apenas aprisioná-la com o grilhão em forma de aliança para então exercer seu papel de algoz e fazê-la passar por inúmeras formas de violência.

Ela, como muitas outras mulheres, se via forçada a permanecer em um relacionamento abusivo. A sociedade esperava dela, como esposa, total

obediência ao seu marido, o divórcio sendo, até hoje, visto com maus olhos. Sua família, primeira a ensinar-lhe esse ideal maldito, em vergonha a rejeitaria por ter fracassado em seu “papel” como mulher domesticada. Não importa o que ela fizesse, entre escolher diferentes formas de violência não há escolha real.

Junto de seu agressor, foi morar no alto da loira, no Brejo da Guabiraba, onde cresceram seus sete filhos, que consistiam em três homens e quatro mulheres. Sem o auxílio

de seu marido, ela teve de lutar sozinha para cuidar de suas crianças, trabalhando incansavelmente, noite e dia, na máquina de costura, mesmo passando fome, para conseguir dar o que comer a eles.

Entre eles havia a pequena Ana Cláudia, uma jovem com uma deficiência física que, embora o esforço incessante da mãe, por boa parte de sua infância não teve meios para se adquirir uma cadeira de rodas por se encontrar em uma posição financeira muito precária, precisando se locomover através do uso de uma bola de pilates, que mais tarde seria trocada por um triciclo.

Mesmo crescendo em um ambiente hostil e opressor, testemunhando as agressões físicas diariamente sofridas por sua mãe e escutando comentários alheios que a reduziam a um fardo sobre os ombros da família, Cláudia foi uma menina de gênio forte, não permitindo com que a violência do mundo a impedisse de brincar e dançar de seu jeito.

No entanto, aos oito anos de idade, lhe foi imposta a mesma violência sofrida pela mãe, sua alfabetização também lhe sendo negada, precisando ser retirada





da escola por falta de acessibilidade na ladeira entre o morro onde ela morava e a instituição de ensino onde estudava. Isso fez com que Ana Cláudia sentisse uma inadequação quanto a ela mesma, questionando o motivo por ela não “merecer” estudar como as outras crianças, ideia essa que sua irmã, Maria do Carmo, não aceitaria.

Maria, conhecida como “Carminha”, sempre foi uma mulher com miolos na cabeça e um coração forte batendo no peito, trabalhando incansavelmente para melhorar a sua vida e a daqueles que ela amava, especialmente Cláudia, apelidada carinhosamente de “Caluda” por ela. Desde cedo demonstrava uma preocupação com os estudos da irmã, indo além para garantir sua alfabetização, contratando uma tutora particular com seu dinheiro suado.

Ao completar quinze anos, Caluda, depois de muita luta, finalmente conseguiu adquirir a cadeira de rodas, algo que, embora necessário, abalou por completo sua percepção de si. Agora, sim, ela passou a se enxergar como uma deficiente. Isso e a impossibilidade de estudar fizeram com que ela passasse a conceder falsa veracidade aos comentários que ouvia desde criança, que a categorizavam como um fardo, indigna de viver dentro da sociedade junto das outras pessoas.

Carminha não permitiu com que a sociedade fizesse sua irmã pensar menos de

si mesma, tal qual fizeram com sua mãe, e argumentou a Caluda que a cadeira de rodas não era obstáculo, que aquela criança alegre e sabida ainda estava lá, persistindo mesmo em meio a tanta adversidade. Ela não podia desistir de lutar para continuar estudando, porque somente a educação as libertaria de toda aquela violência.

Caluda levou isso para o coração, se esforçando cada vez mais em seus estudos e não permitindo com que ninguém a diminuísse por conta de sua condição física. Inspirada em sua irmã, ela sonhava em cursar Direito na faculdade como uma forma de ajudar aqueles como ela a lutar por seus direitos, determinada a ajudar e a provar o potencial no qual Carminha sempre acreditou.

Infelizmente, Maria do Carmo veio a falecer repentinamente com 27 anos por conta de um infarto fulminante, assim cortando o acesso de Caluda ao tutor particular que a auxiliava. O luto causado pela perda de sua irmã, a responsabilidade de agora ser a única de seus irmãos a estarem dispostos a

cuidar de sua mãe e a inacessibilidade de terminar seus estudos fez com que Ana Cláudia, agora sem o seu maior suporte, caísse em uma profunda depressão.

No entanto, Wyllyams do Nascimento, seu sobrinho, quase como influenciado por Carminha em espírito, não a permitiu desistir de seus sonhos, a incentivando a ir atrás de seus direitos através de um estudo independente pela internet, a matriculando em um curso de informática. Assim, sendo carregada de cima a baixo todos os dias pelo sobrinho, Caluda foi se informando quanto aos seus direitos, motivada pelas palavras da irmã que pairam na



eternidade.

Por meio desse estudo independente, chegou ao conhecimento de Caluda o direito a um Transporte Escolar Inclusivo, um serviço oferecido pelo poder público que visa garantir um meio de transporte aos estudantes com deficiência para levá-los a escola. Mesmo assim, o veículo providenciado pela prefeitura não era capaz de subir o morro, fazendo com que ela precisasse ser carregada 50 degraus nos braços de um vizinho até o local onde a van estava estacionada. Depois de muito esforço e luta, ela conseguiu terminar o fundamental aos 35 anos de idade.

No entanto, ao tentar ingressar no ensino médio, o governo lhe negou o transporte até a escola, com o pretexto de que o veículo designado a essa tarefa, embora conseguisse subir, não conseguia descer o morro. Caluda sabia que o transporte inclusivo tinha a obrigação de buscar o aluno em sua residência para levá-lo diretamente à instituição de ensino, independente das barreiras de acesso e a dificuldade de locomoção. Ou seja, se a van não conseguia efetuar a tarefa, a prefeitura tinha a obrigação de providenciar um veículo mais capacitado.

Aconselhada por uma amiga trans, acostumada a enfrentar a violência da sociedade e a lutar por seus direitos, Caluda se matriculou na escola Tomé Gibson, onde a diretora era uma conhecida, como forma de pressionar o governo enquanto entrava com um processo no ministério público.

Levou três meses para que a Secretaria de Educação providenciasse um carro particular, mas, através de muita luta, Ana Cláudia conseguiu finalizar o ensino médio aos 48 anos de idade.

Durante todo esse tempo, o irmão mais velho de Caluda mostrava ter herdado o temperamento e o alcoolismo do pai, muitas vezes agredindo e ameaçando seus irmãos em surtos de raiva. Durante 27 anos ela suportou o abuso, sempre desencorajada pelos parentes a fazer a denúncia, mas a situação se tornou insuportável. Durante um episódio envolvendo a sua irmã, Cláudia foi até a Delegacia da Mulher, onde conseguiu denunciar seu agressor.



Depois do ocorrido, foi procurar auxílio no Centro de Referência Clarice Lispector, onde se acolhe e orienta mulheres em situação de violência doméstica e/ou sexista. Lá, teve acesso a um o atendimento gratuito de uma equipe multidisciplinar de psicólogas, assistentes sociais, advogadas e educadoras sociais, com os casos sendo acompanhados pela rede municipal de proteção à mulher. O Centro ainda dispõe de espaço para o abrigo emergencial de usuárias em atendimento, acompanhadas ou não de filhos.

Foi no Clarice Lispector que ela recebeu a oportunidade de ingressar em uma universidade através de uma bolsa. Agora Ana Cláudia, Caluda, é uma estudante universitária no segundo período do curso de Gestão da Tecnologia na Uninassau e trabalha na multinacional Accenture, uma empresa de consultoria de gestão e tecnologia da informação.

Mesmo não seguindo a carreira no Direito, Caluda, muito inspirada em sua mãe e em Carminha, ainda luta em prol dos direitos humanos, participando de palestras sobre agressão doméstica no Instituto Maria da Penha (IMP), uma organização que funciona como um braço da entidade nacional, buscando apoiar ações voltadas para a qualidade de vida da mulher e para a conscientização sobre questões de gênero e violência sexista.

Ana Cláudia é uma mulher que lutou a vida toda por dignidade, movida por um amor que transcende a morte, eterno, que a move junto de milhares de outras mulheres que enfrentam violências todos os dias, sendo transformadas pelas políticas públicas pelas quais elas mesmas lutaram.

# "O QUE ESTAMOS DISPOSTOS A FAZER PARA NOS ENCONTRAMOS DENTRO DE UM RELACIONAMENTO AMOROSO?"

ENTREVISTA COM DRA. CAMILA CARDOSO BORGES - PSICÓLOGA CLÍNICA ESPECIALIZADA EM COMPORTAMENTOS COMPULSIVOS

**O Berro - Por muito tempo relacionamentos românticos eram vistos como mandatários para a felicidade humana. Como a psicologia moderna enxerga essa suposta necessidade?**

Camila Cardoso Borges: A psicologia atualmente entende a necessidade de se buscar nosso autoconhecimento e, a partir desse entendimento sobre o que queremos, alcançar uma satisfação dentro de nós mesmos, não necessitando, assim, de uma relação amorosa para nos sentirmos completos. Além disso, a busca pelo autoamor precisa acontecer antes de se começar a buscar pelo amor vindo do outro, pois só assim, ao entendermos aquilo que nos traz felicidade, podemos adquirir uma probabilidade maior de se construir um relacionamento saudável. Sem isso, podemos acabar por permitir com que passem por cima de alguns princípios que são essenciais para nossa identidade como indivíduos, como o respeito aos próprios limites, o que torna o amor-próprio imprescindível.

**O Berro - Com a idealização do amor imposta pela sociedade, fica cada vez mais difícil de se firmar um relacionamento, quanto mais um saudável. Com isso em mente, gostaria de saber sua visão sobre como isso nos afeta.**

CCB: Acredito que, cada vez mais, ficamos com a sensação de que temos uma obrigação de fazer parte de um relacionamento romântico, e na maioria das vezes podemos nos colocar em situações muito problemáticas por causa disso. Ou seja, o que estamos dispostos a fazer para nos encontramos dentro de um relacionamento amoroso? Se faz de suma importância refletir ao nos relacionarmos se estamos o fazendo por sentirmos um amor de proporções

extremas ao ponto de querermos ficar ao lado de uma pessoa que nos é especial ou se apenas buscamos o alívio de ter cumprido uma exigência imposta pela sociedade. Tenho a sensação de que, pela ansiedade da contemporaneidade e o desespero para fugir de si mesmo através da companhia do outro, acabamos por fazer vista grossa para essas questões.

**O Berro - Quais podem ser as consequências de permanecer em um relacionamento infeliz?**

CCB: Traumas dos mais diversos, o que pode acabar por gerar gatilhos duradouros e, até mesmo, consequências fatais. Também vale observar que quanto mais tempo se passa preso dentro de um relacionamento abusivo, mais difícil fica de sair pelo fato de a dependência emocional ter tido mais espaço para se desenvolver. Quando permanecemos em um relacionamento infeliz, agarrados a uma memória agradável daquela fase que já se foi na relação, acabamos por perder as possibilidades de viver outras coisas muito melhores, mais alinhadas e saudáveis. Quando não cultivamos o autoconhecimento e nos encontramos infelizes em uma relação, podemos acabar por perder a vista daquilo que nos faz quem somos, e nunca devemos fazer isso, porque, afinal de contas, no final somos nós por nós mesmos.

**O Berro - Quais podem ser as consequências de ser incapaz de firmar relacionamentos?**

CCB: Não sei se acredito na incapacidade de firmar relacionamentos ou não, mas com certeza vejo que, se isso vira um padrão, uma questão existe e isso deve ser analisada mais a fundo. Com o processo terapêutico temos a oportunidade de entender as crenças, pensamentos, comportamentos e sentimentos que nos é provocado quando se trata de relacionar-se com outra pessoa, assim sendo possível descobrir o que pode ser trabalhado".

**O Berro - Você tem muita experiência em lidar com pessoas que demonstram dificuldade em firma relacionamentos saudáveis e com pessoas que tem dificuldade em sair de relacionamentos problemáticos?**

CCB: Infelizmente, sim. Vejo como sendo algo extremamente comum, tanto nos pacientes que atendo em um contexto terapêutico quanto no convívio com as pessoas no dia a dia da minha vida cotidiana. É muito triste como algo tão terrível pode ser interpretado como uma norma, um sintoma de uma sociedade machista, que normaliza atrocidades mesmo quando algo assim não devesse ser lidado com naturalidade. Vejo muito mais pessoas buscando ou se enquadrando numa dinâmica superficial e casual do que em busca algo saudável e duradouro.

**O Berro - Com base em sua experiência, saberia determinar, entre homens, mulheres e pessoas não binárias, quem tende a ser mais afetado com isso? Poderia me fornecer sua visão de porque esse ser o caso?**

CCB: Mulheres e pessoas não binárias, com certeza. Por sermos minoria, sofremos muito mais pressão para nos enquadrarmos. No que diz respeito à relacionamento não é diferente. Falando no lugar de mulher cis, partindo de meu local de fala, desde novas e desde muito tempo somos ensinadas e estimuladas a servir o homem branco na posição de ‘mulher para casar’, para ser mãe, para ser ‘do lar’ e, mesmo que muitos padrões estejam sendo reconsiderados e que exista um entendimento melhor sobre nossos direitos como seres humanos, ainda, sim, sofremos as consequências desses pensamentos machistas. Portanto, ficamos suscetíveis a entrar em relacionamentos nem um pouco saudáveis em nome de cumprir essa ‘função’, como se tivemos isso como missão na terra, a qual nos dizem que deve ser cumprida custe o que custar.

**O Berro - Conseguiria me fornecer um perfil da pessoa que se encontra nesse dilema? Algum padrão que você nota, como trauma ou evento na vida da pessoa que possa tornar difícil um término, mesmo que necessário?**

CCB: Mulheres vindas de um contexto em que foram criadas com uma educação marcada por um intenso conservadorismo tendem a ser mais suscetíveis a essa situação, por terem tido essa concepção sexista muito presente em seu desenvolvimento. Acho que elas acabam por passar por um processo que as faz seguir dinâmicas nem um pouco saudáveis e acabam ultrapassando seus próprios limites em prol desse ideal imaginário que lhes é exigido desde cedo pela comunidade em que cresceram.

**O Berro - Além de, claro, buscar ajuda profissional, o que pode ser feito para auxiliar pessoas presas em um relacionamento difícil?**

CCB: Ao vivermos em uma sociedade que nos impõe expectativas quanto ao que devemos ser, se torna necessário um esforço dobrado para firmarmos nossa identidade através da formação de uma rede de apoio com pessoas de confiança e fazendo as coisas que amamos, para assim encontrarmos núcleos de uma personalidade pela qual podemos encontrar aquilo que nos torna quem somos e nos fortalece para tomarmos decisões em prol de nosso bem-estar.

# O AMOR DO MEU AMOR

## HISTÓRIAS DE QUEM AMA ALGUÉM 100% DEDICADO À TORCIDA ORGANIZADA

por Henrique Lemos

Amar alguém que vive por um time de futebol é viver entre tambores e bandeiras, entre domingos de estádio e noites de reunião da torcida. É conviver com o ritmo acelerado das baterias, as viagens em caravanas, os calendários dos campeonatos marcando os dias mais importantes do ano. Em algumas relações, o futebol é apenas um detalhe. Em outras, ele é o próprio pano de fundo da história de amor. E, em alguns casos, o protagonista.

Entre amor e arquibancada, há quem encontre um jeito de fazer tudo isso coexistir. Esta matéria conta a história de pessoas que amam — e são amadas por — integrantes de torcidas organizadas. Um amor que, apesar dos ruídos do estádio, encontra um jeito de ser ouvido.

Anderson Isolino, ou Cinho, como é popularmente conhecido, não foi só mais um torcedor fanático. Ele foi presidente da Fanático, uma das principais torcidas organizadas do Clube Náutico Capibaribe, em Recife. Durante anos, sua vida girava em torno do time: reuniões semanais, caravanas pelo Nordeste, confecção de faixas, organização de baterias e confrontos. Uma paixão intensa, muitas vezes incompreendida por quem não vive o universo da arquibancada. Foi em uma dessas arquibancadas, em um jogo decisivo, que ele conheceu Márcia.

“Ela estava com um grupo de amigas, meio deslocada, mas sempre tava lá pelos Aflitos, sempre via ela. Sabia todas as músicas da FAN (Fanático), aí não

tem como não se apaixonar né? (risos)” lembra ele, com o brilho nostálgico nos olhos.

Márcia confessa que, no começo, achou tudo aquilo exagerado. “Eu via a paixão dele e pensava: será que tem espaço pra mim nisso tudo?”, conta. O namoro começou aos poucos, com encontros marcados entre um treino e outro, e conversas interrompidas por ligações da torcida.

O relacionamento enfrentou altos e baixos, especialmente nos anos em que Anderson precisou se dedicar quase integralmente à Fanático. “Às vezes ele passava mais tempo com a torcida do que comigo. Eu me sentia como a segunda opção, ao mesmo tempo que eu entendia, até porque sempre frequentei estádios e torcida organizadas, conhecia muita gente do meio, mas era muito difícil pra mim tentar ser compreensiva mas também exigir meu espaço”, revela Márcia.

Mas o que poderia ser motivo de separação, tornou-se o elo da relação. Márcia decidiu se aproximar mais do universo do marido, entender suas razões, participar de algumas atividades, até porque ela já era familiarizada com o funcionamento e dinâmica de algumas coisas. Hoje, eles têm dois filhos e, mesmo que Anderson tenha deixado a presidência da Fanático, o amor pelo clube e pela torcida segue firme. Assim como o casamento.

Mas mais desafiador ainda, é para alguém que não fazia ideia do que é uma torcida organizada e nem como esse universo funciona. Renato é um dos bateristas mais conhecidos da Torcida Jovem do Sport Club do Recife. A batida é o que embala suas semanas, seus sonhos, sua rotina. Foi também o motivo de inúmeras discussões com sua esposa, Cláudia.

“Quando a gente começou a namorar, eu não fazia ideia do que era uma torcida organizada. Achava que era só ir ao estádio e pronto. Mas vi que é uma vida paralela, algo que teria que ser dividido comigo de alguma forma, não entendi de uma boa forma no início”, diz Cláudia.

Renato, por sua vez, nunca pensou em abandonar a torcida.

“É como uma família. É um compromisso. A turma se reúne, cria projetos sociais, organiza viagens. Não é só futebol, é cultura de periferia, é amor”, explica.

O ponto de virada veio quando Cláudia resolveu colocar limites. “Eu disse: ‘Renato, não dá pra viver só de torcida. Quero construir algo com você’. Foi um choque pra ele, confesso que de início achei que seria o fim da gente, porque não imaginava que ele acataria esse tipo de mudança”, lembra.

O casal passou por um período difícil, quase se separou. Mas encontraram uma fórmula: combinaram dias sagrados para eles, independente da agenda do clube, e aprenderam a negociar. Cláudia passou a frequentar alguns jogos. Renato reduziu o tempo nas reuniões da torcida.

Hoje, eles celebram 8 anos de união. “A torcida me deu identidade, mas ainda bem que Cláudia que me deu um equilíbrio”, resume Renato.

Para entender como essa convivência pode ser tão intensa, e ao mesmo tempo tão conflituosa, conversamos com o psicólogo Carlos Brito, especialista em comportamento social. Carlos explica que torcidas organizadas funcionam como estruturas de pertencimento muito fortes. “O indivíduo não se vê apenas como alguém que torce para um time, ele se vê como parte de uma comunidade. Há regras, hierarquias, rituais, e isso tudo molda a identidade da pessoa”, aponta. O desafio, segundo ele, surge quando essa identidade é tão forte que ameaça outras dimensões da vida, como o relacionamento amoroso. “Muitos parceiros e parceiras sentem que competem com o clube, com a torcida, e isso pode gerar um sentimento de rejeição.” Mas Carlos também destaca o lado positivo: “O amor, quando há diálogo e respeito, pode encontrar espaço até nos contextos mais extremos. Já vi casais que transformaram essa diferença em uma ponte, não em um muro.” Para ele, o segredo está na escuta ativa. “É preciso compreender o que representa essa paixão para o outro. E, ao mesmo tempo, é preciso fazer com que o outro compreenda os impactos disso na relação.”

Em tempos onde o futebol também é palco de violência, exclusão e rivalidade, histórias como essas nos lembram que a arquibancada pode ser, sim, um lugar

de encontro. Que é possível amar intensamente um clube sem deixar de amar e cuidar de quem está ao nosso lado. A vida de quem ama um torcedor organizado não é fácil. Há ciúmes, distância, medo e, às vezes, solidão. Mas há também risos, cumplicidade, orgulho e festa. É preciso coragem para amar alguém que se entrega tanto a algo que não é você. Mas, como mostram Anderson, Márcia, Renato e Cláudia, também é possível construir um relacionamento onde o amor pelo time não anula o amor pelo outro, apenas exige mais jogo de cintura e o mesmo nível de dedicação, tanto no jogo, como no amor, para aí sim, se ter sorte nos dois.

# O CORAÇÃO DO JOGO

## A PAIXÃO ENTRE TORCEDORES E CLUBE: UM LAÇO ALÉM DAS QUATRO LINHAS

por Carlos Tavares

Existe algo no futebol que escapa da compreensão racional. Uma conexão silenciosa, intensa, quase instintiva - visceral. É um amor que explode nos gritos da torcida, na persistência da esperança até o último instante, nas tatuagens que adornam a pele, nas promessas feitas no calor do momento. Não há uma razão científica para explicar o choro diante de uma derrota, ou o sacrifício do último centavo para ver o time jogar. Talvez a resposta esteja no princípio: a ligação entre torcedores e clubes transcende o campo de jogo.

Antigamente, o futebol refletia diretamente a identidade das comunidades. Os torcedores não eram meros espectadores, mas sim uma extensão viva de seus clubes. Não que isso tenha sido deixado de lado, mas com a evolução profissional e a globalização, o esporte se tornou uma indústria multibilionária. Os clubes viraram marcas, os jogadores celebridades mundiais, os estádios, palcos comerciais. A paixão, no entanto, permaneceu. Resiliente. E muitas vezes, surpreendentemente, ainda mais intensa.

“Minha ligação com o Esporte Clube Vitória (ECV) é familiar, minha família toda é Vitória. Ir ao Barradão era estar com meu avô o dia todo”, conta Leonardo Santiago, baiano de 30 anos, com a voz carregada de nostalgia. O Vitória, para ele, é mais que um clube: é memória afetiva.

“Os anos de 2006 e 2007 me marcaram por causa dos jogos da Série C (2006) e o acesso para a Série A em 2007, na campanha da Série B que me apeguei muito. Tinha 12 anos e era incrível a magia do estádio vendo Apodi batendo e voltando de uma ponta a outra do campo em questão de segundos, com Bida, Índio e Joãozinho jogando juntos.”

O que torna essas histórias ainda mais singulares é como o futebol se mistura ao cotidiano. Jogos que viram rituais, vitórias que se tornam marcos pessoais, derrotas que deixam cicatrizes tão reais quanto as da vida. Leonardo não menciona só jogadores, ele revive sensações, respiros e sons. “O que fortalece meu amor pelo Vitória é o ambiente ao redor. A representatividade de quem convivo é muito grande.”

Esse entorno chegou de outra forma para definir a história de Inaldo Cordeiro, torcedor apaixonado do Sport Club do Recife (SCR). Nascido em Salgadinho, no interior de Pernambuco, ele conta que seus pais nunca se interessaram por futebol. O avô, por sinal, era torcedor do Santa Cruz. Mesmo assim, algo inexplicável o fez torcer pelo Sport desde muito novo. “Por minha causa, hoje, meus pais também são rubro-negros”, diz, com orgulho.

Como esse amor surgiu? Bem, tem explicação! “Assistia TV na parabólica e via muitos jogos do Flamengo, mas não conseguia criar identificação com um time tão distante. Nisso, acredito que, implicitamente, pelas cores serem as mesmas, fui condicionado a torcer pelo Sport.” Se faltava pertencimento, foi então que o também rubro-negro, mas do seu estado natal, entrou em cena – e nunca mais saiu.



A primeira forte lembrança que Inaldo guarda do Leão é de 2005, numa decisão do campeonato estadual contra o Santa Cruz. "Naquela partida decisiva, eles estiveram a um pênalti de serem campeões, mas nosso goleiro defendeu e nós viramos a disputa." Essa vitória, mesmo distante, permanece nítida em sua mente, como se tivesse acontecido ontem.

Quando se mudou para a capital para cursar Educação Física, o objetivo era trabalhar com futebol, visando ficar ainda mais perto do Sport. No caminho, se deparou com uma porta estreita. "Hoje sou personal trainer e agradeço! Nada paga estar na arquibancada torcendo pelo meu time."

Direção que possibilitou Inaldo viver momentos a flor da pele na calorosa Ilha do Retiro, estádio o qual nem conhecia os acessos, mas logo virou sua casa.

O primeiro jogo que esteve presente foi um clássico regional: Sport x Bahia, pela Série A. Um vizinho o levou, e ele se encantou. Depois, na faculdade, fez amizade com um torcedor ainda mais fanático, que o guiou nos caminhos do torcedor raiz: como comprar ingresso e onde garantir meia-entrada. A paixão ganhou estrutura – e rotina.

Passou a ir a todos os jogos que podia. Sozinho, com amigos ou com a namorada. Aliás, quando ela foi morar com ele, acabou sendo envolvida pela atmosfera rubro-negra. O primeiro jogo juntos foi uma verdadeira montanha-russa de emoções, como ele mesmo descreveu: "Levei para Sport e Atlético



Mineiro. Começamos perdendo por 4 a 2, o árbitro deu dois pênaltis para eles. Tentei ficar contido para não assustar ela. No segundo tempo, o Sport empatou em 4 a 4 e esqueci que ela estava comigo, saí correndo pela arquibancada que nem um 'louco' quando vi o gol do meu grande ídolo dessa geração: Diego Souza. Quase caí junto com o alambrado, sorte que alguém me segurou", contou sorridente.

Essa não foi a única vez em que o futebol o fez esquecer tudo. Em 2017, na última rodada do Brasileirão, o Sport precisava vencer o Corinthians para evitar o rebaixamento. Ele não tinha dinheiro, mas um amigo conseguiu ingressos num preço acessível – os piores lugares do estádio, mas era o que dava. Pediu um adiantamento ao chefe da academia em que trabalhava, pegou a namorada pela mão e foi. A Ilha do Retiro estava lotada. A entrada foi caótica: cavalaria, spray de pimenta, empurra-empurra. Inaldo conta que sua namorada chegou a passar mal e desmaiou. Ainda assim, seguiram no estádio.

No final, a recompensa: 1 a 0 contra o Corinthians e a permanência na Série A. "Joguei mais uma das tantas cervejas que se foram pelo alto para comemorar o 'gol do fica'".

Em 2008, uma das poucas promessas que fez foi cumprida à risca: ficou 30 dias sem jogar videogame para agradecer a conquista da Copa do Brasil. Inaldo diz que foi uma das maiores provas de fé que já deu ao time. Fé essa que também o levou ao Morro da Conceição, perto de onde mora, mesmo sem ser católico, incontáveis vezes, sempre com a bandeira rubro-negra nas mãos, para agradecer ou pedir forças. "É como religião. Uma razão para viver."

Entretanto, a paixão nem sempre vem de família ou do lugar onde se vive. Às vezes, ela surge inesperadamente, como aconteceu com Júlio Costa Neto, torcedor da Roma. Júlio não herdou o time dos pais. Seu laço com o clube italiano nasceu da admiração que seu tio tinha por Falcão, o Rei de Roma. "Eu não o vi jogar, mas gravei os nomes (Roma e Falcão) na memória", recorda.

Na década de 1990, quando os jogos do Campeonato Italiano começaram a ser transmitidos na TV aberta brasileira, Júlio começou a assistir. A paixão nasceu e

creceu, impulsionada por um novo ídolo: Francesco Totti. "Vi os títulos do Campeonato Italiano e da Coppa Italia e criei uma ligação."

Essa ligação foi tão intensa que cruzou o oceano. Júlio foi a Roma, assistiu a jogos no estádio, na curva sul do Estádio Olímpico, onde se localiza a organizada romanista. Esteve presente na despedida de Totti, que jogou toda sua carreira pela Roma de 1993 a 2017. Em homenagem, batizou o filho de Gabriel Totti. "Apesar de meu filho não ser muito ligado em futebol, estávamos juntos nesse momento especial e até hoje nos reunimos para assistir às partidas."

O tempo e as responsabilidades diminuíram um pouco essa relação, mas ela não acabou. Na verdade, ficou marcada por ensinamentos, vivências e oportunidades vividas através desse amor. "Tenho amigos romanistas, aprendi o idioma, guardo com carinho alguns objetos que trouxe de lá, além de algumas camisas do clube."

Existe uma beleza singular na paixão de Júlio. Sua chama de amor foi por uma Roma que, por muito tempo, ocupou posições intermediárias na tabela, mas acabou o levando para grandes momentos da vida. No mundo real. Sua torcida além das vitórias, como uma defesa de um jeito de ser, foi a resistência suficiente para ser agraciado pelo tempo.

A transformação do futebol em mercadoria e a elitização dos estádios ergueram muros entre torcedores e clubes. Ingressos caros afastaram o público, os estádios perderam o calor popular. O torcedor, antes parte essencial do espetáculo, foi marginalizado. No entanto, as redes sociais surgiram como uma ligação.

Os jogadores têm agora a oportunidade de interagir diretamente com os fãs, mostrando seus sentimentos. Promessas cumpridas em campo, declarações genuínas, gestos inesperados – um abraço no final do jogo ou uma camisa dada na arquibancada – mantêm essa conexão. A recusa de Totti em deixar a Roma por ofertas milionárias, por exemplo, selou um pacto eterno com a torcida, atitudes que fortalecem o amor.



O desafio persiste: equilibrar o negócio e a emoção. A essência do futebol não se resume ao lucro. Ela reside nas narrativas das arquibancadas, nas lágrimas durante o hino, nos abraços entre desconhecidos após um gol. É a entrega total que torna o jogo algo sagrado. Como Inaldo resume: "Já discuti com muitos (familiares ou pessoas próximas) por preferir ver o Sport. É inexplicável."

Tatuagens pelo corpo que representam aquele sentimento, nomes de ídolos que marcaram geração nos filhos, rituais antes dos jogos e promessas após eles são provas silenciosas de uma paixão atemporal, que desafia dinheiro e lógica. Amores já nasceram a partir de um gol e podem durar a vida toda. Cada jogo, mesmo o mais banal, pode se tornar inesquecível. Basta ter contexto. Para quem ama, futebol é mais que um jogo. Para Leonardo, por exemplo, o Vitória é também a relação com a sua família.

Então, não importa se é no Barradão, na Ilha do Retiro ou no Estádio Olímpico de Roma, o amor se mantém. Vibrante, intenso, único - cada um do seu jeito. Seria precisamente essa característica que confere ao futebol sua magia singular? A convicção é de que, camisa carrega uma história de amor que transcende o campo.

# VENDE-SE AMOR PRÓPRIO

## UMA ESPECIALISTA EM SKIN CARE, UMA TERAPEUTA HOLÍSTICA E UMA PSICÓLOGA TENTAM DEFINIR O SENTIMENTO

por Isabella Moura

Nos dicionários, a expressão “amor-próprio” é definida como: “a capacidade de se reconhecer como suficiente”, “celebrar conquistas sem precisar de validação externa”, “respeitar seus limites e desejos” e “ser gentil e verdadeira consigo próprio”. Os dicionários não erram, isso é fato. Mas será que é só isso?

Na prática, o conceito de amor-próprio evoluiu. Com o amadurecimento das tecnologias e o surgimento das redes sociais, essa expressão adquiriu um novo sentido. O que antes era uma expressão de fortalecimento pessoal se transformou em uma mercadoria valiosa.

O amor-próprio virou “trend”, um comportamento popular amplamente engajado na internet. O que era para ser uma ideia de empoderamento, se tornou um produto no mercado, algo totalmente “vendável”. Marcas, influenciadores e até mesmo profissionais de saúde especializados em estética adaptaram-se a essa lógica.

A cultura de consumo passou a redefinir o amor-próprio como algo que pode – e deve – ser conquistado por meio da compra. A busca por aceitação, autocuidado e inclusão se tornou uma oportunidade lucrativa para empreendedores, que enxergaram o potencial de comercializar essa ideia. Produtos que prometem bem-estar físico, emocional ou espiritual são oferecidos a consumidores que esperam, de alguma forma, transformar suas vidas.

Os dados reforçam essa tendência: segundo a Euromonitor International, os

consumidores “em busca de amor-próprio” são apontados como uma nova tendência global. O levantamento revela que 54% dos profissionais já reconhecem que experiências de compra mais personalizadas terão um forte impacto no varejo até 2027.

Nesse cenário, figuras como Brena Passos ganham protagonismo. Graduanda em Cosmetologia e especialista em skincare, Brena começou sua jornada nas redes sociais apresentando os produtos que utilizava em sua rotina de cuidados com a pele. No entanto, ao compartilhar seus próprios relatos e experiências, seu alcance cresceu rapidamente.

Transformar um surto de acne em um marco pessoal e profissional foi o que a fez viralizar. Brena ganhou visibilidade ao expor seu “antes

e depois” sem esconder imperfeições ou vender fórmulas mágicas.

Para Brena, o skincare vai muito além da pele. “É um momento de conexão consigo mesma, como se fosse um lembrete diário de que você merece cuidado e atenção”.

Atualmente, com quase 20 mil seguidores no Instagram, Brena se consolidou como uma influenciadora da área. Seu crescimento nas redes não só trouxe parcerias com grandes marcas de beleza e cosméticos, mas também a transformou em referência para um público espalhado por diferentes estados do Brasil.



Brena Passos. Reprodução/Acervo pessoal

A demanda por seu conteúdo e credibilidade levou Brena a iniciar consultorias online, onde orienta seus clientes de forma personalizada, promovendo não apenas a estética, mas o bem-estar.

Gesiele Pimenta, moradora de Osasco, na Grande São Paulo e atualmente com 32 anos, há cerca de dois anos tomou a decisão de contratar os serviços de Brena. Ela conta que durante muitos anos não se achava bonita. “Eu queria que as pessoas vissem a minha beleza sem maquiagem”. E ela não está sozinha.

Uma pesquisa da marca Dove, feita com 6,4 mil mulheres em 20 países, revelou que só 4% delas se consideram bonitas. No Brasil, esse número é um pouco maior: 14%. Ainda assim, a maioria sente pressão para ser bonita – e essa cobrança vem principalmente delas mesmas (32%), mas também da sociedade (12%), amigos e família (9%).

Antes da consultoria com Brena, Gesiele tinha vários produtos em casa, mas não sabia como usá-los. Durante o acompanhamento, que durou três meses, ela não só aprendeu a cuidar da pele, mas também a ter paciência com os resultados.

Os primeiros resultados vieram rápido. “Em menos de 15 dias, eu já vi melhora nos poros dilatados e nas manchas.” Mas, para Gesiele, a maior mudança foi na autoestima.

“Antes, eu olhava para o meu rosto e, mesmo quando alguém dizia que eu era bonita, eu não acreditava. Via só as manchas, a acne, e me sentia escrava da maquiagem para esconder isso”, lembra. “Eu queria que as pessoas vissem a minha beleza natural, sem maquiagem.”

Ela também passou a aceitar o próprio cabelo. “Eu alisava sempre, não aceitava meu cabelo natural. Mas depois da transição, entendi que posso ser bonita do meu jeito – com meu cabelo afro, minhas marquinhas. Eu posso melhorar minha pele, mas sem me odiar.”

Hoje, além de cuidar da pele, ela também aprendeu a aceitar os elogios. “Eu

não preciso esperar a validação dos outros. Eu já tenho a minha validação, e isso é muito importante.”

Esse processo de transformação não é só sobre aparência. É sobre escuta, paciência e tempo – coisas que parecem cada vez mais raras em um mundo digital, onde tudo é rápido, cheio de fórmulas prontas e filtros perfeitos.

Para a psicóloga Vivian Loietes, que trabalha com autoestima e vínculos afetivos, o amor-próprio não é um ponto de chegada. “É uma travessia. É ter coragem de olhar para dentro.” No entanto, em tempos de redes sociais, onde tudo parece imediato e superficial, essa travessia acaba se confundindo com performance.

Um exemplo claro está no impacto das redes sociais na autoestima, com destaque para o TikTok – uma plataforma com mais de 2 bilhões de usuários em todo o mundo. Apesar de se apresentar como um espaço de entretenimento, criatividade e comunidade, o TikTok tem se tornado um



Vivian Loietes. Reprodução/Acervo pessoal

ambiente cada vez mais tóxico e viciante, especialmente para os usuários mais jovens.

A lógica do aplicativo é simples: quanto mais você assiste, mais ele entende seus interesses e sugere conteúdos semelhantes. O problema é que isso pode criar um ciclo perigoso. Um estudo recente da Universidade Charles Sturt, na Austrália, revelou que passar apenas oito minutos no TikTok já é suficiente para impactar negativamente a percepção da imagem corporal entre as mulheres.

A pesquisa entrevistou 273 mulheres com idades entre 18 e 28 anos e mostrou que o algoritmo da plataforma não apenas reflete, mas reforça padrões irreais de beleza. Ou seja, quanto mais uma usuária interage com conteúdos relacionados à aparência, mais o aplicativo sugere vídeos que reforçam esses mesmos padrões – criando uma pressão constante para se encaixar em um ideal muitas vezes inalcançável.

“As redes sociais podem ser incríveis para encontrar inspiração, aprender coisas novas, até se sentir menos sozinha. Mas também podem virar um espelho cruel, onde a gente se compara o tempo todo com versões editadas da vida dos outros”, alerta Vivian.

Para muitas pessoas, o conceito de amor-próprio virou um roteiro pronto: fazer skincare, repetir afirmações positivas no espelho, compartilhar fotos com legendas motivacionais. Mas será que isso é suficiente? Nos atendimentos, Vivian percebe um padrão. “Muita gente sabe que deveria se amar mais, se valorizar, ser confiante. Mas não sabe por onde começar.”

O problema, segundo ela, é que a autoestima não nasce de frases prontas ou de uma rotina postada nas redes sociais. “Amor-próprio não é fazer skincare ou repetir afirmações – é se responsabilizar pela própria história, olhar pras dores que a gente aprendeu a esconder, aprender a se acolher de verdade.”

O efeito desse consumo digital é uma busca constante por aprovação. As pessoas postam esperando likes, comentários e elogios, mas, como diz a psicóloga, isso não preenche o vazio.

“A validação externa, por mais viciante que pareça, é bastante volátil. A gente até se sente bem por um tempo, mas logo volta o vazio.”

Vivian explica que a verdadeira autoestima tem raízes mais profundas. “Ela não depende do olhar do outro, e sim do modo como a gente se enxerga quando ninguém está vendo a gente.” É nesse espaço de silêncio e auto escuta que começa o verdadeiro trabalho de fortalecimento interno.

Mas e se o amor-próprio for mais do que apenas um conceito psicológico ou uma tendência digital? E se ele também for uma conexão com algo maior, com uma energia que vai além do corpo e da mente?

Em busca dessas respostas, muitas pessoas têm se voltado para práticas que integram corpo, mente e espírito. Meditação, Reiki, terapia energética e outras abordagens holísticas vêm ganhando espaço como alternativas para quem deseja se reconectar consigo mesmo de forma mais profunda.

A terapeuta holística Ariana Borges, que atua com diversas técnicas como ThetaHealing, leitura de aura, psicanálise e neurociência, explica que o amor-próprio é mais profundo do que a maioria das pessoas imagina. “Amor-próprio é algo que muito se fala, mas pouco se entende. Para que a gente realmente evolua no processo terapêutico, é preciso aprender a se perdoar em um nível muito profundo. Às vezes, a gente está com o perdão aberto para quem está fora, mas não para a gente mesma”, afirma.

Segundo Ariana, o caminho do amor-próprio passa por três pilares: perdão, compaixão e consciência. “O primeiro passo é o perdão. O segundo é a compaixão – com os próprios erros, com os equívocos, com as coisas que não deram certo. E o terceiro pilar é o amor-próprio, que não se resume a fazer a unha ou comprar uma roupa nova. Isso pode ser consequência, mas não é a essência. Amor-próprio é prioridade. É você se priorizar, é você pensar em si em todas as situações da sua vida.”

Ela ressalta que, ao contrário do que se pensa, o autocuidado não está apenas no físico. “Muitas pessoas dizem que se amam, mas continuam se colocando em situações de risco, se autossabotando, se ferindo com palavras.



*Ariana Borges, terapeuta holística. Reprodução/Acervo pessoal*

Amor-próprio também é cuidar do que você diz para si mesma, das escolhas que você faz, da energia que você cultiva.”

Nesse sentido, a terapia holística pode ser uma ferramenta potente de reconexão interior. “É uma terapia suave, que acolhe. Ela olha para o sentimento, mas também para a energia, para a intuição, para o que o corpo sente diante das pessoas e situações. É um caminho de autoconhecimento que nos ajuda a voltar para dentro, num mundo cada vez mais voltado para o exterior”, explica Ariana.

A profissional acredita que o excesso de tecnologia e a lógica científica predominante têm afastado as pessoas da própria essência. “Nós somos seres intuitivos, espirituais. Sentimos, sonhamos, pressentimos. E é nesse lugar de escuta interna que o amor-próprio começa de verdade”, conclui.

No fim das contas, o amor-próprio pode nascer de um creme no rosto, de uma transição capilar, de um rompimento com padrões irreais nas redes ou de um mergulho silencioso na própria essência. Ele pode surgir no consultório de uma

psicóloga, durante uma sessão de leitura de aura, ou na rotina de cuidados diante do espelho. Não existe fórmula única, nem caminho certo. O que existe é a necessidade – urgente e legítima – de aprender a se escutar com mais verdade, se olhar com mais gentileza e se reconhecer, enfim, como alguém que merece ser amado. Por si. E para si.

## O AMOR-PRÓPRIO COMO PRODUTO: UMA CONVERSA COM A PSICÓLOGA KATHARINE ALVES

Nas redes sociais, o amor-próprio virou tendência. Vídeos ensinam rituais de skincare como solução para autoestima, frases motivacionais prometem transformação imediata e influenciadores comercializam métodos que garantem um “passo a passo” para aprender a se amar. Mas será que esse conceito vendido online realmente representa o que é o amor-próprio?

De acordo com o relatório Panorama da Saúde Mental, realizado pelo Instituto Cactus em parceria com a AtlasIntel, 36,9% dos brasileiros que passam três horas ou mais por dia nas redes sociais apresentam sinais de ansiedade, o que evidencia como o excesso de exposição online pode afetar negativamente a saúde mental e distorcer a percepção de si.

Para entender melhor sobre esse assunto, conversamos com a psicóloga especialista Katharine Alves para entender os impactos dessa nova era do autocuidado e como desenvolver um amor-próprio genuíno e saudável.

**O Berro - Como você, enquanto psicóloga, define o amor-próprio de uma maneira saudável e realista?**

Katharine Alves: Se eu fosse definir o amor-próprio de uma maneira saudável e realista, eu diria que é aquele tipo de amor onde eu consigo me acolher, apesar das dificuldades. O amor-próprio vai muito além de fazer uma skincare ou ler

um livro. Eu acho que o amor-próprio se constrói quando a gente estabelece uma base sólida por dentro: conseguindo reconhecer nossos sentimentos, expressar nossos desejos e colocar limites no outro, por mais desconfortável que isso possa ser.

**O Berro - Existe um limite entre o autocuidado e a ideia de que amar a si mesma está diretamente ligado a investir em produtos e serviços?**

KA: Sim. É bom lembrar que o autocuidado vai muito além do que consumimos ou compramos, até porque nem todo mundo tem o mesmo dinheiro para investir nos produtos de maior qualidade ou até mesmo em uma terapia, que sabemos que é um investimento. Mas quando você tira um tempo para si, consegue dizer não, toma um banho um pouco mais demorado com uma luz mais baixa, faz uma comida que gosta... Isso também é autocuidado. Então, pode haver uma ligação com investimento em produtos e serviços, mas

é importante colocar um limite, porque não se resume a isso. E, mesmo para quem tem condição financeira, não dá para depositar todo o autocuidado apenas nisso, porque vai muito além.

**O Berro - As redes sociais transformaram o amor-próprio em um conceito mais acessível ou trouxeram novas pressões para as mulheres?**



Ariana Borges, terapeuta holística. Reprodução/Acervo pessoal

KA: Eu acho que é uma linha muito tênue. A rede social é um local muito amplo, então você pode achar de tudo um pouco. Muito vai depender de qual nicho você está filtrando para você. Se você tende a seguir pessoas que fazem várias publis, que são blogueiras e sempre atrelam o autocuidado a algum produto, é raro ver alguém falando sobre isso sem ter uma marca ou propaganda envolvida. Mas, ao mesmo tempo, algumas pessoas compartilham experiências reais de autocuidado, mostrando rotinas simples, como acordar mais cedo, escrever, fazer atividade física em casa. Então, sim, o conceito ficou mais acessível, mas também criou novas pressões.

**O Berro - Como o consumo de produtos e serviços vendidos como ferramentas para o amor-próprio pode afetar a forma como as mulheres enxergam a si mesmas?**

KA: Pode ser negativo quando a pessoa começa a acreditar que só terá amor-próprio se tiver determinado produto ou consumir determinado serviço. Hoje em dia, as redes sociais se aproveitam desse movimento crescente para monetizar em cima disso, porque sempre foi assim: exploram justamente os pontos sensíveis da sociedade, aquilo que já está ferido.

**O Berro - Hoje, vemos cursos, e-books e mentorias que prometem ensinar o amor-próprio em etapas. Do ponto de vista psicológico, esse tipo de abordagem pode ser eficaz ou pode gerar uma visão limitada sobre o processo de autoestima?**

KA: Pode ser interessante como uma porta de entrada para quem quer começar a olhar para o próprio amor-próprio, mas não sabe por onde. Se eu sinto que gostaria de melhorar isso, posso ler um e-book mais curto ou assistir a uma mentoria, principalmente se for algo que não exija um grande investimento. Mas isso não pode ser a única fonte de aprendizado, porque são conteúdos muito generalizados, que não consideram cada pessoa de forma específica. Algumas coisas podem servir para você, outras não. Então, a ideia é não se limitar a isso e entender que amor-próprio vai além do que está nesses materiais.

**O Berro - Como diferenciar conteúdos realmente embasados na psicologia daqueles que apenas exploram o discurso motivacional?**

KA: Quando você for consumir um conteúdo, é importante avaliar quem está por trás dele. Essa pessoa tem formação na área? Suas falas são baseadas em estudos científicos ou apenas em experiências pessoais? Vale a pena pesquisar o nome dela na internet, ver se há algum respaldo, artigo ou matéria. Buscar ajuda profissional, como terapia ou psiquiatria, também pode ajudar a entender se o que aquele influenciador está propagando faz sentido. Infelizmente, na internet, qualquer um pode postar o que quiser, como quiser, e muita gente usa isso para benefício próprio, para ganhar seguidores, visualizações e monetizar.

**O Berro - Quais são os maiores desafios que as mulheres enfrentam ao tentar desenvolver um amor-próprio genuíno?**

KA: Acredito que o maior desafio é estar inserida – e eu me incluo nisso também – em um mundo onde tudo é urgente. A informação chega muito rápido, as mudanças acontecem o tempo todo. Talvez a maior dificuldade seja conseguir estabelecer uma base sólida, porque a cada momento surge uma nova tendência de autocuidado, um novo produto que você “precisa” ter. Desde sempre, as mulheres recebem pressão sobre como deveriam ser e, além disso, estão sempre pensando nos outros antes de si mesmas.

**O Berro - Como a construção da autoestima pode variar de acordo com fatores como experiências de vida, contexto social e ambiente familiar?**

KA: Nós somos muito moldados pelo ambiente em que vivemos. Por exemplo, se eu venho de uma família que tem o costume de criticar constantemente, que não valoriza pequenas conquistas, apenas as grandes, minha autoestima pode ser minada. Eu começo a achar que nunca vou ser boa o suficiente. Se, na escola, estou em um ambiente onde os colegas ridicularizam os erros uns dos outros ou fazem comentários depreciativos, eu posso começar a duvidar de mim mesma. Com isso, dificilmente vou me colocar em espaços onde serei

valorizada, porque fui ensinada a acreditar que não mereço tanto. O ambiente em que crescemos, as influências que recebemos dos cuidadores e protetores, tudo isso tem um impacto direto na construção da autoestima na vida adulta.

**O Berro - Para mulheres que se sentem pressionadas a atingir um ideal de amor-próprio, por onde começar essa jornada de forma saudável e realista?**

KA: Pode parecer clichê, mas acredito que a terapia é um ótimo ponto de partida. Na terapia, a pessoa pode começar a olhar para essas questões sem ser julgada ou pressionada a atingir um padrão. É um espaço onde conseguimos identificar o que está acontecendo, por que está acontecendo e como podemos melhorar isso. Se eu não consigo me amar, como posso mensurar o que mereço dos outros? Se eu tenho dificuldade de entender o que mereço de mim mesma, como vou saber impor limites? Se eu não coloco limites para mim, deixo que os outros façam isso da forma que quiserem, quando quiserem. Então, acredito que a terapia é um espaço fundamental para iniciar essa jornada.

**“QUEM É VOCÊ QUANDO NÃO ESTÁ TENTANDO SER AMADA POR ALGUÉM?”**

Escutei de uma entrevistada certa vez uma frase que ecoou por dias na minha mente, me fazendo refletir: “Quem sou quando não estou tentando ser amada por alguém?” Quem sou sem a ideia de que estou sendo observada? O que me motiva, de verdade, a buscar minha melhor versão, sem ser por causa de terceiros?

Lembrei então de algumas das minhas sessões de terapia – que foram muitas. O assunto principal sempre girava em torno da forma como eu me moldava para agradar os outros. Vivia baseada no que imaginava que esperavam de mim. Exatamente, baseado em “fontes da minha própria cabeça”. E sim... isso ficou no passado. Deixei esse pensamento intrusivo de lado depois que perdi

noites e mais noites de sono estudando sobre assuntos de psicológica por pura curiosidade. Depois de assistir milhares de documentários e fazer entrevistas com especialistas, entendi, nessa jornada do jornalismo (e da vida), que nenhuma cobrança externa supera a que criamos dentro da nossa própria mente.

Apesar de ser uma jovem em seus 20 e poucos anos, já vivi – e ainda vivo – grandes desafios em meus relacionamentos. Amizades, família, uns poucos amores. Mas o que seria de nós, essa geração pressionada a viver tudo com urgência, se baseássemos o amor apenas em amar a nós mesmas?

Fomos treinadas a lidar desde cedo com o universo das redes sociais. Crescemos assistindo as clássicas comédias românticas, escutando antes de dormir histórias de princesas e durante muito tempo, nosso principal objetivo de vida era encontrar um príncipe encantado.

Mas antes disso, precisávamos “nos amar”. Amar de dentro para fora. Cuidar da saúde. Ir ao médico. Tomar vitaminas. Comer direito. Manter a forma. Se comportar. “Nada de exageros, mocinha, vai passar vergonha.”. Ao mesmo tempo, devíamos estar presentes nas redes. Postar fotos, ir às melhores festas, viver grandes histórias de amor. Todas impecáveis, claro. E se desse errado? “Fica tranquila, foi só aprendizado. O próximo vai compensar.” - Antes fosse fácil assim!

Durante anos, fui levada pelo que meus círculos gostavam, faziam, falavam. Aonde iam, com quem estavam, o que comiam, o que bebiam. Isso me fez feliz? Sim – mas também me apagou. Eu era um reflexo. Moldava opiniões, copiava gostos. Que muitas vezes, nem eram meus. Até que um dia a conta chegou.

Com a maioridade, tudo mudou. A vida adulta bateu à porta. Veio a responsabilidade, os boletos, o foco nos estudos, no trabalho. E aí, aquele teatro que eu encenava para ser aceita, perdeu o sentido. Mas, ironicamente, foi justamente aí que comecei a esquecer de mim.

Não deixei de me amar, mas deixei de zelar por esse amor.

Amor-próprio não é conceito pronto. É prática. É atitude. E eu parei de praticar. Me negligenciei. Parei de me cuidar. A rotina virou um ciclo automático: casa, trabalho, faculdade. Vivia acreditando que a independência era o que importava. “Sou forte, sou capaz, estou vencendo.”. Mas afinal, a que custo?

Meu psicológico estava indo por água abaixo. Alimentação péssima, noites em claro, corpo cansado. Achava que era o preço a pagar por realizar o sonho de ser independente tão cedo. Mas os dias perderam a cor. Eu não me reconhecia mais. Era eficiente, produtiva – mas não era feliz. Porque, no fundo, ainda buscava aprovação. Só que agora, disfarçada de sucesso.

Então precisei parar. Recomeçar. Sair do emprego que me adoecia foi o primeiro passo. Tentei me reencontrar. Redescobrir o que gostava. Nessa fase, a faculdade foi, ironicamente, o lugar onde me encontrei. Onde percebi que meus princípios valem mais do que qualquer ideal que criem sobre mim. Outro grande desafio de se tornar uma adulta é encarar os novos amores. – Sim no plural.

Os amores... chegam feito furacão. Mudam tudo de lugar. Às vezes parecem calmos, mas basta um sopro e tudo vira caos. E aí você se pega, mais uma vez, tentando ser amada. Se veste diferente. Se comporta diferente. Tenta parecer interessante. Vai ficando ansiosa... Insegura... Se pergunta se está sendo demais. Se está sendo pouco. Se está sendo suficiente.

A grande verdade? É que se fosse um amor de verdade jamais estaria exigindo que você mude quem é.

O grande ponto é que eu era apaixonada pela ideia de ser vista, ouvida, compreendida – não por quem eu era, mas por quem eu fingia ser.

E então, depois de muitas falhas, um dia caiu a ficha: O amor-próprio não é só skincare e frases motivacionais. É silêncio. É se encarar sem filtros. É estar só e, ainda assim, sentir-se completa. É desligar o celular e perceber que o mundo continua.

A gente passa tanto tempo tentando se encaixar que esquece como é existir só por si.

Até entender, enfim, que amor-próprio não é uma versão melhorada de si para os outros.

É a verdade de quem somos quando ninguém está olhando.

Hoje, eu me pergunto mais uma vez: “Quem sou eu quando não estou tentando ser amada por alguém?”

E, finalmente, descobri: Eu sou “eu”. de forma autêntica. com minhas próprias falhas, minha própria história e meus próprios erros. Num mundo que grita por perfeição, ser quem eu sou — sem disfarces — é meu maior ato de amor.

# POLICIAIS DO AMOR

## O TRABALHO DOS DETETIVES PARTICULARES E O MERCADO DA TRAIÇÃO

por Felipe Fernandes

Há quem diga que o amor se baseia na confiança. Mas e quando a dúvida aparece?

No Brasil, milhares de histórias de amor — ou o que restou delas — são investigadas todos os dias por detetives particulares. A traição movimenta um segmento bastante lucrativo que de acordo com a Fact.MR, empresa de análise de mercado americana, cresce em média 4,5% ao ano no mundo inteiro, com a expectativa de alcançar a marca dos US\$ 28 bilhões até 2032. As puladas de cerca, carro chefe do setor de investigação particular, correspondem a boa parte desse montante.

Nesta reportagem, mergulhamos no universo discreto e em crescente expansão dos detetives que investigam infidelidade conjugal, onde cada caso é um retrato do amor em seu momento mais frágil. Eles seguem carros, escondem câmeras, reviram

CONTRATE AGORA UM DETETIVE

É MAIS RÁPIDO E FÁCIL DO QUE VOCÊ IMAGINA

**PREVINA-SE DA INFIDELIDADE**

TRAÍÇÕES? DESCUBRA A VERDADE

INVESTIGAÇÕES CONJUGAIS

**DETETIVE SANTOS**

Porto Seguro, Arraial, Trancoso, Caraiva Ilhéus e Região

(62) 99853-7490 (62) 98239-6865

DETETIVE EM PORTO SEGURO BAHIA

DETETIVE ALINE

VAMOS ACABAR COM ESTA DÚVIDA!!

99900-7462

detetivealine.com.br

VAMOS DESCOBRIR SE VOCÊ ESTA SENDO **TRAÍDA?**

Detetive particular em Goiânia casos conjugais

a vida de pessoas de cabeça para baixo, se for necessário. Tudo isso em nome de uma pergunta que tira o sono de muita gente: a pessoa que eu amo ainda me ama?

## Sherlock do Nordeste

É madrugada em uma rua sem saída de São Luís, no Maranhão. Dentro de um carro estacionado, Nobre, de 42 anos, observa à distância um casal trocando carícias à porta de um motel. Ele não é o marido traído e nem um curioso qualquer; é um detetive particular em mais um dia de trabalho. Disfarçadamente, com a câmera do próprio celular, coleta provas que em poucos minutos estarão nas mãos de um cliente ansioso – e que pagou caro por respostas.

Há mais de dez anos, Nobre trabalha no ramo e utiliza esse nome, falso, por questões de segurança. Mora em Salvador, Bahia, mas viaja o Brasil inteiro investigando supostos casos de infidelidade conjugal, o motivo que mais leva clientes à sua agência. Esconde a profissão de detetive particular até mesmo dos familiares e amigos mais próximos.

Sonhava em ser detetive desde os 11 anos. “Sempre fui um menino muito curioso. O primeiro investigado foi o meu pai. Comecei a seguir os passos dele e descobri que ele estava traindo a minha mãe com outra mulher”, conta. O investigador chega a ganhar uma média de R\$6 mil a R\$10 mil por caso, no pacote que afirma ser o carro chefe da sua empresa: o que promete descobrir a suposta traição em até sete dias. Cobra pela hora trabalhada e não tem outro emprego. Paga todas as suas contas com o dinheiro que fatura no mercado da traição.

Nobre utiliza aparelhos celulares de última geração para fazer os flagras. “Eles chamam menos atenção que as câmeras. Eu prefiro os com zoom óptico porque dá para ampliar a imagem sem perder a qualidade.” Também usa um aplicativo chamado Timestamp porque diz que deixa os clientes mais seguros. “Ele salva automaticamente as fotos com a data, horário e local. Não dá para fazer qualquer tipo de modificação”.

Antes de ser detetive, ele se formou em direito e trabalhou por alguns anos no Departamento de Polícia Técnica (DPT). Foi lá onde aprendeu e aprimorou seus métodos investigativos. Há oito anos abriu o próprio escritório de investigação junto com um sócio, mas para todos os efeitos, responde para quem perguntar que é apenas um advogado.

Com vinte anos de serviço e quase dez de mercado, faz um grande apanhado até aqui: 1) a maioria esmagadora das buscas acabam se confirmando em traições; 2) os homens procuram os serviços tanto quanto as mulheres; 3) as mulheres traem tanto quanto os homens; 4) o tempo médio para descobrir uma pulada de cerca é de até sete dias (ele afirma que em casos extraconjugais fixos dificilmente se passa mais do que isso para reencontrar o amante ou a amante); 5) pessoas desconfiadas dos parceiros ou parceiras são capazes de pagar qualquer valor para ter uma resposta rápida (conta de um caso em que um cliente o contratou por 8h diárias, todos os dias, durante um mês: o homem teve que desembolsar R\$45 mil para confirmar a dúvida: estava mesmo sendo traído pela esposa).

## Mas a lei permite tudo isso?

No Brasil, a profissão de detetive particular é regulamentada e sindicalizada. A Associação Nacional dos Detetives e Investigadores Privados do Brasil (Anadip) é um exemplo: fundada em 2013 com o propósito de defender os interesses da classe, a sociedade civil já conta com mais de dois mil associados pelo país.

Entre as principais reivindicações, a luta pela obtenção do porte de arma; por um projeto de inclusão dos detetives no Programa do MeI (Micro Empreendedor Individual); e pela criação de um curso técnico profissionalizante reconhecido pelo Ministério da Educação (Mec). O exercício da profissão também é regulamentado. A Lei nº 13.432, de 2017, considera detetive aquele profissional que, por conta própria ou revestido de sociedade civil ou de empresa, colete dados e informações visando esclarecer assuntos de interesse privado.

O texto determina alguns preceitos que devem nortear o exercício da profissão: agir com técnica, legalidade, discrição e apreço pela verdade.

Trata dos deveres: respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e a imagem das pessoas; zelar pela conservação e proteção de documentos e objetos que lhe forem confiados pelo cliente. E faz ressalvas importantes: as investigações só podem ser realizadas em casos de natureza “não criminais”, como de infidelidade conjugal, por exemplo.

### **A lógica do mercado também vale no amor**

A SPC do Amor: Serviço de Proteção ao Coração se enquadra nesses termos. A firma tem sede em São Bernardo do Campo, São Paulo, e está registrada na Receita Federal desde 2023 como uma microempresa (ME) especializada em investigações particulares que atende clientes de todo o Brasil.

A companhia cobra R\$250 para uma conversa inicial de até 45 minutos com um de seus detetives e promete confidencialidade total garantindo que “apenas as informações essenciais serão repassadas para os agentes envolvidos na operação”.

Na conta do Instagram com quase 300 mil seguidores, a SPC do Amor cria diversos conteúdos esclarecendo dúvidas sobre as investigações, que dão conta até de parentes desaparecidos, brigas por herança ou pais que querem monitorar filhos adolescentes.

A maioria das perguntas, contudo, sempre se voltam para o tema da traição: a grande parte são enviadas por mulheres tentando decifrar mudanças de comportamento ou aproximações dos maridos com colegas de trabalho ou amigas da época de escola, por exemplo. Em um dos vídeos publicados, os donos da página dão o ultimato: “Se você ainda não foi, será traído em algum momento da vida”. Sabem que no mercado da desconfiança, quem se propõe a investigar, lucra.

### **Tudo pela verdade, mesmo**

A Alfa é uma outra agência de detetives particulares cuja sede fica no Recife, em Pernambuco, e que oferece serviços bem parecidos, mas com abordagens completamente diferentes. No cardápio: clonagem de celulares, instalações de escutas, câmeras escondidas, rastreadores e varredura completa de redes sociais.

Seu carro-chefe ainda é a clássica perseguição com registros fotográficos. Para contratar um de seus pacotes, pedem que os clientes primeiro forneçam informações sobre seus parceiros como os horários que saem e chegam em casa; se vão trabalhar de carro, uber ou ônibus; quais bares ou restaurantes costumam frequentar etc.

A empresa foi fundada em 1984 e é administrada por Moraes\* e Roberto\*, pai e filho, ambos detetives. O escritório fica na terceira torre de um dos empresariais mais luxuosos da Zona Sul da cidade, o Riomar Trade Center. Ao longo desses quarenta e um anos, bradam ter solucionado mais de mil casos.

No site oficial da agência, dão algumas dicas gratuitas de como descobrir se seu companheiro ou companheira está lhe traindo. Em primeiro lugar, ensinam algo bem simples: fique atento a lista dos contatos mais frequentes do Whatsap dele ou dela. O segundo passo, contudo, vai bem mais além: incentivam a instalação de um software capaz de clonar o aplicativo de mensagens. Logo abaixo do post, avisam: “Apesar de ser bastante precisa, essa política é ilegal, então é necessário que você [o cliente] nos peça para instalar o programa espião.”

### **Mais suspeitas, mais negócios**

Patrícia\*, de 56 anos, mora em Recife e recorreu ao serviço de detetives particulares há algum tempo. A dona de casa desconfiava que o marido pudesse ter uma amante no trabalho. “Eu contratei uma equipe de detetives na época. O escritório deles ficava no bairro da Caxangá.”, relembra. “Eles conseguiram tirar fotos, grampearam o telefone dele. Eu ouvi tudo, todas as conversas, todas as ligações.”, completou.

Patrícia diz que o marido negou toda a história. Ela se separou logo depois. “Estávamos juntos há dez anos, ele é o pai da minha única filha, eu amava demais aquele homem. Mas foi [a investigação] o que me fortaleceu para que eu pudesse tomar a decisão.”, comenta. “Fiquei com essas provas guardadas por anos, ficava olhando, olhando...depois de muito tempo eu destruí tudo. Finalmente não me doíam mais”, finalizou.

Os detetives particulares, portanto, convivem com o que há de mais íntimo nas relações humanas: o ciúme, a raiva, o medo, a insegurança. Mas tentam resgatar algo que também tem muito valor: a esperança. A traição só dói porque houve (ou ainda há) amor.

E a principal engrenagem que move esse mercado é justamente essa tentativa desesperada de entender um sentimento que parece já não ser mais o mesmo, tarefa que nem sempre é bem-sucedida. A grande sacada desses profissionais foi entender que o amor em crise é também uma baita oportunidade de fazer dinheiro.

\* Os nomes foram alterados para preservar a identidade dos entrevistados.

## POETAS DO CHIFRE

### OS COMPOSITORES QUE TRANSFORMAM A TRAIÇÃO AMOROSA —DOS OUTROS — EM DINHEIRO

Em fevereiro de 1996 a banda paulista Mamonas Assassinas desembarcava no Rio de Janeiro para uma série de quatro apresentações no Metropolitan, uma casa de shows na Barra da Tijuca, Zona Oeste da cidade. Lá pelas tantas da noite e perto da metade do show, Aleksander Alves Leite, conhecido no Brasil inteiro como Dinho (vocalista do grupo), surgiu no palco vestindo apenas uma sunga e usando um chapéu preto com formato de chifres pontiagudos.

Ainda segurando o microfone no pedestal, o que se ouviu foram as primeiras estrofes da música Bois Don't Cry (1995): Ser corno ou não ser?/Eis a minha indagação/ Sem você, vivo sofrendo/ Pelos buteco bebendo/ Arrumando confusão. Dinho - também compositor da música - foi surpreendido por um coro de quase dez mil pessoas que completam: Soy un hombre conformado (Sou um homem conformado)/Escuto a voz do coração/Sou um corno apaixonado/Sei que já fui chifrado/Mas o que vale é o tesão.

Naquele Brasil dos Mamonas Assassinas, a traição amorosa já não era mais um tabu - era letra de música de sucesso que impulsionava a venda de milhares de cd's.

Quase vinte anos depois, as coisas não mudaram quase nada por aqui: a infidelidade segue embalando gerações e sendo fonte de lucro para compositores que transformam dores em refrões chicletes.

Quem domina essa arte sabe que, no fim das contas, a própria dor - ou a dor alheia - podem sim virar um grande negócio.

Jaffason Lincon Rodrigues Santos, de 32 anos, tem cerca de trinta composições gravadas nacionalmente. Começou a compor aos vinte anos, após um término de relacionamento. "Eu escrevi a primeira música e fui tomando gosto. Hoje já são mais de mil.", diz orgulhoso.

É conhecido no meio artístico como Jaffinha. Entre os seus maiores sucessos, Respeita Seu Ex gravada por Mari Fernandez e Murilo Huff; Haverá Sinais por Zé Vaqueiro e Cachaça, Choro e Bar pela banda Cavaleiros do Forró. "A gente sabe que no Brasil, hoje, bebida, carro e traição são temas que vendem muito", conta.

Mas é uma outra faixa que o compositor tem um apego especial: Amante, da dupla de sertanejo mato-grossense Henrique & Diego, que trás na letra uma história de amor frustrada: uma mulher que sonhava em assumir o seu relacionamento atual para os amigos, mas não podia porque estava se envolvendo com um homem casado. Mas você só lembra de nós dois na hora do prazer/ Deixa eu falar pra você, deixa eu falar pra você/ Queria postar foto de casal, mas lembro que eu sou amante/ Mas eu não quero botar fim nesse romance.

Diferentemente de outros compositores, que usam das próprias decepções amorosas como fonte criativa, Jaffinha afirma que nem sempre é a sua vida que serve como inspiração. "Essa música mesmo não foi baseada em fatos reais. Eu também escrevo de acordo com o mercado. Eu sabia que as pessoas iriam se identificar.", diz.

Ele relembra o processo de composição da música, atualmente com mais de um milhão de streamings no Spotify. "Eu escrevi na pandemia, ali por volta de 2021.

Na época o tema da traição estava muito em alta por causa da música Roxinho de Gustavo Lima e Jonas Esticado.”, conta. O sucesso que serviu de inspiração para o compositor trás na letra as seguintes estrofes: Ele já viu esse roxinho no seu pescoço/ E toda noite você some feito Sol/ Ele já viu que você faz amor sem gosto/ Que outro peixe tá mordendo seu anzol. “Aí eu aproveitei o embalo. Não é à toa que quando bateu no ouvido deles [dos cantores], eles quiseram a música.”

Jaffinha é natural de Quixeramobim, no Sertão do Ceará, uma cidadezinha com pouco mais de oitenta mil habitantes. Depois do sucesso, se mudou para Fortaleza, na capital. “Tenho muito orgulho de dizer que hoje eu vivo da música, vivo da composição”.

O mercado da composição no Brasil - também chamado de publishing musical - movimenta bastante dinheiro. O Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad) pagou mais de R\$ 800 milhões em direitos autorais no primeiro semestre de 2024, representando um aumento de 31% em comparação ao mesmo período de 2023.

Desse montante, 78% foram destinados aos detentores de direito autoral, aonde se encaixam os editores e compositores. Os outros 22% ficaram com os intérpretes, músicos e produtores fonográficos, enquadrados dentro dos direitos conexos.

Jaffinha explica. “Existem duas formas para vender a sua música hoje no Brasil: a exclusiva, mais cara, onde o artista que compra os direitos pode passar até doze meses para trabalhar a faixa. E a simples, onde eu posso vender a mesma música para diversos cantores.”, conta. “O que acontece muitas vezes é o artista comprar a simples, o negócio começa a fazer sucesso, fazer barulho, e ele decidir pegar a exclusiva. Aí as outras são derrubadas.”, finaliza.

Os compositores também ganham dinheiro com as execuções públicas - em shows, rádios e programas de televisão - e com as reproduções nas plataformas digitais, como Youtube, Spotify e Deezer. “Composição só dá dinheiro quando a música estoura. O combustível do compositor é esse. Ele tem que sempre tentar emplacar uma nova música no mercado, já pensando no retorno dos direitos autorais”, revela Lílian Nunes, compositora com mais de 400 músicas escritas.

A pernambucana de 46 anos começou a compor em 2019. “Eu ficava cantarolando em casa e as letras vinham na minha cabeça. Eu escrevia e gravava no meu próprio celular.” Hoje já são mais 70 músicas gravadas por artistas de diferentes lugares do Brasil. Entre eles, Silvano Salles, Raphaela Santos, MC Tocha e a banda Unha Pintada.

O seu maior sucesso ficou conhecido, porém, na voz de Japinha Conde, cantora do grupo de forró eletrônico alagoense Conde do Forró. A música Saudade de Mim ultrapassou a marca das dez milhões de reproduções no Spotify e 100 milhões no Youtube. Também foi regravada por outros artistas. A letra fala sobre alguém que sofre por não ter coragem de admitir seus sentimentos.

Mas Lílian também diz que, vira e mexe, precisa recorrer ao tema da traição na hora de compor. “A gente sempre tenta pensar nas histórias que são comuns a muitos relacionamentos”. E nada que as pessoas se identifiquem mais do que uma traição amorosa. “Foi aí que nasceu a ideia de Amiga Falsa.”, revela. A música foi gravada pela banda Companhia do Calypso. “Ganhou videoclipe e tocou muito nas rádios. Ainda tenho bastante retorno financeiro com ela.”

A letra conta a história de uma mulher que flagrou a traição do seu companheiro com alguém que acreditava ser sua amiga. As primeiras estrofes contam da decepção. Te emprestava as minhas roupas/ Sapatos e batons/ Pensei ser uma amiga / Mas era uma traíra/ Criei uma cobra/ Pra um dia me machucar. E no refrão, o momento da descoberta. Eu não queria, mas eu peguei/ Os dois na cama, como chorei/ Era tanto bate, bate/ Tanto toma, toma/ Com o ar ligado/ E eu pagando a conta.

Além do retorno financeiro com as suas próprias músicas, Lílian também descobriu um novo jeito de lucrar. “Vendo as músicas de outros compositores que não tem tempo, habilidade ou os contatos certos. Ganho em cima das comissões”, revela.

Se a traição parte corações, no Brasil ela também enche os bolsos de dinheiro. Em um país onde sofrer por amor virou matéria-prima para hits, compositores como Jaffinha e Lílian descobriram que a dor – a própria ou a emprestada – rende mais do que consolo.

Não por acaso, somos também a terra que criou a figura do “corno apaixonado”. A terra dos grandes Reginaldo Rossi, Amado Batista, Wando, Agnaldo Timotéo, Pablo do Arrocha, Marília Mendonça e tantos outros cantores e compositores que construíram suas carreiras falando sobre as dores de cotovelo e as puladas de cerca. Por aqui, a infidelidade não se esconde: ela canta bem alto, e sempre à plenos pulmões.

# "TÁ PAGO!"

## COMO O FISICULTURISMO E O MUNDO FITNESS TRANSCENDERAM SUA TIMELINE E VIRARAM ESTILO DE VIDA

por Camila Póvoas

Existem muitas formas de amor. Algumas são mais instintivas, fortes e surgem por conta própria, sem que a gente note. Outras precisam do nosso esforço para brotar e florescer. Esse é o caso de uma que tem estado em alta nas redes sociais nos últimos anos: o amor por um estilo de vida mais saudável, voltado às atividades físicas.

O psicanalista Erich Fromm dizia que o “amor não é apenas um sentimento; é também uma decisão, um julgamento, uma promessa”. Por trás das séries de abdominal, das refeições calculadas e dos vídeos motivacionais com a legenda “tá pago”, há um sentimento que vai muito além de músculos e treinos. É um afeto, uma escolha diária, que envolve disciplina, foco e um enorme senso de comunidade.

“A minha principal motivação, com certeza, sempre foram os meus amigos. Isso e uma vontade que eu tinha há anos de mudar meu corpo para uma melhor versão de mim mesmo.”

Essas são palavras de Lúcio Mário, um estudante universitário que decidiu seguir um novo estilo de vida. E ele não é o único a se sentir assim.

A ciência mostra que o amor é composto por fases. Assim como os outros tipos de amor, esse também tem as suas. E, para entendê-lo, é preciso compreender cada uma delas.

### Primeira fase: paixão e encantamento

As redes sociais são um dos principais fatores que moldam a sociedade do século XXI. São elas que entretêm, informam, conectam e vendem no mundo

globalizado. Então não seria de estranhar que se tornariam o berço de vários movimentos sociais e estilos de vida. E um dos mais economicamente promissores (e com alto potencial de engajamento) é o mundo fitness.

“Acho que meu desejo por começar a praticar exercícios começou com os vídeos engraçados e informativos do [Renato] Cariani, Julio [Balestrin] e [Paulo] Muzy.”, conta Lúcio. “Depois passei a seguir e acompanhar vários outros influenciadores.”

Renato Cariani é um influencer e empresário com 9,8 milhões de seguidores no Instagram, 7,8 milhões no Youtube e 1,8 milhões no Tik Tok. Ele é uma das maiores referências do país na área do fisiculturismo – tanto que ganhou o prêmio Ibest na categoria fitness e wellness em 2022, 2023 e 2024. Julio Balestrin e Paulo Muzy, por sua vez, também são influenciadores e, juntos, somam mais de 17 milhões de seguidores em suas redes sociais.

Mas não são só os homens que influenciam esse meio. As mulheres, como Gracyanne Barbosa, Gabriela Pugliesi e Carol Borba são nomes de peso que sustentam uma enorme parcela do público do mercado fitness. Gracyanne, por exemplo, é fisiculturista e ganhou destaque com sua participação no BBB25; hoje, ela transmite dicas de treino e motiva seus 13 milhões de seguidores a cultivar uma rotina saudável.

Alanne Carvalho é uma das milhares de mulheres e meninas que usam as redes sociais todos os dias e acabam sendo influenciadas pelas personalidades da internet. Ela não costumava acompanhar grandes influencers fitness como Gracyanne, mas suas colegas sempre apareciam na timeline com fotos treinando e exibindo os próprios corpos no espelho. “Eu sempre via minhas amigas da faculdade e do colégio postando stories na academia, montando marmitas saudáveis. E eu não estava me sentindo bem com meu corpo. Estava com o percentual de gordura corporal muito maior do que o percentual de massa magra. Quando eu ia fazer alguma atividade física, cansava rápido. Percebi que isso atrapalhava o meu dia a dia, então tomei coragem e me matriculei na academia.”

## Segunda fase: “Lua de mel”

Ela não foi a única. O movimento fitness ganhou força, atraindo a atenção do público — e das grandes empresas. E o que antes era só uma forma de compartilhar experiências acabou se tornando uma oportunidade para o mercado. Uma pesquisa da ABIAD (Associação Brasileira da Indústria de Alimentos para Fins Especiais e Congêneres) afirmou que, em 2022, houve aumento no consumo aparente de concentrados de proteínas (como o famoso Whey Protein) em 25%, quando comparado ao mesmo período de 2021. E estão inseridos nessa conta pré-treinos, barras proteicas e outros alimentos criados para abastecer o mercado que não parou de crescer.

Assim que decidiu começar a academia, Alanne comprou tudo o que era necessário para ter uma boa performance: roupas, sapatos, pré-treinos e até fones de ouvido. “Gastei quase 300 reais com tudo, incluindo um par de luvas e um ‘potão’ de Whey para me ajudar na musculação, porque passo muito tempo fora de casa e minha alimentação não é tão boa. Na época, uma amiga também decidiu fazer a mesma coisa. Acho que ter a companhia dela me motivou a dar o primeiro passo.”

Ano	Número de CNPJs ativos e studios no Brasil
2014	19.266
2016	26.157
2018	34.162
2020	41.521
2022	49.978
2024	56.833

O número de academias no Brasil triplicou em uma década. O panorama Setorial Fitness Brasil apontou que, em

2014, havia 19.266 CNPJs ativos nessa área em todo o país. E dez anos depois, em 2024, esse número saltou para 56.883.

Esse foi um avanço positivo para as empresas do ramo, que passaram a lucrar mais. Mas também foi benéfico para os clientes, que agora têm mais comodidade e opções na hora de escolher onde malhar. Ricardo Giuseppe é um jovem que há pouco mais de dois meses decidiu começar a ter uma vida mais saudável.

Por morar em Paulista, em uma área distante do centro urbano, ele nunca esteve próximo a uma academia. Mas agora, três unidades diferentes foram inauguradas próximo ao seu trabalho em menos de dois anos, e ele pôde finalmente ter a comodidade de escolher uma opção que se adeque à sua rotina.

## Terceira fase: Desilusão

A desilusão é uma das várias fases do amor e está presente nessa jornada. É aquele período em que se passa a enxergar o objeto de afeto de uma forma mais realista e menos idealizada, com todas as suas qualidades e defeitos. O artigo da USP “Fatores que influenciam a evasão de clientes em uma academia: Estudo de caso” mostra que cerca de 70% das pessoas que começam a praticar exercícios desistem logo nos primeiros meses — e existem vários motivos para isso.

Lúcio é um exemplo: fazer com que os exercícios encaixassem na rotina foi sua maior dificuldade. “Já tentei começar uma rotina de treinos, mas sempre falhava em menos de um mês. Só consegui superar esse obstáculo depois que deixei o treino flexível: podia ser em qualquer horário. E se eu faltasse um dia, fazia no próximo.”

Já Ricardo teve outro problema. “No início senti muita dor e cansaço. Foi difícil sair da minha zona de conforto.”

Essa dor, muito comum em quem começa a malhar, tem nome: DOMS, traduzido do inglês como Dor Muscular de Início Tardio. Mas ela não representa um problema; é uma resposta do corpo ao estresse muscular, uma reação natural que surge de oito a doze horas após o exercício e some à medida que você vai se adaptando ao treino.

“Quando comecei a trabalhar, meu dia ficou corrido”, conta Alanne. “Eu trabalhava de manhã e depois tinha que ir para a faculdade. Quando chegava em casa, não tinha mais energia para nada, e mal conseguia pensar em pegar

um ônibus para malhar. Ter uma academia perto da faculdade facilitou bastante as coisas. Eu conseguia conciliar minhas aulas com o tempo de ir para a academia, e no final do dia eu chegava em casa e podia descansar.”

E é esse processo de desilusão que marca o início do amor pelo novo estilo de vida. É preciso, primeiro, superar todos os obstáculos e incômodos para chegar na fase que todo mundo quer: mudar o corpo, a saúde e amar o processo.

### **Quarta fase: Adaptação, aceitação e compromisso**

Passada a fase de adaptação, a adesão ao novo estilo de vida começa a ser mais natural e prazeroso. Tudo muda: a disposição, a forma como vê o mundo, a saúde e, claro, o que muitos consideram principal: o corpo.

Para Alanne, o motivo de adotar o novo estilo de vida foi ficar parecida com as pessoas que acompanha nas redes sociais. Mas o tempo mostrou para ela algo muito mais valioso nessa jornada. “Eu diria que ainda não atingi o meu corpo dos sonhos... Sinto que ainda tenho muito o que melhorar. Mas mudar meu estilo de vida me ajudou com mais coisas do que eu imaginava. Minha saúde e meu sono melhoraram. Agora consigo fazer várias atividades físicas sem me exaurir. Aprendi a andar de bicicleta com meus amigos, conheci muitas pessoas na aula de pilates e jump e me apaixonei por dança. Sinto que, nessas horas, consigo dar uma pausa na minha rotina turbulenta, desestressar e simplesmente me divertir.”

### **Quinta fase: Amadurecimento (e tudo o que pode vir a acontecer depois)**

E para quem deseja ir além? É possível que o amor se torne algo mais?  
Sim, é.

O fisiculturismo é um esporte e uma profissão que nasce desse amor pelo estilo de vida fitness. E não é novidade: existe desde a Grécia Antiga, quando os homens desenvolviam força e agilidade para a guerra. Depois, se tornou uma forma de expressão artística com Eugen Sandow, o primeiro fisiculturista da história e fundador da The Great Competition – uma competição que, na

Londres de 1901, deu origem a todos os campeonatos de fisiculturismo que existem hoje.

Mas o que é preciso para entrar nesse mundo? Para quem já ama o mundo fitness, é um passo a mais. É uma dedicação e comprometimento com um estilo de vida que muitos encaram como restritivo, mas que, na verdade, é libertador para quem o vive. Para Lúcio, foi uma escolha que vai moldar o seu futuro.

Depois que se tornou bolsista em um projeto de pesquisa na universidade, Lúcio pôde começar a se dedicar à essa escolha. Planejou a alimentação, entrou para uma academia profissional e hoje treina para, um dia, subir no palco junto com outras pessoas que admira pela tela do celular.

“Uma das maiores mudanças que fiz foi na minha alimentação. É dela que consigo tirar a energia para os treinos”, contou. “Pela manhã, como de 6 a 7 bananas, pão e mortadela. No almoço, arroz, feijão, ovo e carne. Todos os dias, sem fugir do cardápio. Às vezes, essa quantidade pode aumentar. O ovo e a carne me ajudam a bater a meta de proteína, enquanto o resto me ajuda a não emagrecer”.

Mas é preciso mudar muito mais do que apenas a alimentação. De acordo com Philippe Aquino, personal trainer e pós-graduado em educação física, a disciplina está presente em todos os aspectos da vida de um fisiculturista. “Para ser um bom atleta, você precisa de preparo. Ter uma boa alimentação, treinamento com personal trainer e uma rotina de sono. Se um desses aspectos estiver desequilibrado, o rendimento é afetado.

“O fisiculturismo é um trabalho que nunca para”, Philippe afirma. “A sessão de treinos pode durar de 3 a 4 horas diárias, mas toda a rotina precisa estar adaptada ao ganho muscular. Sem pausas no final de semana. Então sair com os amigos, por exemplo, pode significar assisti-los comer em um restaurante enquanto você come uma marmita caseira pesada na balança e com os nutrientes milimetricamente calculados. E enquanto eles passam a madrugada

bebendo, você precisa voltar cedo porque tem que respeitar o horário de sono”.

Se é preciso renunciar a tanta coisa para seguir essa vida, será que vale a pena se dedicar ao fisiculturismo? Para Lúcio, a resposta é sim.

“Eu posso ganhar muito com isso. Mas os maiores ganhos não são os financeiros. É minha saúde, quando fico doente com menos frequência. Minha disposição, quando acordo com mais energia para enfrentar o dia. Me olhar no espelho e me sentir bem comigo mesmo. E o mais importante, que são meus amigos: as pessoas que conheci graças à academia, me motivaram e fizeram minha vida valer muito mais a pena”.

# ANTES DE TUDO, A MÚSICA

## EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE QUEM VIVE A ARTE DOS SONS

por Vitor Paulino

Por muito tempo considerada uma linguagem universal, a música ultrapassa fronteiras, conecta pessoas e, para muitos, é um verdadeiro vínculo de amor e sentido de vida. Este é o caso de quatro músicos pernambucanos que vivem e estudam a arte dos sons: Jairo Filho, 25 anos, Guilherme Simões, 17 anos, André Alves, 27 anos e Karla Karolla, 32. De trajetórias distintas, mas unidas pela paixão em comum, eles compartilham como a música moldou suas vidas, influenciou escolhas, guiou desafios e se consolidou como expressão máxima de amor, resistência e identidade.

Em suas narrativas, percebemos como a música vai além de uma profissão ou passatempo: é parte intrínseca de quem eles são, uma lente por meio da qual enxergam o mundo e constroem seus projetos de vida. Suas histórias se cruzam não apenas pelo amor à arte, mas também pela persistência em manter esse amor vivo, mesmo diante de todas as dificuldades pelo caminho.

### **Jairo: Da igreja ao palco erudito, um caminho de descobertas e amadurecimento**

A trajetória musical de Jairo, hoje com 25 anos, teve início ainda na infância, marcada por uma forte vivência religiosa. Foi aos 11 anos, em meados de 2010, que ele começou a cantar no ministério de louvor da igreja que frequentava, participando ativamente dos cultos e eventos comunitários. A música, nesse contexto, era inicialmente uma forma de expressão espiritual, mas aos poucos se transformou em algo maior: uma paixão e um caminho de vida.

Aos 14 anos, em 2014, Jairo decidiu profissionalizar sua relação com a música e ingressou na ETECM - Escola Técnica Estadual de Criatividade Musical, localizada no bairro de Santo Amaro, no Recife. Ali, ele teve contato com

disciplinas formais de teoria musical, percepção sonora e prática instrumental, além de participar de grupos de música popular, enriquecendo sua formação e ampliando horizontes.

Com o passar do tempo, Jairo foi descobrindo outros universos musicais além do repertório religioso e popular com o qual já estava familiarizado. Um desses encontros marcantes foi com o canto erudito, despertado pela atuação no Ateliê de Ópera do Recife (AOR), projeto que promove montagens líricas anuais no tradicional Teatro de Santa Isabel. Desde então, Jairo vem se dedicando ao estudo do bel canto, participando de corais especializados como o Bluejeans, coro masculino do Conservatório Pernambucano de Música, e o Grupo Vocal Cantamus, com foco em música sacra.

“Estou atualmente apaixonado pelo canto erudito”, revela. “Tenho estudado muito sobre essa arte, principalmente técnicas vocais específicas, respiração e interpretação.” Seu olhar se ampliou: hoje, além de cantar, Jairo também aprecia o papel de espectador, assistindo a concertos e óperas sempre que possível, numa busca constante por referências e inspiração.

Entre seus ídolos, Jairo cita nomes como Andrea Bocelli e Luciano Pavarotti, que considera exemplos máximos de técnica e emoção no canto lírico. Mas sua playlist também inclui artistas como Lady Gaga, pela versatilidade e domínio de palco, e o grupo gospel Diante do Trono, que marcou sua infância e adolescência.

Apesar da paixão, Jairo reconhece que o caminho não é fácil. “O espaço para ópera ainda é limitado na cidade”, reflete. No entanto, ele não desanima: seus planos incluem concluir a formação técnica e, eventualmente, ingressar em uma faculdade de música, talvez ampliando sua atuação para além do Recife. “Estou deixando as coisas fluírem, mas sei que a música será sempre parte essencial da minha vida.”

### **Guilherme: do encanto infantil ao palco do The Voice Kids**

Com apenas 17 anos, Guilherme já carrega uma trajetória musical rica e



inspiradora. Desde muito pequeno, demonstrava fascínio pela música: aos 3 anos, já brincava com instrumentos de brinquedo e imitava cantores que via na televisão. Aos 6 anos, em 2013, iniciou seus primeiros estudos formais, aprendendo violão e técnica vocal, com incentivo da família, que sempre valorizou a cultura e as artes.

Mas o grande divisor de águas em sua vida musical ocorreu em 2020, quando, aos 12 anos, participou do programa The Voice Kids Brasil, transmitido nacionalmente pela TV Globo. Para ele, a experiência foi transformadora: “Foi incrível, diferente de tudo que eu já tinha vivido. Estar com crianças que compartilhavam o mesmo sonho foi muito especial.”

No programa, Guilherme pôde vivenciar o ambiente profissional da música: ensaios rigorosos, gravações em estúdio e apresentações ao vivo para milhões de espectadores. “Antes, minhas apresentações eram recitais com público reduzido. No The Voice Kids, aprendi a lidar com a grandiosidade de um show televisivo e a controlar a ansiedade.”

Um dos maiores aprendizados foi entender que não estava sozinho no talento. “Sempre fui a única criança que cantava e estudava música na minha escola. Ver tantas crianças tão boas quanto eu foi um choque, mas também um grande crescimento”, confessa. Esse encontro com outros jovens artistas o motivou a continuar estudando e aprimorando sua técnica.

Após a participação no programa, sua vida mudou. A pandemia trouxe desafios, como o afastamento dos palcos, mas também a oportunidade de se concentrar nos estudos vocais e aprender novas técnicas. “Eu pude perceber coisas que sempre estiveram na minha cabeça, mas que eu ainda não conseguia expressar”, relata.

Suas inspirações são essencialmente brasileiras: Gal Costa, pela doçura e potência da voz; Marisa Monte, pela sensibilidade artística; e Ivete Sangalo, pela energia contagiante nos palcos. Mas Guilherme também admira artistas internacionais como Bruno Mars e Ariana Grande, principalmente pela excelência técnica e capacidade de emocionar multidões.

Para o futuro, Guilherme não tem dúvidas: quer seguir carreira na música. “Já pensei em ter um plano B, mas hoje estou mais certo do que nunca de que quero fazer faculdade de música e seguir profissionalmente”, afirma com convicção. Seu sonho é continuar emocionando pessoas através da sua arte, seja nos palcos ou nos estúdios.

### **André Alves: o educador que respira música todos os dias**

André Alves, com 27 anos, vive a música de forma intensa e cotidiana. Professor de educação musical e de musicalização infantil, ele atua em escolas públicas e projetos sociais, transmitindo para as novas gerações o mesmo amor que sente pela arte.

“Eu respiro música”, diz, com um sorriso. Sua formação começou na igreja, assim como a de muitos músicos brasileiros. “Ali eu aprendi a cantar, a tocar instrumentos e a perceber a música como uma linguagem capaz de unir as pessoas”, relembra. Mais tarde, André aprofundou seus estudos na música clássica, com foco especial no Classicismo e no Romantismo, períodos literários que considera fundamentais para sua identidade musical.

Mas sua atuação vai além dos concertos e das salas de aula. André sonha em ampliar sua carreira para a Musicoterapia, área em que pretende atuar futuramente, levando a música como instrumento de cura e acolhimento. “A música me faz um ser melhor, mais reflexivo e mais empático. Ela me permite influenciar pessoas, ajudar crianças e adultos a se expressarem, a lidarem com emoções.”

Ele reconhece que o cenário musical no Brasil impõe desafios, especialmente pela falta de valorização da profissão. “Nosso país não valoriza o músico como deveria. Muitos acreditam que é só talento, mas é preciso muito estudo e dedicação.” Mesmo assim, André acredita no potencial da música como ferramenta social. “Vejo na educação musical uma possibilidade de transformação real.”

Para quem deseja seguir o mesmo caminho, ele deixa um conselho: “Persevere! Em toda profissão precisamos ser o melhor no que fazemos, porque o mercado busca isso. Temos concursos na área militar, possibilidades de atuar como professores ou músicos de orquestras. É preciso se dedicar.”

Atualmente, André está focado em concluir sua graduação, prevista para o final deste ano de 2025. Quanto aos sonhos, prefere manter alguns guardados, mas não esconde sua alegria por já ter realizado importantes conquistas na carreira. “Outros objetivos mantenho no coração, com a esperança de realizá-los um dia”, conclui.

### **Karla Karolla: entre o lirismo da ópera e a emoção do brega romântico**

Natural de Olinda, cidade que respira cultura em cada esquina, Karla Karolla descobriu sua paixão pela música ainda na infância.



“Sempre fui cercada por manifestações culturais muito fortes, e desde pequena a música me encantava. Lembro de ouvir minha mãe cantando em casa e de ficar fascinada com os sons”, recorda com emoção.

Mais tarde, esse amor se transformou em vocação, quando ingressou no Conservatório Pernambucano de Música, referência na formação musical do estado. Lá, Karla desenvolveu sua técnica vocal e ampliou sua percepção artística, transitando com naturalidade entre estilos distintos.

Eu sempre digo que a música é um universo sem fronteiras”, afirma. “Amo cantar ópera, mas também amo o brega romântico, que fala direto ao coração das pessoas. Cada estilo me permite expressar uma parte diferente de mim. Esse trânsito me mantém apaixonada e curiosa, sempre querendo explorar novas sonoridades e emoções.” Karla enxerga o ato de cantar como um verdadeiro gesto de amor. “É uma forma de me comunicar, de tocar o outro.

Quando estou no palco, sinto uma conexão muito profunda com o público, como se estivéssemos vivendo juntos aquele momento.” A música também impacta sua rotina de maneira decisiva: “Ela me dá disciplina, mas também liberdade.

Me emociona, me inspira, me desafia. Mesmo fora dos palcos, ela está presente: na minha rotina, na criação dos meus projetos e, principalmente, na forma como me relaciono com o mundo.”

Entre os momentos mais marcantes de sua carreira, Karla destaca a estreia na ópera “Il Maestro di Musica”, realizada no Teatro de Santa Isabel, em agosto de 2023. “Foi emocionante levar o canto lírico para um público tão diverso e perceber como a música, mesmo erudita, pode emocionar e ser acessível.” Outro momento inesquecível foi o lançamento de suas músicas no estilo brega romântico, que geraram identificação imediata do público. “São experiências que reforçam meu amor e minha missão na música.”

Para quem está começando na carreira musical, Karla deixa uma mensagem sincera: “Ame muito o que faz, porque o amor vai ser seu combustível nos dias difíceis. Estude, se dedique, mas nunca perca a sua essência e a sua alegria em fazer música. A arte é, acima de tudo, um presente que a gente oferece ao mundo.”

### **O amor como fio condutor da arte**

As histórias de Jairo, Guilherme, André e Karla são diferentes em trajetórias, estilos e momentos de vida, mas todas demonstram como a música é, acima de tudo, um vínculo de amor. Um amor que inspira, que fortalece, que transforma. Seja no palco de um teatro histórico, na sala de aula, no set de um programa televisivo ou nos bastidores de uma gravação, a música ocupa um espaço de protagonismo na vida de quem escolhe vivê-la.

Em meio aos desafios que cercam o fazer artístico no Brasil, como a falta de políticas públicas, o preconceito contra determinadas expressões musicais, como o brega-funk, e as limitações do mercado, o que mantém esses músicos firmes é esse amor profundo, visceral e inegociável.

Mais do que uma profissão ou um hobby, a música para eles é um compromisso com a arte, com a sensibilidade humana e com a construção de um mundo onde a expressão artística seja sempre um caminho legítimo de conexão e transformação. Em cada nota, em cada verso, em cada acorde, eles encontram não apenas o sentido da própria vida, mas também a chance de tocar e transformar a vida de outras pessoas.

# ERNANDES CANDEIA JÚNIOR: A MÚSICA COMO VOCAÇÃO, AFETO E MISSÃO

Pessoas encontram na música uma profissão. Outras, uma paixão. Para Ernandes Candéia Júnior, ela é tudo isso — e ainda mais: é um elo afetivo, um gesto de amor, uma forma de estar no mundo. Técnico e Bacharel em Piano Erudito, Licenciado em Música, Especialista e Mestre em Educação Musical, ele dedica sua vida ao ensino da música com uma entrega que transcende técnica e método. Mais do que formar músicos, ele cultiva almas apaixonadas por sons, vozes e sentimentos.

Atualmente com 38 anos, professor do Conservatório Pernambucano de Música e atuando em escolas privadas e cursos de Licenciatura em Música, Ernandes é impulsionado por algo que vai além da rotina docente. A música, em sua trajetória, sempre foi uma linguagem de afeto. “Tive sorte de nascer em uma família de músicos profissionais, tanto por parte de pai quanto de mãe. Por estar inserido nesse meio, foi muito natural o meu interesse”, conta. Mas esse “interesse” era, na verdade, uma paixão silenciosa, que crescia junto com ele, costurada nas melodias da infância.

Essa relação íntima com a música também se fez presente em seu vínculo familiar. A figura de sua mãe — professora de música e referência profissional — foi determinante para essa construção. Durante nove anos, ela foi não só sua mãe, mas também sua educadora nas aulas de música, da educação infantil ao fundamental. “Sempre admirei minha mãe pela profissional que é. Ela me inspirou com seu exemplo e me mostrou, desde cedo, que ensinar música é um ato de amor.”

Ao contrário de muitas histórias marcadas por obstáculos e incertezas, Ernandes reconhece que seu caminho foi privilegiado. Teve apoio, acesso à formação e incentivo para seguir o que amava. Desde cedo, por volta dos 5 anos, teve aulas particulares de piano, depois entrou no curso técnico aos 14 e, logo em seguida, na Licenciatura em Música aos 17. “Nunca tive grandes dificuldades. Então me agarrei a essa oportunidade e segui a vida com certa ousadia!”, afirma.

Mesmo diante de um futuro promissor, chegou a considerar uma carreira fora da música. No terceiro ano do Ensino Médio, hesitou entre Engenharia Química e Música. Mas o coração, como costuma acontecer quando se trata de verdadeiros amores, falou mais alto. “O fato de já estar finalizando o curso técnico em música me ajudou na decisão. A certeza veio com naturalidade.”

Desde então, sua dedicação ao ensino musical tem sido profunda, sensível e inspiradora. Embora não tenha se voltado com tanto foco para os palcos da performance, brilhou em outros: os palcos da transformação humana através da educação. Entre os projetos mais marcantes, destaca com carinho a criação de um coro infantil no município de Camaragibe, com quase 70 crianças. “Elas cantavam em até quatro vozes. Era emocionante ver aquele grupo crescer musicalmente e se unir como uma grande família.”

Outro momento inesquecível foi a produção de uma opereta de Chiquinha Gonzaga no ano de 2022, com mais de 200 estudantes iniciantes. “Foi um verdadeiro desafio, mas um daqueles que renovam a paixão pela docência”, diz, com brilho nos olhos. Atualmente, Ernandes também dirige o grupo vocal masculino BlueJeans, que tem ganhado destaque no Recife e em outros estados do Nordeste. Mais do que projetos, são encontros — e cada encontro, para ele, é uma oportunidade de compartilhar o que a música tem de mais valioso: sua capacidade de tocar o coração.

Essa dimensão afetiva da música também se revela em sua trajetória como educador. “Já tive o privilégio de atuar em diversos contextos: Educação Infantil, fundamental 2, Escola Especializada e Licenciatura. Ser professor nesses ambientes tão distintos me trouxe experiências únicas. Em cada um deles, aprendi que ensinar música é, acima de tudo, cuidar das pessoas.”

Para Ernandes, o espaço da sala de aula é tão sagrado quanto o palco. Cada aluno, cada turma, cada grupo coral é uma nova oportunidade de despertar

sentimentos, trabalhar a escuta, cultivar o respeito mútuo. A música, quando bem ensinada, ensina muito mais do que afinação e ritmo. Ela educa o olhar, suaviza a convivência, acalma ansiedades. “A música tem o poder de transformar qualquer ambiente. Basta que se esteja disposto a escutar – não só os sons, mas também as pessoas.”

Ao refletir sobre sua evolução como profissional, Ernandes fala com sinceridade sobre os contrastes entre o início da carreira e o momento atual. “No começo, eu tinha o ímpeto, o entusiasmo, o fogo nos olhos. Hoje, com mais experiência, domino técnicas e habilidades, mas às vezes sinto falta daquela coragem impulsiva que me movia no início.” Mesmo assim, sua paixão permanece firme – agora mais amadurecida, mais consciente e igualmente intensa.

Sua rotina é intensa: aulas em duas escolas privadas, atividades no Conservatório Pernambucano de Música e sete disciplinas ministradas em um curso de Licenciatura. Mas nada disso pesa quando se faz o que se ama. “É cansativo, claro, mas também profundamente gratificante. Ver meus alunos crescendo, se emocionando com a música, criando laços... isso me renova todos os dias”.

E os planos não param por aí. Ernandes já se prepara para ingressar em um doutorado. Seu objetivo agora é ampliar ainda mais seu alcance, formar professores com sensibilidade e competência, e lutar pela democratização do ensino musical. “A música precisa estar em todos os espaços de educação. Ela transforma, aproxima, cura. É uma forma de amor que todos deveriam poder acessar”.

Mais do que um educador, Ernandes é um apaixonado. Um desses raros profissionais que mantêm viva a chama da vocação, mesmo diante dos desafios e da rotina exaustiva. Para ele, ensinar música nunca foi apenas transmitir conhecimento. É compartilhar emoções, construir vínculos, oferecer um refúgio de beleza e sensibilidade em um mundo muitas vezes duro e apressado.

A música, em sua vida, é mais do que trilha sonora: é abraço, é palavra não dita, é cuidado em forma de som. E esse cuidado, que ele aprendeu em casa e aperfeiçoou nos corredores da escola e do conservatório, é o que ele oferece a cada aluno, a cada ensaio, a cada projeto. Porque, para Ernandes, ensinar música é, no fundo, ensinar a amar – e não há partitura mais bonita do que essa.

## “A MÚSICA COMO RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO”

### ENTREVISTA COM DJALMA CLAUDINO, COORDENADOR PEDAGÓGICO DA ORQUESTRA CRIANÇA CIDADÃ

A música não transforma apenas sons: transforma vidas. Esta é a premissa que inspira e impulsiona a Orquestra Criança Cidadã (OCC), um dos principais projetos socioculturais do Brasil, reconhecido nacional e internacionalmente. Criada em 2006, no bairro do Coque, em Recife, a iniciativa promove a inclusão social e o desenvolvimento humano através do ensino gratuito de música clássica para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade.

Segundo levantamento de 2024 da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), projetos como o da OCC impactam diretamente o desenvolvimento cognitivo, emocional e social de cerca de 300 mil crianças e adolescentes em todo o país. Estudos recentes da Unesco mostram que o ensino formal de música melhora em até 20% o desempenho escolar de jovens em matemática e leitura, além de reduzir a evasão escolar.

À frente da coordenação pedagógica da OCC está Djalma Claudino, 30 anos, músico, educador e defensor da arte como ferramenta de transformação social. Natural de Pernambuco, Djalma vê, diariamente, como a música clássica pode mudar trajetórias, fortalecer vínculos e construir futuros mais dignos para quem antes estava à margem.



Nesta entrevista no formato pingue-pongue, ele compartilha reflexões sobre o poder da música, a paixão dos jovens músicos, e episódios que marcaram sua trajetória e a de seus alunos.

**O Berro - Como a música clássica e a prática orquestral são trabalhadas na formação das crianças e adolescentes da Orquestra Criança Cidadã?**

**Djalma Claudino:** Na Orquestra Criança Cidadã, a música clássica e a prática orquestral são pilares não apenas artísticos, mas também formativos e éticos. Desde o primeiro contato com o instrumento, a criança é estimulada a desenvolver três competências essenciais: disciplina, cooperação e escuta ativa.

A metodologia que aplicamos é progressiva. As crianças começam aprendendo noções básicas de teoria musical e técnica instrumental, geralmente aos 7 ou 8 anos, e conforme avançam, são introduzidas à prática coletiva. A partir dos 10 anos, já começam a integrar grupos de câmara e, posteriormente, a orquestra completa.

Nosso repertório, que inclui desde obras de Bach, Beethoven e Tchaikovsky até compositores brasileiros como Heitor Villa-Lobos e Clóvis Pereira, é selecionado estrategicamente para desenvolver habilidades técnicas, mas também para proporcionar uma vivência estética rica.

Segundo dados do próprio projeto, 85% dos alunos que permanecem na OCC por mais de 3 anos apresentam significativa melhora no rendimento escolar e no comportamento social. Ou seja, a música é, sim, uma ferramenta de desenvolvimento humano integral.

**O Berro - Como você percebe a paixão dos alunos pela música no dia a dia da Orquestra? De que forma esse amor influencia o aprendizado?**

**DC:** A paixão deles é perceptível nos detalhes: no modo como chegam antes do horário para ensaiar, no cuidado ao afinar o instrumento, na forma como pedem para repetir um trecho até sair perfeito.

É impressionante perceber que muitos enfrentam trajetos longos — às vezes, mais de 1h30 de deslocamento —, mas chegam com brilho nos olhos.

Esse amor pela música é, sem dúvida, o que mais impulsiona o aprendizado. A neurociência já comprovou que o envolvimento afetivo com uma atividade potencializa a memória e a concentração. Pesquisas do Instituto de Música e Cérebro de Harvard, publicadas em 2023, indicam que jovens que estudam música com motivação emocional têm 40% mais facilidade em adquirir habilidades motoras e cognitivas complexas.

Na prática, vemos isso acontecer: o amor à música transforma desafios técnicos em metas possíveis. O aluno não aprende só porque é exigido, mas porque deseja, porque se sente pertencente a um universo criativo. Isso cria uma motivação interna que vai além da obrigação, tornando o ambiente de aprendizagem muito mais vivo e produtivo.

**O Berro – O que mais emociona você ao ver as crianças e adolescentes se dedicando aos estudos musicais com tanto entusiasmo?**

**DC:** O que mais me emociona é perceber que, através da música, essas crianças e adolescentes estão reconstruindo suas trajetórias. Muitos vêm de realidades de vulnerabilidade extrema, marcadas por ausência de políticas públicas, violência e insegurança. A música surge, então, como um espaço seguro, de acolhimento, de expressão.

É emocionante ver quando um aluno supera não só desafios técnicos, mas também pessoais e sociais. Já tivemos casos de alunos que, através da música, conseguiram melhorar sua autoestima, voltar à escola ou até mesmo se reconectar com a família.

Quando presencio um jovem emocionado após executar uma peça de Mozart ou quando, ao final de uma apresentação, vejo aqueles olhares orgulhosos e felizes, tenho a certeza de que nosso trabalho vai muito além do ensino musical: é um projeto de reparação social e de construção de dignidade.

**O Berro – Na sua opinião, qual é a importância de cultivar o amor pela música desde a infância?**

**DC:** Cultivar o amor pela música desde a infância é fundamental para o desenvolvimento de habilidades que vão muito além do fazer musical. Crianças que aprendem música desde cedo tendem a ter melhor desempenho cognitivo, maior capacidade de concentração e desenvolvem valores como paciência, perseverança e empatia.

Um estudo recente da Fundação Nacional de Artes (Funarte) revelou que crianças expostas a atividades musicais regulares têm um aumento de até 35% na capacidade de resolver problemas complexos. Além disso, desenvolvem habilidades socioemocionais essenciais para a convivência em sociedade. A infância é a fase em que mais somos influenciados por experiências afetivas. Quando a criança associa a música a prazer, pertencimento e expressão, esse amor tende a acompanhá-la por toda a vida. Não estamos formando apenas futuros músicos — embora muitos sigam essa carreira —, mas principalmente cidadãos mais sensíveis, críticos e éticos.

**O Berro – Qual foi o momento mais emocionante que você já viveu na Orquestra, ao perceber a força do amor desses jovens pela música?**

**DC:** Há muitos momentos emocionantes, mas um deles sempre me marca profundamente. Foi há cerca de dois anos, em setembro de 2023, durante um ensaio geral para um concerto na Sala São Paulo, um dos palcos mais importantes do país.

Um dos nossos alunos, que enfrentava uma situação familiar muito delicada, chegou atrasado ao ensaio. Estava visivelmente abalado. No entanto, em silêncio, pegou seu violoncelo, posicionou-se e, quando começamos a tocar a Sinfonia nº 9, de Dvořák, ele simplesmente se entregou à música com uma força impressionante. O som dele parecia falar de dor, mas também de resistência, de superação.

Ao final do ensaio, muitos estavam em lágrimas. Não pela tristeza, mas pela intensidade emocional do momento. Ali ficou claro, mais uma vez, que a música é para muitos deles um meio de sobrevivência, um espaço onde encontram sentido, expressão e acolhimento.

Esse episódio resume o que sempre acreditamos: a música salva, transforma e reconstrói vidas.

### **O Berro – O que mais inspira você, como coordenador pedagógico, ao trabalhar diariamente com jovens que amam tanto a música?**

**DC:** O que mais me inspira é a força de cada um desses jovens. Cada história, cada trajetória, carrega uma luta, um sonho e uma esperança. E perceber que a música é o fio condutor que permite que eles se expressem, se reconstruam e sonhem, é algo que me renova diariamente.

Além disso, trabalhar com eles me ensina a ser um educador mais sensível, mais atento e mais paciente. A música clássica exige rigor, sim, mas também exige afeto, acolhimento e escuta. Cada progresso, cada sorriso depois de um trecho bem executado, cada aplauso após uma apresentação, me lembra que nosso trabalho é profundamente significativo.

Dados da Associação Internacional de Educação Musical mostram que programas de música social como o nosso contribuem para reduzir em até 50% as taxas de evasão escolar e promovem a inclusão de jovens em espaços antes inacessíveis para eles. Saber que fazemos parte desse impacto é uma inspiração constante.

### **O Berro – Como você definiria, em uma frase, o papel da música na vida dessas crianças e adolescentes?**

**DC:** Eu diria que a música, para essas crianças e adolescentes, é um ato de resistência, de afirmação e de esperança. É a possibilidade de dizer: “eu existo, eu sou capaz, eu posso ir além do que o mundo parece me oferecer”.

### **O Berro – Para finalizar, que mensagem você deixaria para quem deseja apoiar iniciativas como a Orquestra Criança Cidadã?**

**DC:** Eu diria: apoiem! A arte, especialmente a música, é um direito fundamental. Apoiar iniciativas como a nossa é apostar na potência transformadora da arte, é investir na formação de sujeitos mais críticos, criativos e humanos.

Nosso trabalho só é possível porque existe uma rede de pessoas, instituições e apoiadores que acreditam nessa causa. Segundo o Observatório da Cultura, cada real investido em projetos de educação musical gera um retorno social de R\$ 4,50, seja pela redução da violência, pela melhora na educação ou pela inserção social.

Portanto, apoiar projetos como a Orquestra Criança Cidadã não é apenas um ato de solidariedade: é um investimento estratégico em um futuro mais justo e mais humano.

### **Música como elo, resistência e possibilidade**

Ao longo desta conversa com Djalma Claudino, fica evidente que a Orquestra Criança Cidadã não é apenas uma escola de música, mas uma verdadeira escola de vida. Em cada nota, cada ensaio, cada concerto, manifesta-se a força da arte como caminho de transformação social, como espaço de acolhimento e como projeto de futuro.

Em tempos de tantas urgências sociais, o exemplo da OCC revela que a música, quando oferecida como direito e não como privilégio, pode ser uma das ferramentas mais potentes para a construção de uma sociedade mais justa, mais bela e mais humana.

# RESISTÊNCIA E SALTO ALTO

por Kim Cabral

No camarim de luzes quentes, um rosto vai se formando diante do espelho. É como um nascimento em silêncio, feito de pó compacto, delineador e sombras meticulosamente aplicadas. Enquanto o dia escurece lá fora, a performer Sayuri Heiwa surge. Mais do que uma personagem, mais do que uma performance, ela é a síntese de uma vida. Uma história viva que pulsa com coragem, criatividade e afeto.

## A arte além do palco

Desde o início dos anos 2000, com a popularização da internet e o surgimento das redes sociais, a arte drag no Brasil saltou dos clubes noturnos para os palcos do mundo. Ícones como Pablio Vittar, Gloria Groove, Lia Clark e Ikaro Kadoshi não apenas popularizaram a linguagem estética da cultura drag – eles transformaram o modo como o Brasil a vê. De símbolo underground a força política, artística e comercial.

Mas longe dos grandes centros midiáticos e dos holofotes da fama, uma constelação de artistas independentes continua mantendo viva essa arte. Em lugares onde o reconhecimento é escasso, onde o glamour cede lugar à garra, é que surgem histórias como a de Sayuri.

Nascida em Água Fria, Zona Norte do Recife, Sayuri Heiwa é a identidade artística de Gilmar Roberto dos Santos Júnior, de 37 anos. Filho de um vigilante e de uma copeira, Gilmar cresceu em uma casa de taipa, ouvindo conselhos rigorosos e carinhosos. “Me ensinaram a nunca revidar o mal com o mal”, lembra, enquanto esfumaça os olhos com uma sombra preta que contrasta com a rosa delicadamente aplicada nas pálpebras.

## As primeiras faíscas

O despertar artístico aconteceu cedo. Na adolescência, um amigo de escola,

Rafael Rodrigues, o convidou para coreografar uma apresentação ao som de Die Another Day, de Madonna. Gilmar, que já dançava desde pequeno e também praticava karatê, aceitou na hora. “A coreografia misturava dança com luta. Foi ali que comecei a entender o que era o universo drag”, ela recorda.

Esse universo se ampliou ainda mais quando Rafael lhe apresentou a Antena Mix, uma revista LGBTQIA+ que circulava em formato de jornal. “Eu me encantei completamente. Era tudo novo, tudo possível.”

A arte drag se revelou como um território onde cabiam todos os seus talentos. “Você pode ser cantora, dançarina, apresentadora, maquiadora, DJ, modelo, dubladora... É uma arte completa. É liberdade em forma de expressão”, diz Sayuri, com a firmeza de quem já percorreu longos caminhos.

## A construção de um nome

Sayuri não é apenas um rosto bonito montado com técnica e glamour. Ela é um currículo que se desdobra em múltiplas habilidades: mestre de cerimônias, performer, diretora, produtora, repórter, cantora, dançarina, DJ. É, antes de tudo, uma trabalhadora da arte – dessas que ralam muito mais do que brilham. “Minha rotina é intensa. Tem dias que faço duas, três apresentações. É figurino pra costurar, maquiagem pra refazer, produção pra coordenar.”

E, mesmo com tantos anos de experiência, o palco ainda pulsa com a mesma emoção. “A melhor parte é quando estou pronta. A peruca no lugar, o salto nos pés, o corpo montado... é quando Sayuri nasce”, a performer exhibe um sorriso.

## Amor que resiste

A paixão pela arte drag, no entanto, nunca foi um mar de rosas. “Já pensei em parar várias vezes. Muita gente tentou apagar minha trajetória. Foram críticas, fofocas, ingratidão... Se eu não amasse isso profundamente, teria desistido.” Ela pausa. Pega um copo d’água. Respira fundo. “Mas o amor me segurou. Me reconstruiu.”

Esse amor não é só pela arte, mas também por quem a vive ao seu lado. Heitor Eiras, seu companheiro, está presente em tudo: dos bastidores à costura dos figurinos. “Sayuri só é Sayuri por causa dele”, diz. “Ele veste a personagem como se fosse a boneca da vida dele. Acompanha tudo. Sonha junto.”

Quando pergunto para quem ela escreveria uma carta de amor, caso a arte drag fosse um bilhete apaixonado, a resposta vem com a ternura de quem tem raízes fincadas: “Para ele. Por todo o carinho, cuidado, dedicação. Por amar minha arte tanto quanto eu.”

### **Onde começa Sayuri, onde termina Gilmar**

Essa é a pergunta que ronda todo artista drag. No caso da artista, talvez a resposta esteja entre os dois: “É o Gilmar que vive nela.” As memórias da infância, os princípios dos pais, o bairro que a moldou – tudo isso está presente em cada gesto que ela leva ao palco.

A maquiagem, o penteado, os brincos, a cinta de ferro que a aperta, os cílios imensos – tudo carrega afeto. “Cada detalhe da montagem é uma prova do quanto sou apaixonada por isso. É minha forma de resistir. De existir.”

### **Fora dos holofotes, dentro da história**

Sayuri nunca estampou capas de revistas nacionais, não assina campanhas milionárias e não está no line-up dos grandes festivais. Mas isso não a impede de brilhar. Sua presença nas noites recifenses é um ato contínuo de resistência. É o tipo de brilho que vem de dentro – e que nenhum refletor consegue apagar.

“Cada vez que entro no palco, sinto. Eu amo estar ali. Em cada performance tem um pedaço do meu coração. Acho que dá pra ver no meu rosto o quanto eu sou feliz montada”, declara.

E dá mesmo. Diante do espelho, ao terminar os últimos retoques, Sayuri Heiwa

se ergue como uma entidade pronta para mais uma noite. Há algo mágico em sua presença. Mas o que realmente encanta é a força que pulsa por trás do batom vermelho.

### **A beleza de não desistir**

Na cena drag do Recife – diversa, vibrante, e muitas vezes, invisibilizada – Sayuri Heiwa se tornou referência. Uma artista que não só representa, mas sustenta: a sua arte e seu modo de viver. Que não apenas performa, mas vive a arte que escolheu com a dignidade de quem sabe o valor do próprio brilho.

Sayuri é poesia de salto alto, é discurso em forma de sombra cintilante, é memória montada com glitter e dor. É resistência, ternura e verdade.

Ela segue, palco após palco, noite após noite. E mesmo sem os privilégios da fama, sua presença ilumina – com amor, com arte e com a coragem de quem nunca deixou de acreditar.

## **“É COMO AJUDAR A CONSTRUIR UMA ESTRELA COM AS PRÓPRIAS MÃOS”**

Por trás de Sayuri Heiwa, existe o amor firme e cuidadoso de Heitor. Marido, produtor, confidente e coautor de cada brilho que reluz no palco. Nesta conversa íntima, ele abre o coração e revela como é viver os bastidores da arte de quem se ama.

Sentado à beira da bancada de maquiagem, entre tecidos cintilantes e uma parafernália de pedrarias, Heitor sorri como quem já viu esse espetáculo começar mil vezes – e ainda assim se emociona. Ele não está no centro da cena, mas é impossível falar de Sayuri Heiwa sem falar dele. Marido, produtor, braço direito e esquerdo da drag queen recifense, Heitor é o alicerce invisível que sustenta cada entrada triunfal. E nesta conversa, ele nos convida para um passeio pelos bastidores do seu amor.

**O Berro - Como foi que tudo começou? Quando você percebeu que queria estar não só ao lado da Sayuri, mas dentro do universo dela?**

Heitor: "Foi tudo muito natural, sabe? A gente começou a namorar em 2013. Nessa época, a Sayuri estava dando uma pausa. Mas quando surgiu a chance dela voltar, em 2017, eu já fui junto. Comecei a acompanhar nos eventos, fazia os registros, filmava, tirava fotos... e de repente estava ali, metido em tudo. Me entrementes mesmo [riso]. Nunca mais parei."

Heitor fala com um brilho no olhar. Um brilho que lembra muito o que Sayuri leva ao palco – só que o dele é mais discreto, quase cúmplice.

**O Berro - E como é essa divisão de papéis: o marido e o produtor? São pessoas diferentes dentro de você?**

Heitor: "Ah, são sim! O marido é mais tranquilo, não liga se a roupa tá perfeita, se o salto combinou. Já o produtor... esse é exigente! Quer tudo certo, tudo impecável. E aí rola pressão, rola cobrança, estresse. Mas é por querer o melhor sempre. A gente vive num meio onde o cuidado com os detalhes faz toda a diferença."

Heitor cruza os braços, como quem segura um pouco do peso que essa responsabilidade carrega. Mas logo relaxa quando fala de algo que Sayuri já havia contado – que às vezes é ele quem se entrega mais à arte dela do que ela mesma.

**O Berro - É verdade que você mergulha tanto na arte dela que parece viver cada gesto como seu?**

Heitor: "É... eu me entrego demais mesmo. Às vezes, acho até que passo do ponto. Mas é porque quero que tudo fique bonito, redondo, sem falhas. O público merece isso. Se a gente entrega um bom trabalho, ele se destaca. E com destaque vem reconhecimento, mais oportunidades. No fim, essa entrega toda é por acreditar no que a gente está construindo juntos."

**O Berro - Você já disse que ajuda a bordar, a escolher músicas... como é amar ajudando a construir uma estrela com as próprias mãos?**

Ele sorri, dessa vez, sem pressa. A resposta vem como um sopro leve.

Heitor: "É incrível. Ver a roupa pronta, o número montado, tudo ganhando vida... é um orgulho danado. Me sinto parte de algo maior. Tipo missão cumprida, sabe? Porque não é só sobre estar junto – é sobre fazer acontecer junto."

**O Berro - E em Sayuri, o que é você? O que tem de Heitor nesse espelho que reflete cor, dança e presença?**

Heitor: "Olha, a Sayuri tem um jeito só dela. A maquiagem, os trejeitos, os movimentos... são muito únicos. Mas tem pedacinhos meus ali, nos detalhes. Um brinco que escolhi, um jeito de prender o cabelo, um acessório. O salto alto que eu sugeri. Às vezes é meu gosto que aparece ali, escondido no brilho."

**O Berro - A arte dela também te molda? Desperta algo em você?**

Heitor: "Total. Me instiga, me dá vontade de criar mais. A arte não é só o palco. É tecido, é corte, é ideia, é música, é cor. Cada pedacinho abre uma nova possibilidade pra eu trabalhar junto. Ela me provoca a pensar fora da caixa."

**O Berro - E de todas as faces da Sayuri... qual é a que mais te toca? Aquela que faz seu coração bater mais forte?**

Heitor: "A do palco, com certeza. A Sayuri completa, pronta, entrando com tudo que a gente pensou e construiu... Aquilo me emociona. Ver o resultado final, o conjunto da obra, é a parte que mais me encanta. Porque ali está tudo: o esforço, o cuidado, o amor."

A conversa termina como começou: com brilho. Mas não o que vem do glitter ou das luzes de cena. É um brilho mais raro – o da partilha. Heitor não é só o

homem por trás da drag queen. Ele é o parceiro que costura sonhos, um a um, com paciência e devoção. E se existe mágica no palco, é porque, nos bastidores, existe amor.

“É muito mais do que ajudar. É viver junto. Cada show é um pedaço de mim também.”, conta Heitor.

A conversa vai chegando ao fim como um espetáculo que se despede sob aplausos – com a certeza de que algo bonito foi compartilhado. Entre sorrisos, lembranças e confissões, o que fica é um sentimento que vai além da arte, além do palco, além dos bastidores.

Heitor não ama só a Sayuri do palco. Ele ama Sayuri inteira – com suas dúvidas, brilhos, exaustões e conquistas. Ama a artista, mas também a pessoa que existe por trás da peruca, entre uma costura e outra, na volta pra casa depois do show. E Sayuri, por sua vez, encontrou em Heitor mais do que um parceiro de vida: encontrou alguém que não só acredita em seus sonhos, mas que arregaça as mangas para torná-los reais, todos os dias.

O amor dos dois é como a própria arte drag: construído com camadas, feito de detalhes, moldado pela coragem de ser e fazer junto. É amor que aprende, que se reinventa, que brilha até mesmo quando as luzes se apagam. Um amor que não se limita ao “eu te amo” no camarim, mas que se costura no figurino, se afina na trilha sonora e se revela inteiro quando Sayuri pisa no palco – sabendo que, no meio da plateia invisível do coração, Heitor estará sempre ali, torcendo, vibrando, ajudando a fazer da arte um lar.

E talvez seja isso que torne os dois tão fortes: o fato de que, no fim das contas, o amor deles também é uma performance. Não no sentido de fingimento – mas no de entrega. Uma apresentação contínua, onde cada gesto diz: “estou com você”. E isso, sim, é o que há de mais bonito no show da vida real.

# O AMOR ROMÂNTICO E SUA INFLUÊNCIA NO AUDIOVISUAL

por Juliane Raquelly



Quem nunca ficou feliz por um casal ficar juntos depois de enfrentarem dificuldades que o impediam de viver um romance? Ou quem nunca ficou triste porque uma tragédia os separou? Essas são algumas das reações que uma história de amor causa no seu público consumidor. Geralmente, adolescentes e jovens adultos são o público-alvo principal dos filmes que abordam uma história de amor, como é o caso da estudante Valentine Duarte, de 15 anos, que começou a gostar do gênero ainda na infância. “Desde pequena, eu sempre gostei de ver os filmes das princesas da Disney porque quando elas se encontravam com os seus príncipes, eu torcia muito para que eles se beijassem e fossem felizes. E aí eu fui crescendo e comecei a ver outros

ilmes de romance porque eu gosto dessa coisa do casal ter seu felizes para sempre”, diz.

Segundo os dados de Parrot Analytics realizado em 2023, baseado na quantidade média das franquias “Para todos os garotos que já amei” e “Barraca do beijo” assistidas 30 dias após o lançamento, 82% dos consumidores são do público feminino de idade entre 13 e 22 anos, sendo 49% adolescentes. E ainda de acordo com o site, que analisou a quantidade de filmes românticos dos anos 90 e 2000 assistidos em streamings e utilizando o multiplicador de demanda no Brasil, concluiu que “Titanic” é o mais amado pelos fãs por ser procurado 17,3 vezes mais que “Orgulho e Preconceito” e “10 coisas que eu odeio em você”, confirmando que a história de Jack e Rose é marcado na memória de quem assistiu pela primeira vez por conta dos momentos de amor e a tragédia que os separou. “Quando eu assisti pela primeira vez, eu lembro que chorei muito porque eu não imaginava que isso ia acontecer e foi aí que eu percebi que nem toda história de amor acaba com os dois vivendo felizes para sempre como eu achava”, relembra a estudante de enfermagem Maria Júlia de Araújo, de 20 anos.

*Titanic, filme de 1997. Dirigido por James Cameron. Foto: Reprodução*



Logo, para compreender o fenômeno do romance nos cinemas, é preciso entender sua origem na literatura. O gênero surgiu no século XIX durante a Revolução Francesa quando a burguesia estava no poder enquanto havia a pro-

dução de poesias épicas, porém o romance que conhecemos hoje foi graças a uma escola literária que possui o mesmo nome: Romantismo, onde os sentimentos e as emoções ganhavam vida através da escrita, expressando a idealização do amor. Em seguida, não demorou muito para que essas histórias ganhassem vida no cinema e se popularizassem com o passar dos anos. É o que o professor de Letras da Universidade Católica de Pernambuco, Robson Teles, acredita. “É uma coisa muito mais recente, lógico, até porque o cinema não é tão antigo. Então a adaptação para o cinema, eu acho que é uma forma de pegar uma narrativa que deu certo, que é o romance, e experimentar uma outra linguagem, que é a linguagem do cinema.”, explica. Como exemplo, Robson recita obras literárias do Romantismo brasileiro que tiveram suas versões vividas nas telas do cinema. “Muitos textos de Dom Casmurro, Memórias Póstumas de Brás Cubas de Machado de Assis, Helena de Alencar, já viraram peças de teatro e já viraram filmes”, argumenta. Mas o que é preciso para um romance ser atrativo para seu público?

Embora as histórias de romance possuam o mesmo objetivo, isto é, retratar o relacionamento dos protagonistas sendo construído aos poucos, nem todas conseguem chamar a atenção dos fãs. Um dos motivos tem a ver com a abordagem da narrativa e o estilo que diferenciam os romances atuais dos antigos. “Acho que o romance contemporâneo é a cara do homem contemporâneo. Tem que ser uma questão de uma linguagem diferente, uma linguagem mais fluida. (...) Eu acho que a própria narrativa, a forma de narrar e os problemas discutidos pelos romances dos séculos XIX e XX são muito diferentes dos problemas discutidos, por exemplo, por nós que já estamos no século XXI. (...) Porque o romance reflete a sociedade.”, explica o professor Robson. E para comprovar o raciocínio, Robson revela a experiência dos jovens com os livros da época do Romantismo que trouxe para a sala de aula. “Quando os meus alunos, por exemplo, do ensino médio, começam a ler Aluísio Azevedo ou Machado de Assis, José de Alencar, eles não se identificam porque a linguagem é contemporânea aos autores.”

Além do romance ficar interessante com uma escrita mais simples, o professor explica que para o adolescente se sentir representado na história, é necessário

que sua convivência no dia a dia seja descrita tanto na literatura quanto no cinema, para moldar o seu ponto de vista sobre diversos fatores de sua vida, como a sexualidade, família e preconceito. “Muitos romances que já vi sempre traziam coisas que já vivenciei, tipo quando eu me mudei para uma escola nova quando eu tinha 13 anos e sofri bullying por causa da minha aparência. Foi aí que eu vi aquele filme lá da Klara Castanho, em que ela faz a nerd excluída, que fez me sentir compreendida pela primeira vez”, revela Valentine quando assistiu ao filme “Confissões de uma Garota Excluída”, adaptação do livro de Thalita Rebouças.

A obra fala de uma adolescente chamada Tetê que precisa lidar com a violência escolar praticada pelos colegas e ao mesmo tempo, com a família difícil e uma paixão impossível. Por fim, o professor Robson reforça que os personagens precisam ser o reflexo de quem os assiste. “Sem dúvida nenhuma, uma história em que o personagem principal é simpático e o leitor se sente identificado com esse personagem, é provável que esse jovem se projete do ponto de vista psicanalítico, né? De maneira freudiana ou de maneira catártica, dizem os gregos, e acabe lendo o romance como se estivesse lendo sua própria vida, até porque a arte reflete a passagem do homem para o mundo e como esse homem está”, justifica.

Partindo para a questão psicológica, os filmes de romance são os principais fatores quando se acredita num amor perfeito. O primeiro beijo, as borboletas no estômago, o sorriso bobo são algumas das características que causam, no adolescente e no jovem adulto, a sensação de experimentar algo parecido com aquele pois, como se veem retratados na personalidade e no ambiente, acabam usando a obra como uma inspiração na vida real. Nesse sentido, a operadora de caixa Lorena Piovani, de 25 anos, confessa que já vivenciou essa fase.

“Na minha época de adolescente, quando eu tinha uns 14 ou 15 anos, eu era viciada nos filmes de Crepúsculo e era apaixonada pelo Edward. Então na minha cabeça, eu iria namorar com alguém que era igual a ele e pedia pra Deus que me desse um namorado que agisse como aquele vampirão lindo”,

relata. E assim que foi questionada se foi influenciada pelos filmes a dar o seu primeiro beijo, Maria nega, mas alega ter visto outras jovens imitando os filmes quando começavam a namorar. “Eu lembro de uma menina da minha sala que começou a agir que nem a Bela de Crepúsculo para conseguir um namorado e ela até fez isso com um cara que ela tava namorando, tipo fingir que era depressiva, coisa que ela não era, só para o menino gostar mais dela. Mas daí não durou muito tempo porque ele beijou outra e ela quebrou a cara. Foi engraçado, mas me deu dó dela”, expõe.

*Personagens da saga 'Crepúsculo', que conta com 5 filmes. Foto: Reprodução*

Antes de julgar os filmes e até o próprio público mais novo, deve-se olhar essa situação do ponto de vista da Psicologia. Por isso, a psicóloga Viviane Barros demonstra o que diferencia a mentalidade de um jovem e um adolescente e o que levam a acreditar no amor idealizado pela ficção. “A diferença está ligada a falta de



experiência, maturidade e a impulsividade presente na maioria dos adolescentes. O adulto tende a ser mais comedido, atento e um pouco mais consciente do que pode ser real ou imaginário. Os motivos, provavelmente, estão ligados a necessidade de aceitação e busca da perfeição. Porém, vale ressaltar que a fragilidade das relações familiares, abusos diversos, preconceito, entre outros, propiciam a descrença no próprio eu.”, esclarece Viviane.

Em complemento a fala, Viviane afirma que os filmes de romance impactam de duas maneiras distintas, desde que o jovem esteja consciente do que sente. “Os efeitos positivos são: o trabalho com o imaginário e divulgação de pontos de vista diferentes. Os negativos, por outro lado, são a idealização de realidade fictícia como sendo a real, estímulo ao consumo diversos e, em alguns casos, se torna uma fuga da realidade.”

Dessa forma, é preciso uma análise profunda dessas histórias que envolvem o psicológico dos jovens. A psicanálise de Sigmund Freud - citado, anteriormente, na fala do professor Robson - diz que não se deve olhar apenas para as ações que os protagonistas cometem de forma consciente, mas também a impulsividade que os motiva para fazer o tal ato, ou seja, quais são os conflitos, segredos e as causas que responsabilizaram o indivíduo que o levaram a escolher o amor. Logo, se os jovens olhassem ou fossem orientados pelas famílias a ver por essa perspectiva, talvez entenderiam melhor os seus sentimentos. “Na visão da psicologia, escutar, tentar entender e orientar para superar acontecimentos fazem parte do aprendizado emocional do indivíduo. Experiências reais, muitas vezes, são importantes para o amadurecimento”, responde a psicóloga Viviane.

## BEIJO DE CINEMA: OS DIFERENTES TIPOS DE AMOR RETRATADOS “AO VIVO E A CORES”

Sabemos que o romance não é só um. Na verdade, as histórias de amor possuem diversas características que diferenciam um do outro sejam nos conflitos, personagens e até mesmo no desenrolar do relacionamento amoroso. Originado e popularizado na escola literária do Romantismo no final do século XIX, o romance é subdividido em vários subgêneros, sendo alguns deles a comédia romântica, o romance drama, o romance histórico e o romance de fantasia. Nesse sentido, o impacto de cada subtópico no cinema será demonstrado ao decorrer da matéria.

O primeiro subgênero romântico a ser apresentado é a comédia romântica, sendo a mais querida entre o público de jovens e adolescentes. Sucesso em bilheteria, a história de uma comédia romântica retrata momentos engraçados e vergonhosos que os protagonistas se envolvem antes de ficarem juntos. Sejam eles conhecidos, desconhecidos, amigos ou inimigos. Logo, para a estudante de enfermagem Maria Júlia Araujo, de 26 anos, o segredo para ter uma ótima comédia romântica é aquela que traz uma leveza diante de uma situação embaraçosa que compromete o relacionamento do casal. “Quando eu



*‘Para todos os garotos que já ameí’, adaptado do livro de Jenny Han. Foto: Netflix/Reprodução*

tô cansada do trabalho ou da faculdade, eu sempre coloco um filme de comédia romântica pra esquecer dos meus problemas porque quando eu assisto um filme assim, eu acabo não focando muito em mim porque no filme eu acabo vendo que tem gente pior do que eu”, responde Maria.

Foram nos anos 90 que o gênero da comédia romântica se popularizou graças à atriz Julia Robert, que protagonizou filmes de sucesso no subgênero como “Uma linda mulher”, “Um lugar chamado Notting Hill” e “O casamento do meu melhor amigo”. Todas especificam o mesmo objetivo: a protagonista e o seu par romântico precisam lidar com os obstáculos da vida se quiserem ficar juntos, mas vivenciando de forma icônica e divertida.

Apesar de quase ter sido extinta nos anos 2013 e 2016 por conta da fama dos filmes de super-heróis no cinema, a comédia romântica foi preservada graças aos streamings que, além de resgatar os filmes já feitos, também optaram em criar suas próprias histórias. Esse é o caso da plataforma Netflix, em que seu público é representado pelo público de 50-55% das mulheres entre as idades de 18 a 39 anos segundo dados do site The Business Model Analytic em 2024, que possui obras do subgênero que até hoje são lembradas e consumidas pelos

assinantes como a franquia “Para todos os garotos que já amei”, “Modo Avião”, “Meu eterno talvez”, entre outros.

Já o drama romântico é o total oposto de uma comédia romântica. Nele, os personagens enfrentam provações e conflitos ainda mais graves como uma doença terminal ou uma tragédia repentina para construir um relacionamento, mas a grande parte deles não terminam juntos no filme. A ideia é que os personagens devem aproveitar os momentos únicos e bons da vida para aprenderem a lidar com as dificuldades de forma não prejudicial a eles mesmos. Um bom exemplo de filme dramático adaptado do livro do mesmo nome, sem dúvidas, é “A culpa das estrelas” (2014). Nele, dois adolescentes estão tratando de um câncer que está prejudicando suas vidas, mas apesar disso, eles escolhem o amor em meio aos problemas que vivenciam. A forma como ambos utilizam deixou o público aos prantos que não se abalaram de início por conta da leveza e da simplicidade nas histórias, mas o clima muda drasticamente quando acontece o triste final. Outros filmes que operam desse método são diversos, entre eles estão “Doce novembro”, “Meu primeiro amor”, “Um amor para recordar”, “Titanic”, etc.

De acordo com o professor de Letras da Universidade Católica de Pernambuco, Robson Teles, o drama romântico, assim como o romance histórico, possui sua essência única para trazer essas narrativas de forma cuidadosa e respeitosa para que não haja um efeito prejudicial a respeito do que está sendo abordado. “Mesmo com um assunto muito sério, com uma temática muito pesada, a linguagem tem que ser leve. A linguagem tem que ser envolvente, dinâmica, leve e puxando para um elemento aqui ou ali de ludicidade. Eu acho que a gente vive momentos tão difíceis, tempos tão difíceis, que a gente de certa maneira tá procurando espaços de diversão, de leveza e ludicidade”, argumenta.

Já o romance de época pode conter a mesma narrativa que o romance drama, tendo finais felizes ou tristes. Na história, é preciso o uso da contextualização da história da época que vai ser retratada, como por exemplo a idade média e a idade moderna. Portanto, deve ser retratado com clareza os costumes, as si-

tuções e as personalidades dos indivíduos que conviveram naquela época para que o relacionamento seja estruturado de acordo com aquele determinado período histórico. “Orgulho e preconceito”, “A sociedade literária e a torta de casca de batata” e “Shakespeare apaixonado” são alguns dos clássicos desse subgênero.

Por fim, o subgênero que, para o professor Robson, é o mais consumido atualmente se trata do romance de fantasia. De todos os tipos já citados, o romance de fantasia pode estar mais ligado a ficção do que a maioria. Com elementos envolvendo poderes mágicos, seres inexistentes e detalhes fantasiosos, é a fórmula perfeita para conquistar os fãs do gênero que não gostam de ler a realidade de forma direta. “São ligadas exatamente a um processo de analogia com a realidade e a questão da representação simbólica mesmo, a gente pega Divertidamente, O Urso Panda, Wicked, os três têm uma grande bilheteria (...), estão no mesmo universo da fantasia, no universo da simbologia, da metaforização”, justifica.

Logo, para os fãs de um romance como a estudante Valentine Duarte, de 15 anos, a fantasia é o que mais incentiva a entender o que acontece ao redor dos personagens antes de iniciarem o relacionamento. “Eu acho que a fantasia não desconstrói o romance, na verdade, ele só deixa o público mais animado porque, querendo ou não, é uma coisa de outro mundo, né. Tipo os contos de fadas que têm o casal,



né, de príncipe e princesa, mas eles têm bruxas, dragões, fadas, elfos e tudo que não existe. Acho legal isso porque isso me faz escapar de uma realidade chata e sem beleza por causa da maldade humana e várias coisas”, alega a adolescente que é familiarizada com os filmes de adaptação da Disney dos contos das princesas como “Branca de Neve”, “Cinderela”, “A Bela e a fera” e entre outros.

## ONDE ESTÁ O AMOR REAL NO CINEMA?

O romance e o cinema são irmãos que nasceram quase na mesma época, mas cresceram juntos. E com eles, surgiram os filmes de amor. Não é só um, são vários. Tem o amor que surge depois que um príncipe salva uma princesa das garras de uma bruxa má. O amor que acaba depois que a morte os separa. O tal do amor impossível pois ambas as famílias se odeiam e os pombinhos precisam ficar juntos antes que seja tarde demais. Ou o amor de mentirinha para conseguir se destacar em algum ambiente, mas acaba quebrando a regra principal (jamais se apaixone). E tem aquele amor. Ah, o amor comediante. Onde a vida prega peças divertidas e engraçadas para os personagens viverem intensamente e só ficarem juntos quase no final do filme, quando um deles quase desaparece do mapa e sempre depois de uma briga. São histórias lindas e cheio de superações e desafios para estar com quem ama, mas o fato é que estamos cansados de não ver a veracidade nessas narrativas. Ou seja, não vemos o amor real no cinema. E é aí que está a pergunta problema: onde ele está?

Onde está o amor que junta dois personagens que não acreditam em destino depois de terem vivido milhões de decepções amorosas? Esses que acham que o amor é só uma simbologia pregada pela sociedade para trazer engajamento aos seus produtos ou o pior sentimento do mundo que só traz pessoas confusas para confundir e piorar a sua saúde mental. E quando menos espera, o destino surge como um pequeno cupido que usa a flecha do amor para fazê-los refletir sobre isso ao invés de criar um “acidente” desastroso que os força a criar essa dinâmica. É o que aconteceu com Frank (Keanu Reeves) e Lindsay (Wimona Ryder) do filme lançado em 2018, “Com quem será?”. Tudo o que eles tinham eram apenas um casamento chato com pessoas desagradáveis e um sonho. O sonho de sair dali o mais rápido possível. Mas o que não imaginavam eram que iriam sair apaixonados um pelo outro no fim.

Só que nem todos sabe o que é um namoro. Tudo o que sabem é como se começa uma relação amorosa. No início, os personagens podem ser amigos, estranhos, conhecidos “só de vista”, inimigos ou até mesmo um amor antigo,



Filme ‘Com quem será?’, de 2018. Foto: Reprodução

não. Mas como a maioria só foca no surgimento do romance e como termina, muitos que não tiveram nenhuma experiência com amor ficam sem saber o que acontece dentro de um relacionamento amoroso. Eu também estaria com essa dúvida se eu não tivesse conhecido o alfabeto do amor, ou melhor, o namoro de Zelda e Andrew.

“A to Z”, traduzido para “A para Z”, é uma verdadeira aula de como é o cotidiano de um casal comum. Nele, conhecemos Andrew (Ben Feldman), um publicitário que cresceu acreditando no amor por causa do casamento de seus pais que durou até a morte de sua mãe. Por isso, ele trabalha em um site de namoro para ajudar as outras pessoas a achar o seu par ideal. Porém, o que ele não imaginava era que o destino decidiu brincar com ele assim como fez com os dois pessimistas de “Com quem será?”. Pois em um momento de tensão da sua empresa, ele conhece Zelda (Cristin Milioti), uma advogada que é o oposto em relação no que ele acredita. Por crescer em um ambiente desequilibrado por causa da mãe, Zelda não é romântica e carrega opiniões mais racionais e realistas sobre a vida. Mas assim que ambos se cruzam em seus caminhos, ocorre o famoso “amor à primeira vista”.

Enquanto as crianças podem aprender o alfabeto com a Xuxa, os jovens sem experiência no amor podem aprender com o alfabeto de Andrew e Zelda. Com apenas 13 episódios de uma única temporada, os dois apresentam suas manias,



desejos, loucuras, segredos e até mesmo seus defeitos durante o namoro de 8 meses. Nesse sentido, podemos ver as personificações reais de um homem e de uma mulher que vivem em um tempo moderno. Enquanto Andrew, por

ser o homem da relação, esconde suas inseguranças para que isso não prejudique sua namorada e o relacionamento, como o fato dele ser agressivo quando é provocado por alguém ou até mesmo o seu pai ser desrespeitoso com a maioria das namoradas que ele já teve, Zelda é intensa no trabalho e no dia a dia, mas não gosta de ser ajudada ou acolhida para não se sentir indefesa, como no episódio em que um rapaz a insulta verbalmente e ela se defende antes mesmo de Andrew a protege-la. Para ela, o seu tipo ideal de um homem é alguém sensível como Andrew, mas esse não se sente confiante ao ver o que não tinha feito o que qualquer homem faria: cuidar de quem ama. Mas é claro, com muito diálogo e aprofundamento na conversa, os dois conseguiram ajudar um ao outro nessas questões: Zelda deixou ser salva pelo seu “príncipe encantado” e aprendeu que está tudo bem pedir ajuda e Andrew entendeu que o cuidado não está só em seus punhos, mas também nas suas palavras de conforto.

Logo, para entender o amor real, é preciso representá-lo de forma realista e compreensível. Nem todos nasceram sabendo o que é namorar e nem outros sabem o que fazer depois do fim. Mas a verdade é o que Frank disse, não exatamente o que ele diz, mas olhando sob outro ângulo, não é porque uma pessoa entre 6 bilhões de pessoas no mundo inteiro sabe o que é o amor porque presenciou todos os tipos de relação que as outras cinco bilhões, novecentos e noventa e nove milhões, novecentos e noventa e nove mil e novecentos e noventa e nove terão a mesma sensação. Assim como nem todas essas pessoas são ruins só porque uma quebrou suas expectativas. Para isso, como diziam os Titãs, é preciso saber viver. Principalmente o amor. Não o de cinema, mas o real.

# EU, DIRECTIONER

**“É SÓ UMA FASE”: COMO O AMOR PELA ONE DIRECTION VIROU IDENTIDADE E DESAFIA O RÓTULO DE ‘FÃ HISTÉRICA’**

por Isabella Moraes



“Todos querem roubar minha garota”, mas, na verdade, todas queriam ser ela. A frase que abre o refrão de Steal My Girl, single lançado pela boyband One Direction em 2014, capturava o delírio coletivo de milhões de jovens ao redor do mundo que sonhavam em ser mais que fãs: queriam ser vistas, reconhecidas, compreendidas por aqueles cinco meninos britânicos que, mesmo a quilômetros de distância, pareciam cantar diretamente para elas. Era bem mais que paixão adolescente, era uma identificação e um sentimento de pertencimen-

to. O One Direction não foi apenas uma banda como qualquer uma nesse meio artístico, foi um fenômeno cultural que moldou a adolescência de uma geração inteira. Surgido em 2010 no palco de um programa de talentos, The X Factor UK (versão britânica do programa), o grupo parecia ter saído diretamente de um roteiro bem escrito: : cinco garotos tímidos, com talento bruto e um carisma

latente, que se transformaram em superestrelas. Harry Styles (16), Niall Horan (16), Louis Tomlinson (18), Liam Payne (17) e Zayn Malik (17) participaram individualmente das audições do programa, mas foi a decisão dos jurados, e do produtor Simon Cowell, de reunir eles como banda, dando início a uma nova era da música pop.

Na época, o formato das boybands já era conhecido: grupos de jovens bonitos, carismáticos, com vozes afinadas e coreografias bem ensaiadas. Mas o One Direction veio na contramão dessa fórmula tradicional. Sem passos coreografados, sem roupas combinando, com uma estética mais despojada e natural. Essa autenticidade, combinada ao uso estratégico das redes sociais, criou uma ponte direta com o público. As fãs não apenas assistiam de longe, elas participavam, criavam, reagiam, viralizavam.

Durante seus cinco anos de atividade, entre 2010 e 2015, a banda lançou cinco álbuns: *Up All Night* (2011), *Take Me Home* (2012), *Midnight Memories* (2013), *Four* (2014) e *Made in the A.M.* (2015). Todos estrearam entre os dez mais vendidos nos Estados Unidos, e quatro deles chegaram diretamente ao primeiro lugar na Billboard 200. O álbum *Midnight Memories*, inclusive, foi o mais vendido de todo o mundo em 2013, provando que o sucesso do grupo não se limitava a um único país, era global.

E, se engana, quem pensa que essa devoção adolescente é novidade. Em 1963, quando os Beatles fizeram sua primeira aparição na televisão britânica, o mundo testemunhou o nascimento oficial da Beatlemania. A histeria era palpável: gritos ensurdecedores, fãs desmaiando, um cenário tão caótico quanto fascinante. Era o início de um fenômeno que não apenas redefiniu a música pop, mas também colocou a juventude no centro das transformações culturais da década. Com um som novo, letras que falavam diretamente aos sentimentos dos jovens e um visual que quebrava padrões, John, Paul, George e Ringo não só dominavam as paradas musicais como também influenciavam comportamento, moda e atitude. O corte de cabelo típico dos Beatles, conhecido como "mop-top" ou "corte tigela", por exemplo, nasceu de uma sugestão de uma fotógrafa alemã e virou símbolo de uma geração. A Beatlemania foi, acima de tudo, um retrato de uma juventude que começava a exigir espaço, representatividade e voz.

Décadas depois, com a internet já estabelecida como extensão da vida social, o One Direction surgiu em um contexto muito diferente, mas despertando sentimentos muito parecidos. Se antes os Beatles mal conseguiam ouvir sua própria música nos shows por conta do barulho do público, o One Direction era capaz de sentir em tempo real o impacto de seus lançamentos nas redes. Foi justamente essa força coletiva das fãs, potencializada por plataformas como Twitter e YouTube, que levou a boyband a bater recordes históricos, inclusive superando os próprios Beatles em número de estreias diretas no top 10 da Billboard. Quando *Perfect* entrou em décimo lugar logo na semana de estreia, o grupo britânico conquistava sua quinta entrada direta no top 10, ultrapassando os quatro feitos semelhantes dos Beatles. Assim, mesmo separados por cinco décadas e contextos sociais distintos, as duas bandas britânicas compartilham um mesmo legado: o poder arrebatador da juventude em transformar música em movimento.

E, é impossível, falar da ascensão do grupo sem mencionar o papel central das redes sociais nessa equação. O One Direction foi a primeira grande boyband da era digital. A conexão era direta, sem mediação de revistas ou programas de TV. Os integrantes faziam vídeos caseiros, interagiam com fãs, comentavam nas redes e isso gerava um sentimento de intimidade que potencializava ainda mais a devoção.

Esse vínculo emocional construído virtualmente ajudou a consolidar uma geração de fãs que, mais do que consumir música, viveu uma experiência transformadora. O amor pelo One Direction virou parte da identidade de muitas meninas e meninos mundo afora. Estava no jeito de se vestir, nas amizades formadas online, nos sonhos projetados sobre o futuro, inclusive, para muitos, foi o primeiro contato com o inglês, com o consumo de cultura internacional.

Mas para muitas fãs, como Gabriela Queiroz, de 25 anos, o amor pelo One Direction nunca foi "só uma fase". Formada em odontologia e atualmente estudante de moda, ela conheceu a banda em 2012, às vésperas do lançamento do álbum *Take Me Home*, por influência de uma amiga da escola. Até então, Gabriela já era fã de ícones do pop como Lady Gaga, Ariana Grande, Selena Gomez e etc, mas foi com o One Direction que viveu o amor de fã por uma banda.

“Ah, é só fase, dura enquanto é criança, adolescente... e de fato todo mundo passa por essa fase. Mas perpetuar isso até a vida adulta é um traço da minha personalidade que eu me orgulho bastante”, conta ela. A conexão com o grupo atravessou os anos e se entrelaçou com sua própria trajetória emocional, Gabi descreve como cada música da banda marcou um período da sua vida: “Quanto aos momentos tristes e felizes, eu tenho uma música do One Direction para cada um deles.”

A entrega era tamanha que ela relembrou de um episódio que, embora hoje renda boas risadas, foi extremamente marcante na época: aos 13 anos, ela montou uma espécie de “santuário” dedicado a eles em casa, com pôsteres, CDs, DVDs e fotos. Mas quando ficou de recuperação na escola, sua mãe decidiu que o castigo ideal não era tirar o celular ou cortar o acesso à internet, era algo mais certo.

“Ela sabia que meu hiperfoco era neles, então, tirou tudo. Mandou eu arrancar os pôsteres da parede, guardar as fotos, e ainda pegou meu iPod para eu não ouvir mais as músicas. Foi o pior castigo da minha vida.” Enquanto guardava as coisas que a mãe pediu, ela colocou uma foto da banda no teto do quarto e é um segredo que a mãe nunca descobriu, até hoje.

Mas se o amor por uma banda já foi capaz de moldar identidades e influenciar escolhas de



vida, por que ainda é tratado com condescendência quando parte das mulheres?

O fã homem, quando se dedica intensamente a algo, como o futebol, por exemplo, é admirado por sua lealdade. Já a mulher, quando chora num show, espera horas na fila ou usa roupas com frases de música, é vista como "sem noção", "infantil" ou "histérica". A mesma intensidade que desperta orgulho em um, vira motivo de piada em outra.

De 1993 a 2023, o Brasil já contabilizou 384 mortes ligadas ao confronto entre torcidas. Ainda assim, ser torcedor apaixonado segue sendo sinônimo de masculinidade e se tornou algo “normal” nas arquibancadas. Enquanto isso, o fanatismo feminino, que raramente resulta em violência, ainda precisa ser justificado, defendido, explicado.

“Tenho um amigo que vai para jogo balançar rede, ouvindo ameaça de morte, e isso é aceito. Mas se eu fico sete horas na fila, no sol, sem machucar ninguém, me dedicando a alguém, sou a problemática”, desabafa Gabi.

Essa desproporção na forma como o fanatismo é encarado tem nome: machismo estrutural. Ele não apenas define o que é "apropriado" para homens e mulheres, como também reforça os estereótipos que diminuem os sentimentos femininos. O termo “fã histérica”, que surgiu lá na época da Beatlemania e ainda é usado hoje, carrega uma carga de deslegitimação que não aparece quando falamos de homens em estádios, em mesas de bar discutindo escalações ou cole-



cionando camisas oficiais.

Estudos comprovam que a música e o envolvimento com a arte têm um impacto significativo na saúde mental, no fortalecimento da autoestima e na sensação de pertencimento social. A música, em particular, tem sido demonstrada como um fator importante para a redução do estresse, ansiedade e depressão, além de estimular a produção de neurotransmissores, responsáveis pela sensação de bem-estar. Em um estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Neurodesenvolvimento (IBND), um grupo de pessoas com sintomas depressivos foi dividido em dois: aqueles submetidos à musicoterapia apresentaram uma melhora de cerca de 25% no quadro clínico

A psicóloga Vycória Santana destaca que ser fã na adolescência vai muito além de uma fase passageira: “Aquilo era um ponto de apoio emocional em um período marcado por dúvidas, inseguranças e instabilidades hormonais”. A psicologia social ajuda a entender como esse sentimento de fazer parte de algo maior fortalece o bem-estar psíquico, enquanto os laços com outros fãs criam uma rede de apoio simbólica.

“Não tenho a menor vergonha de dizer que sou fã. Quando falam ‘ah, isso é coisa de criança’, estou nem aí. Meu orgulho é o amor que perpetuou e virou parte de mim, eu não seria quem sou hoje sem isso”, conclui Gabriela. Ser fã, para ela, não é uma fase passageira, mas uma estrutura emocional. Algo que cresceu com ela e que continua ali, firme, mesmo depois do fim.

Em 2015, a saída de Zayn Malik foi um abalo não só para a banda, mas para toda a base de fãs. A partir disso, o clima entre os integrantes e o ex-colega esfriou publicamente. Pouco depois, em 2016, o grupo anunciou um hiato, que com o passar dos anos e sem retorno oficial, consolidou-se como um fim.

A morte repentina de Liam Payne, em 2024, aos 31 anos, comoveu milhões de fãs ao redor do mundo. O cantor, que marcou uma geração inteira com sua voz e carisma, partiu deixando uma lacuna irreparável no coração daqueles que cresceram ao som de suas músicas. Em diversas cidades, fãs se reuniram para prestar homenagens, vídeos se espalharam pela internet mostrando multidões emocionadas cantando músicas da banda.



Mas apesar da perda, é impossível falar de Liam sem falar do que ele ajudou a construir. E o que ficou não foi apenas a discografia ou os prêmios, o que permaneceu foi o impacto afetivo e social, o que o One Direction foi, e ainda é, muito mais que uma banda. É memória viva de uma geração que aprendeu a amar, a se expressar e a encontrar força na música, um fenômeno que atravessou fronteiras, quebrou recordes e, acima de tudo, formou laços.

Por isso, não se trata de um fim. A história que eles escreveram juntos continua

reverberando em cada lembrança, em cada verso. E é como eles cantam em uma das músicas mais queridas da banda: “This is not the end.” (Este não é o fim). Porque, no fim das contas, “You and me got a whole lot of history.” (Você e eu temos muita história).

## PORQUE SENTIR NÃO PRECISA DE TRADUÇÃO

Antes das oito, ele já está coando o café e fazendo o ovo frito de todas as manhãs. A música sempre acompanha suas tarefas e o som sai de um JBL que ganhou de presente de Natal. A playlist varia entre: Jorge e Mateus, Taylor Swift, BTS, Elis Regina, Twenty One Pilots, Chico Buarque, Michael Jackson até bregas eternizados por Reginaldo Rossi. Mas uma música em especial não pode faltar: Drag Me Down, do One Direction.

Enquanto mexe o café, fica cantarolando, sem se preocupar com a pronúncia exata do inglês. O refrão, esse sim, sai firme, (“Nobody can drag me down”). O ritmo combina com sua disposição, e a música parece carregar um significado que vai além da melodia. Sempre que escuta canções, há um brilho nos olhos — às vezes, até um sorrisinho discreto, talvez lembrando de algo especial.

A batida ecoa pelo apartamento de Desmostenes Ferreira de Moraes, na Zona Sul do Recife, quem passa pelo corredor do quinto andar talvez imagine alguém revivendo alguns sucessos pops, mas ali vive Seu Moraes, um senhor de 74 anos, careca, de bigode e óculos, que fala com o sotaque nordestino de quem já mora no Recife há mais de 40 anos, mas nasceu no Rio de Janeiro.

Ele não faz parte da geração que cresceu acompanhando os cinco meninos revelados pelo reality show *The X Factor*, mas, encontrou neles um tipo de conforto. *History*, sua música preferida da banda, o transporta para as memórias do que já viveu e das que ainda estão por vir.

Mas nem todos entendem essa relação com a música. Dona Lúcia, 73, sua esposa há mais de 50 anos, nunca entendeu essa mania do marido de colocar uma trilha sonora para tudo: lavar a louça, organizar a papelada ou simplesmente deixar o tempo passar. Para ela, música é ruído, é distração, algo que deveria ter hora de acontecer e momentos de escutar. “Abaixa esse som, Moraes!”, reclama, mesmo quando o volume está baixo. Seu Moraes, que nunca gostou de embates, apenas suspira, desliga o som e segue com suas tarefas.

Certa vez, tentou argumentar. Ela, reclamava do sertanejo que tocava na caixa de som. Ele, com a calma de quem já viveu décadas ao lado da mesma pessoa, resolveu tentar uma última vez. “Escuta essa letra, Lúcia. É sobre alguém que errou, mas que ainda tem esperança.” Mas a esposa sequer deixou que ele terminasse. Revirou os olhos, disse que “essas músicas são tudo a mesma coisa”. Ele suspirou, baixou o volume e não insistiu mais. Não porque concordasse com ela, mas porque sabia que, por experiência, certas conversas não levam a lugar nenhum – e que algumas coisas a gente aprende a guardar só para gente e que para alguns, música é só música. E para outros, é algo que não se explica.

Mas nem todos na casa acham que música é só barulho. As netas de Seu Mora-

es entendem exatamente o que ele sente. Foram e são muitos os momentos no carro, em que bastava um olhar pelo retrovisor, uma batida de mão no volante no ritmo da música ou um simples suspiro no refrão para que soubessem: ali morava um sentimento que palavras não diziam.

A primogênita, que sempre teve o avô como referência, cresceu ouvindo suas playlists gravadas no pendrive e muito do seu gosto musical vem dele. Foi ela quem apresentou ao avô as músicas da sua geração. Mostrou boybands, artistas novos e estilos diferentes. E ele, com curiosidade e carinho, mergulhou nesse universo. A neta ouvia aquelas músicas com o mesmo brilho nos olhos que ele tinha ao escutar os Beatles pela primeira vez.

Ele sempre diz a ela “Nós nos conhecemos de outra vida, minha filha”. Ele acreditava que havia algo maior, invisível, ligando os dois e a música selou esse pacto silencioso, e foi com ela que vieram conversas, confissões, lágrimas e gargalhadas. A neta dizia que herdou o gosto musical do avô. Mas Seu Moraes sabia que foi ele quem recebeu um presente, como se, em vez de deixar um legado, tivesse ganhado um. Uma herança ao contrário, que chegou como afeto, e ficou como abrigo.

A segunda neta, trouxe algo desconhecido para ele. Um universo inteiro vindo do outro lado do mundo: a Coreia. Músicas que, à primeira escuta, ele não entendia. Mas, de novo, bastaram poucos segundos para sentir — e isso era o que importava. BTS, EXO, Stray Kids... os nomes eram novos, mas o efeito era o mesmo: emoção. Ela o ensinou a escutar com o coração. Juntos, riam das tentativas de cantar em coreano, mas ele já não se preocupava mais com a pronúncia. O que valia era o brilho nos olhos das duas netas quando eles entravam no carro e o play era uma música que os três adoravam. Alguns poderiam achar loucura se emocionar com uma canção coreana sem entender uma única palavra. Mas Seu Moraes sabia — e suas netas também — que a melodia fala primeiro com a pele, depois com o coração. E quando o arpejo vinha, era como se aquela canção o reconhecesse por dentro. Ele chorava, às vezes em silêncio, às vezes deixando a lágrima cair. Porque, mesmo sem entender a letra, ele era entendido. E era isso que importava, e suas netas estavam ali, sentindo tudo com ele. Porque conexão não precisa de tradução.

No futuro, quando as lembranças forem se acomodando no tempo feito livros numa estante, Seu Moraes vai carregar essas cenas como páginas queridas: as risadas na sala, o brilho nos olhos das netas ao mostrarem uma nova música. Serão memórias de amor, não só pelo que ouviam, mas porque estavam ouvindo juntos. Porque, no fim, é disso que se faz a vida: daquilo que emociona, daquilo que permanece. E a música, para ele, é uma trilha sonora de um amor que nem o tempo vai apagar.

Graças a elas, Dona Lúcia – mesmo resistente – às vezes se rendia e se via cantarolando no carro. Não por obrigação, mas por contágio. Era impossível resistir à animação das netas, e aqueles momentos se tornaram pequenos “rituais de família”. Uma ida para comprar um simples galetto de domingo virava motivo de alegria, porque sabiam que, na ida e na volta – por mais que levasse apenas 15 minutos – eles poderiam ouvir pelo menos cinco músicas e, com isso, construir memórias que, no futuro, seriam lembradas com aquele nó doce na garganta.

Seu Moraes sabe que esses instantes são ouro. Porque com o tempo, a gente percebe que memórias não têm cheiro, não têm gosto... mas têm trilha sonora. Moraes uma vez disse a sua primeira neta: “Minha filha, música não é só melodia, não é algo que se mede pelo tempo de reprodução ou pelo volume em que toca. É sentimento. É companhia nos dias difíceis, abrigo nas horas inquietas”. Seu Moraes sente isso na pele. Mas sabe que quem não sente, não entende.

## DEZEMBRO DE 2015

O relógio já passava das onze quando o pijama vermelho, de algodão um pouco gasto nas mangas, encontrou a cama de solteiro que estava toda arrumada. A casa dormia. No quarto ao lado, os pais já estavam no segundo ou terceiro estágio do sono, o tipo que só vem depois de um dia longo. No quarto, o silêncio era absoluto, exceto pelo zumbido baixo da televisão. O volume estava em 15. Quinze. Nem mais, nem menos. O número exato para ouvir e não ser ouvida.

A final do X Factor UK daquele dezembro de 2015 seria diferente. Quem sabia, sabia. E quem sentia, então, nem se fala. Naquela noite, os quatro meninos que haviam se tornado parte da vida dela, iriam se apresentar juntos pela última vez. Já tinham anunciado o hiato, esse jeito elegante de dizer “acabou, mas a gente não quer doer tanto agora”.

Na tela, os holofotes se acenderam devagar. E antes mesmo que qualquer um dissesse uma palavra, o acorde inicial de Infinity preencheu aquele ambiente escuro como se perfumasse o ar. Um nó se formou na garganta dela, daqueles que não se desfazem nem com água, nem com tosse. Um nó feito de tempo, de medo e de amor. Aquele nó que só uma música deles sabe dar.



Harry, Naill, Louis e Liam pareciam hesitantes no palco. Eles estavam vestidos com bastante elegância, e carregavam nos olhos uma espécie de silêncio que só quem está se despedindo entende. Não diziam, mas diziam. Cada um, com o microfone em mãos, parecia cantar para dentro. Olhos baixos, movimentos contidos, como se o palco fosse sagrado demais para tanta dor. Ela via, dali da cama, que eles também sabiam: aquilo era o fim de uma era. E ninguém gosta de finais, muito menos quando é preciso se despedir do que se ama. E ela amava eles. Ainda ama.

Amava como só se ama na

adolescência, com uma entrega que beira o irracional, mas que, por isso mesmo, é tão verdadeira. Aquele amor que cola pôster na parede, que decora cada verso de música. Mas não era só isso. Era mais. Aquela banda, aqueles meninos, tinham se tornado abrigo. Em noites difíceis, em dias comuns, em momentos bons. Eram companhia constante, trilha sonora de crescimento, base de quem ela se tornaria.

A música terminou, e ela respirou fundo, como quem precisa de ar para aguentar o que vem depois. E o depois veio.

History começou com a batida que qualquer fã reconhece de longe: uma palma, outra palma, mais uma e a última. E pronto, quatro palmas e ela não teve mais controle. As lágrimas caíram sem aviso, sem permissão. Não chorava apenas pelo fim da banda, mas por tudo o que aquilo representava: o fim de uma fase, de uma versão dela mesma, uma parte que cresceu acreditando que certas coisas duravam para sempre e que agora aprendia, pela primeira vez, que não duram.

Dessa vez, não conseguiu cantar. A garganta, já embargada desde os primeiros acordes de Infinity, agora estava fechada, ocupada demais tentando conter a emoção. Os olhos fixos na televisão acompanhavam cada detalhe: os passos tímidos, os olhares trocados entre eles, as fotos que apareciam no fundo do palco, lembrando tudo o que tinham vivido juntos e o que tinham feito o mundo inteiro viver também.

No final da apresentação, os quatro se abraçaram. Um abraço que ficou para a história... o último, o mais simbólico, o que carrega tudo aquilo que não se consegue dizer com palavras. Ali, acabava uma banda e começava uma saudade.

Ela permaneceu ali por mais alguns minutos, mesmo depois que a TV trocou de imagem. O coração ainda tentando entender como um grupo de pessoas que ela nunca tinha tocado conseguia doer tanto por dentro. E o mais impressionante: como elas também conseguiam curar.

Anos se passaram desde aquela noite. E hoje, olhando para trás, ela percebe que o amor não acabou naquela apresentação, ele apenas mudou de forma. Virou lembrança, virou base, virou música favorita que a gente redescobre tempos depois e entende de outro jeito. Infinity, por exemplo, foi uma música que naquele dia doeu... “Quantas noites levam para contar as estrelas? É o tempo que demorará para consertar o meu coração” eles cantam, e foi exatamente o sentimento daquela noite de 13 de dezembro— partida. Mas, com o tempo, virou uma das preferidas. Como se o universo tivesse esperado o momento certo para que ela percebesse a grandiosidade daquela letra.

Infinity, naquele dia, doeu. Hoje, é lar, abrigo, saudade que conforta, é memória viva do que a fez ser quem é. Porque é isso que a música faz, ela se aloja devagar, encontra um lugarzinho dentro da gente e permanece. Cresce junto, muda com a gente. E, às vezes, até volta como uma velha amiga que chega sem avisar, mas que sempre é bem-vinda.

A banda que terminou naquela noite a ajudou a se entender, a se encontrar, a se construir. Fez parte de quem ela é. Está no jeito como ela sente o mundo, no modo como escuta com atenção, nas playlists que faz, nos textos que escreve, no jeito que ama. Está, sobretudo, na forma como aprendeu que sentir é bonito, e que despedidas não são sobre o fim, mas sobre tudo o que veio antes.

E talvez, o mais bonito de tudo, seja saber que aquela história, que parecia um ponto final, na verdade, virou uma vírgula. Porque mesmo que os meninos não estejam mais juntos, o que ela construiu a partir deles continua.

E naquele quarto escuro, com o volume em 15, ela aprendeu que memória nenhuma precisa de som alto para ser eterna. Basta que seja sincera.

# AMOR EM TEMPOS DE TINDER

por Leila Andrada

Estima-se que só em 2025, os aplicativos de relacionamento continuaram crescendo mais do que o dobro (que já era uma expansão inédita) dos anos anteriores, 2023 e 2024. No mundo todo, o número de downloads de aplicativos de namoro e chats de bate-papo chegou a 287 milhões, com Tinder, Bumble e Badoo no topo do ranking global de popularidade.



No Brasil, o uso é ainda mais intenso: a pesquisa feita pelo site Panorama Mobile Time, que pesquisa dados sobre uso de celulares, em abril de 2025, descobriu-se que 66 % dos internautas do país que possuem aparelhos celulares já experimentaram pelo menos um aplicativo de paquera.

A quantidade de usuários, porém, diz apenas parte da história do porquê deste fenômeno global. Informações internas divulgadas em relatórios pelo Tinder, Bumble e Hinge reunidos pelo veículo do Jornal CNN Brasil, revelam cinco tendências comportamentais que estão redesenhando a estratégia de matches dentro dos aplicativos: Primeiro, a lógica “vibe over looks”, ou seja: testar a

compatibilidade de valores e interesses superando o critério puramente estético, visual dos usuários; favorecendo filtros de hobbies muito específicos (como frequentar determinado bairro nos sábados) e comunidades nichadas, como nerds e amantes de animes, que tendem a reduzir o desgaste do swipe (movimento que sinaliza se você deu match, uma combinação com uma pessoa no aplicativo).

Outra importante constatação destes aplicativos é que, os encontros sustentáveis e de baixo custo aumentaram; como encontros em cafés de bairro ou passeios em parque, substituindo os antigos jantares elaborados, que costumavam ser o cenário mais comum entre pessoas que se encontram após se conhecerem online. Um em cada três brasileiros afirma preferir primeiros encontros que dispensem carro ou transporte poluente, segundo o relatório.

Além disso, foi observado o aumento da “etiqueta da vulnerabilidade”: perfis que mencionam saúde mental ou terapia recebem mais curtidas, sinalizando maturidade emocional. Por fim, multiplicam-se as formas híbridas de vínculo – termos como monogamish e situationship (meio monogâmico e situação de namoro indefinida) aparecem muito mais nas biografias dos perfis, indicando relacionamentos menos rígidos entre namoro sério e casual. Por fim, há um forte “retorno ao presencial”.

Após a pandemia do Covid-19, depois de dois anos em que as videochamadas dominaram o primeiro contato, eventos ao vivo promovidos pelos próprios aplicativos - sejam festas temáticas a oficinas de culinária; registram participação 60% maior no Brasil em comparação com o ano de 2023, indicando maior vontade de socializar ao vivo, mesmo em cenários que também constam com presença online.

Em síntese, os dados de 2025 apontam para um cenário em que quantidade de matches importam menos do que a qualidade das conexões. Para quem desliza à procura de companhia, a mensagem é clara: perfis genéricos tendem a desaparecer na massa, enquanto autenticidade, causas específicas e usuários a disposição para encontros rápidos, porém reais, são hoje a melhor opção para transformar um simples swipe em relacionamento.

Foi por meio do aplicativo Tinder, que Gabriela e Rubens se conheceram em 2015, quando começaram a namorar e se casaram três anos depois, em 2018.

Gabriela Azevedo Couceiro tem 34 anos, é formada em medicina, servidora pública e atua na área de medicina de família e comunidade em Joinville, Santa Catarina. Rubens Rosário Fernandes tem 34 anos, é curitibano, engenheiro mecânico e analista de laboratório no grupo BMW, em Joinville. Ao final desta reportagem às 00:26, receberam Rafael, primeiro bebê do casal, com 3,125 kg, no dia 5 de maio de 2025. (Bem-vindo, Rafinha!)

Segundo a pesquisa divulgada da Panorama Mobile Time, o aplicativo de relacionamento Happn apresenta 75% de usuários que acreditam nos valores ecológicos comuns, como cuidado com o meio ambiente e preocupação com a crise climática, sendo de extrema importância em um parceiro. Outra característica destacada pelo relatório é que 29% dos jovens brasileiros (16 a 29 anos) já se encontraram pessoalmente com pessoas que conheceram em aplicativos. A faixa etária de 30 a 49 anos, porém é menor, com 25%, e acima de 50 anos, apenas 14%. Alguns especialistas como o psiquiatra israelense Ilan Rabinovich, acreditam que isto pode ser explicado pelo número da idade: já que vítimas de golpes online tem 50 anos ou mais: usuários mais velhos, apresentam melhor estabilidade financeira e carreira já consolidada.

Um dos casos mais famosos no mundo sobre golpes de aplicativos é o do ‘Golpista do Tinder’, Simon Leviev, um israelense que enganou cerca de 40 a 50 mulheres (investigação da polícia dar indícios de que esse número possa ser ainda maior) em mais de 20 países, gerando um prejuízo de mais de 10 milhões de dólares para as mulheres lesadas. Este caso virou um ‘fenômeno’ em descoberta de golpes no mundo, até virando documentário em 2022 pelo streaming Netflix.

Entre os entrevistados, Igor Vilela, advogado de 37 anos, a plataforma é mais para ‘casos extraconjugais e passar o tédio’ do que a procura legítima do amor: “acho que tudo começa com uma boa conversa, mas muitas vezes tem gente que vem aqui só para inflar o ego. Tem várias meninas que deram match comigo e nem conversam, só querem passar o Instagram e ganhar curtidas.

Outra vez, saí com uma mulher e ela me falou no encontro que era casada, mas estava pensando em trair o marido comigo. Acabamos ficando e transando, mas me senti meio bosta, sabe?”. Apesar desta ocasião, Igor afirma que continuou usando o Bumble.

Um dos novos aplicativos fazendo sucesso no Brasil após viralizar no Tik Tok (douyin, em chinês) é o Tantan, popular entre vários países da Ásia. Em entrevista com Jackie Shenyang (conhecido como Chao no Tantan), Personal Trainer de Tianjin, China Continental, 27 anos, ‘o app é um ótimo lugar para praticar línguas estrangeiras e fazer amigos internacionais’.

Estudante de inglês na universidade, Jackie explica que falar com estrangeiras ajuda na fluência: “Algumas meninas que conheci no app até estão estudando mandarim! O que é legal, pois trocamos dicas de aprendizado. Apesar da minha cidade ser moderna, recebe poucos turistas, então é difícil ter com quem conversar. Tenho amigos de Hong Kong que falam inglês, mas o sotaque cantonês é muito forte”.

Também existem pessoas que não usariam aplicativos de namoro de jeito nenhum, como a engenheira de segurança do trabalho, Luísa Rocha. A recifense de 36 anos diz que “jamais recorreria a isso”. Ela segue: “Aplicativos de relacionamento parecem ‘açougues’. Mesmo as pessoas que escrevem algo na biografia do perfil, na real, só ligam para aparência física e fotogenia de quem gostaram. Os homens não arriscam mais levar um fora pessoalmente, só pela Internet. Perdeu a naturalidade da conquista”, afirma Luísa.

Para a psicóloga e influencer Pâmela Magalhães, “quem usa apps de relacionamento tende a se sentir descartável”. A profissional explica que quando as pessoas começam a usar aplicativos de namoro, elas sempre têm a ilusão de que irão encontrar ‘alguém melhor’, ou seja, uma pessoa idealizada por ela através das fotos, postagens e filtros que as pessoas ‘modelam’ para parecer ter uma vida plena, ao invés de focarem em conversas legais e coisas em comum com outras do app.

Com o aplicativo nacional Achei, lançado em fevereiro de 2025, o fenômeno dos

apps de namoro só para cristãos ganha um novo nicho no Brasil, com criação de mais dois ainda não nomeados, que serão lançados no final de 2025. O aplicativo foi divulgado pelas redes do polêmico pastor/cantor André Valadão, líder do ex-grupo gospel Diante do Trono, vencedor do Grammy Latino de 2012 por 'Melhor álbum de música Cristã'. Influenciado pelo famoso app popular americano 'Christian Mingle', seguindo a tendência mundial. Estima-se até 2026, os evangélicos serão mais de 35% no país.

Para Juliano Otávio Moura, farmacêutico paulistano de 29 anos, novo no Achei, lá tem grande potencial de ser o local perfeito para conhecer alguém especial:

“Eu estou em mais de um software para conhecer pessoas. Como trabalho como pesquisador, geralmente fico em home office e não na empresa. Fica mais difícil namorar. Sendo evangélico, não frequento muito espaços como baladas e bares, então para flertar é mais rápido por lá”, confessa.

Além dos apps nacionais cristãos Achei e Divino Amor, existem vários outros específicos para religiosos no mundo: Namoro Espírita; Mutual, para mórmons, Jswipe, judeus, Muzmatch, para muçulmanos. Entre estes últimos, apenas o Namoro Espírita e Jswipe estão disponíveis no Brasil.

A influência crescente deles demonstra que amar ainda é possível, mesmo na nova era tecnológica. No fim das contas, não interessará onde encontramos o amor da nossa vida, na academia, numa fila de supermercado ou em um simples deslizar de dedos sobre a tela.

## ESTAMOS CONECTADOS

Em tempos antigos, como na época dos meus falecidos avós, o flerte mais passional e quente possível era mandar mensagens através de cartas escritas a mão para os interesses amorosos. Estas podiam ser românticas, frívolas,

dramáticas, não interessa, a espera era sempre a parte mais empolgante. Já nos tempos ainda mais antigos, da época dos meus bisavôs paternos, em 1990, quando o mundo vivia a transformação do último ano do século XIX, era da Revolução Industrial, os cortejos 'cara-a-cara', eram ainda mais difíceis de acontecer. Era bastante comum que as mulheres conhecessem o futuro parceiro dentro da missa, trocando uma palavra ou olhar com algum rapaz e... pronto! A mãe ou pai da moça o convidavam para jantar na casa deles. O casal conversava no sofá após o almoço (com a mãe da mocinha sentada no meio do casal, inclusive!), o pai analisava o pobre coitado do possível genro dos pés à cabeça, enquanto fumava charuto do outro lado da sala. Em poucas semanas a mocinha já estava noiva. Acredite. Parece engraçado, mas era assim mesmo que acontecia.

Quando lembro destas histórias românticas que minhas antepassadas contavam para mim e minhas primas é que percebo como o avanço da tecnologia fez com que tudo ficasse mais rápido, apressado, mas também cômodo. Os tempos são outros. Estamos eternamente conectados. Nossos aparelhos eletrônicos estão integrados na nossa vida de uma forma que são extensões de nós. Somos quase versões reais do Homem de Ferro. Com nossos smartphones nas nossas mãos, organizamos nossa rotina, ouvimos música, pagamos contas, abrimos catracas com QR code, trabalhamos, gravamos vídeos, áudios, nos expressamos. Vivemos.

Os aplicativos de relacionamento facilmente baixados pelos nossos dispositivos móveis, ainda que à distância, contam com um enorme 'cardápio' de fotos: Aparecem na nossa tela em segundos, de acordo com as coordenadas e endereço, e a gente só torce para que o 'chef' também queira o nosso prato principal! Às vezes a quentinha pode até vir depois de 5 minutos em um Uber Black para te encontrar. Não é que encontrar o amor tenha ficado fácil demais. Encontrar pessoas, talvez sim, mas o amor continua sendo o sentimento mais presente, o mais buscado e o mais difícil de lidar.

É o amor, mesmo após tantos períodos históricos, que explica as relações humanas. Segundo Aristófanes, famoso dramaturgo da Comédia Grega, os seres humanos eram esferas de quatro braços e quatro pernas. Os deuses gregos nos cortaram para que estivéssemos sempre separados. Ou seja, cada um de nós é metade de um ser

humano completo, por isso estamos sempre à procura da nossa 'outra metade', só o amor nos completa. Claro, nem todas as pessoas acreditam nisso e é totalmente aceitável ser uma pessoa independente e que não precisa de outra para se sentir 'validada'. Mas não é bem mais gostoso estar acompanhada? Eu acredito nisso. Pois foi assim que me senti quando conheci o Brandon, meu ex-noivo, após conversarmos pelo Tinder de Nova York em 2013.

Quase sempre, uma vez por ano, eu viajava para fora do Brasil perto de dezembro e janeiro para aproveitar as minhas férias como uma boa brasileira: Turistando, indo no Moma, no Met, Guggenheim entre outros museus de arte moderna, fazendo comprinhas necessárias (também conhecidas como lotar a mala de maquiagem aos montes depois de visitar a Sephora americana), visitando restaurantes descolados, minhas maneiras preferidas de conhecer os locais para onde eu viajo.

Uma das noites, me arrumando no hotel, resolvi baixar o app e ver como era a versão estadunidense. Deslizei o dedo algumas vezes e lá estava ele. Além das fotos, amei a descrição que ele colocou. O perfil dele era irônico, com a frase 'se acabarmos casando porque nos encontramos por aqui, vamos ter que inventar outra história de como nos conhecemos para nossas famílias'. Engraçadinho. Gostei.

Americano, filho de uma chinesa nascida em Hong Kong e pai taiwanês, Brandon era linguista e falava cantonês e mandarim além do inglês, pois trabalhava como intérprete corporativo para um banco chinês em Manhattan.

Seguimos do aplicativo nos falando pela rede social mais usada no momento, o Instagram, e por lá conversamos por vários meses. Eu sempre fui meio medrosa e como boa telespectadora de filmes de suspense, não me encontrei com ele durante a viagem porque tinha medo de ele ser um psicopata (isso ainda é muito válido, gente! Conheçam a pessoa por um tempo ou vão acompanhadas de algum amigo no primeiro encontro).

Após meses e meses de interações longas e diárias pelo Whatsapp e ligações internacionais, ele veio ao Recife me conhecer. Quando eu o vi pessoalmente no aeroporto, fiquei pasma em como ele era alto, pois tinha 1,93 metros, bonito,

bem-vestido e tinha olhos tão lindos! Sempre achei rapazes asiáticos charmosos (Segundo minha mãe, aos seis anos de idade eu disse para ela que casaria com um homem de olhos puxados), mas o que mais me deixou derretida por ele foi que ele me olhava como o Justin Timberlake olhava a Alessandra Ambrósio naquele desfile da Victoria's Secret em 2006. Pegou a referência?

Okay, ele também já estava tão apaixonadinho quanto eu. Depois de mais um ano e meio ficamos noivos. Passamos vários anos juntos, até acabarmos e foi uma experiência enriquecedora em todos os sentidos: Culturalmente, afetivamente, e até existencialmente. Cada relacionamento ensina algo para nós. Descobri novas maneiras de sentir, amar, e até de sofrer - terminar um relacionamento, mas isso é algo que todos passamos/passaremos.

Desde 2018, não namorei 'sério' novamente. Já experimentei entrar em apps algumas vezes, mas acabei um pouco desestimulada pelo número de OVNI's não requisitados enviados por caras desconhecidos (OVNI: Objeto fálico virtual de um narcisista inconveniente). É algo como quando o seu cachorro traz na boca uma barata ou lagartixa morta para entregar para você de presente - sei que você se orgulha disso, totó, mas não quero tocar nele! - Mas ainda acredito que exista amor em aplicativos de relacionamento. Inclusive, atestei isso pelas conversas e personagens que entrevistei para as matérias.

Uma das coisas que percebo é que não interessa o local que conhecemos alguém, todos queremos a mesma coisa. Queremos amor. Queremos nos sentir lindos, amados, recompensados, felizes em nossa profissão e encontrar nosso lugar no mundo. Quando o amor chegar novamente, estarei aqui. E assim como a icônica frase de Oscar Wilde: 'Quem vive mais de um amor vive mais de uma vida'.

# MATURIDADE, AMOR E ARCO-ÍRIS: COMO A TERCEIRA IDADE LGBTQIA+ ESTÁ PRESENTE NOS APLICATIVOS DE NAMORO

Segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que só em 2022, pelo menos 62% de pessoas com mais de 60 anos utilizam a internet. O que revela um aumento de pelo menos 24% de 2016 até agora, ano em que os idosos não usavam amplamente os meios digitais. Pessoas mais velhas, até então, não costumavam usar redes sociais além do Facebook e Whatsapp, ou não se interessavam por elas tanto assim.

Em 2020, após o forte aumento dos apps de namoro por conta do isolamento social da pandemia do covid-19, a presença significativa de senhoras e senhores em aplicativos para smartphone triplicou.

Quando falamos sobre aplicativos de relacionamento, o aplicativo Happn divulgou que 1 em cada 3 idosos no Brasil já fez uso do app, ao menos 1 vez na vida. Os usuários +60 não são maioria no Happn, mas somente entre a terceira idade, já foram mais de 4 milhões de curtidas em só um ano.

Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) em parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2019 cerca de 2,9 milhões de brasileiros acima dos 18 anos se identificavam como homossexuais, bissexuais, transgêneros ou demais identidades incluídas no espectro da diversidade queer. Com a evolução tecnológica junto à popularização dos apps de namoro, o público idoso Lgbtqia+ passou a explorar novas alternativas para se divertir, flertar e buscar novas companhias.

O lançamento de aplicativos para a categoria, como Daddyhunt, para homens gays mais velhos e admiradores; SilverSingles (que apesar de não ser exclusivamente gay, tem como maioria o público não-heterossexual) para usuários acima de 50 anos; Her, destinado a mulheres lésbicas e bissexuais; Lex, para mulheres lésbicas cisgênero (que se identificam com o gênero que foi atribuído a ela quando nasceu) não-binárias e queer; assim como os populares

Grindr e Scruff, conhecidos como as versões gay do Tinder, entre outros.

Para Júlio Oliveira, 61 anos, ex-gerente de operações aposentado e usuário do Tinder e Grindr, é preciso cautela em todas as interações virtuais: “Tem vários perfis fakes e só com uma foto ‘perfeita demais’. Quem não tem saúde emocional, cai fácil. Homens solitários, divorciados, que ainda estão ‘dentro do

armário’, ou até com muito tempo nas mãos...Como acabei namoro recentemente (ele namorava desde 2013 e terminou com o ex-parceiro em 2024), sou novo nos aplicativos. Já tinha ouvido falar, mas não tinha entrado ainda. Em comparação ao Tinder, o Grindr é exclusivo para homens gays, bissexuais e outros, por isso é bem mais diverso, em quantidade. Mesmo sendo geralmente mais popular, tem poucas pessoas da minha idade no Tinder.”

Ele explica que ainda prefere conhecer parceiros ou interesses amorosos pessoalmente, sem apps, mas que não achou a experiência negativa. “Uma coisa que percebi é que lá tem publicidade e advertências sobre sexo seguro, camisinha e ter cuidado com quem vai se encontrar ou não. Também no próprio chat eles enviam alertar sobre não fazer transações bancárias. Foi o único app que já vi falando sobre isso.” Questionado sobre o porquê de preferir conhecer homens presencialmente, Júlio explica: “Na minha época de jovem, nós gays nos conhecíamos por amigos em comum, ou namorávamos ex-namorados de ex-namorados! Fica mias fácil ter algo casualmente quando estou cara a cara com alguém.” Brinca.

Júlio também descreveu uma das interações mais engraçadas que aconteceram no app: “Sempre tem um cara que chega nas mensagens dizendo: Estou só conhecendo o aplicativo, não sou gay. Eu tenho namorada. Cliquei sem querer! Para cima de moi? Já sou vivido, meu amor”, fala enquanto gargalha, enquanto mostrava os prints das fotos dos perfis dos homens que mais o divertiram.



Ele continuou retratando detalhes sobre sua juventude: “Em 1980, flertávamos em bares ‘GLS’ e saunas. Nas saunas era algo mais ‘casual’, mas já vi amigos que se casaram com parceiros que conheceram em saunas. Boates como a Metrópole e com shows de drag já existiam aqui, mas era mais comum em cidades como São Paulo e Rio. Já hoje, Recife é bem mais progressista do que antes, tem mais inclusão, então não fica difícil encontrar paqueras em qualquer local que você vai, como bar, restaurante etc. Não sei se o ódio a gays está diminuindo, ou se as pessoas estão ‘mais tolerantes’. Nos meus vinte anos, era tudo ainda meio escondido.”

Perguntado sobre se ele consideraria sair para um encontro com algum usuário que conheceu, ele destaca: “Dei match com alguns interessantes. Não que eu ache que algo sério vá sair de lá, mas eles eram bonitões, sarados; já os muito mais jovens, como os de 20 e poucos anos, só tiram fotos em espelho da academia. Conversei com alguns, mas o português deles, nossa! As fotos podiam até dar tesão, mas a conversa desanimava muito. Ri.

Outro detalhe que Júlio adicionou é que é lotado de boys, gíria para rapazes que fazem sexo por dinheiro: “Nada contra quem gosta de ser ‘sugar baby’. Já tive a mesma idade. Já que eu era mais afeminado, quase sempre me relacionava com homens mais velhos, mas alguns rapazes só de olhar já notamos que são michês. Alguns colocam ‘GP’ na bio. Outros tentam ‘fazer a educada’ só para te oferecer o programa após conversarem mais. Por enquanto, estou na fase de preferir ficar solteiro. Se eu quisesse arrumar um parceiro, teria que procurar mais! Isso por um lado é ruim para homens mais velhos que realmente querem encontrar alguém, que querem paquerar, porque homem é mais físico, nosso desejo é imediato, o que dificulta conexões mais sensíveis.”

Como Júlio mencionou, o Grindr é chamado por muitos de app da ‘Uberização’ da prostituição masculina. O termo é usado para descrever um trabalho informal, sem carteira assinada e sem direitos trabalhistas, como acontece com motoristas de Uber. Logo, neste caso, refere-se a uberização de trabalhadores sexuais no Grindr. Não é incomum que aplicativos de namoro em geral sejam

um dos locais para ofertas de serviços do tipo, mas a plataformização ilegal de serviços e códigos popularizadas pelos membros facilitaram para que viralizassem notícias sobre acontecimentos, tal qual golpes, violência física, pela falsa sensação de proteção por estarem online, ao invés das ruas e extorsão.

Em 2023, o Ministério Público de Portugal foi acionado quando um deputado municipal, Nuno Pardo, pagou por ‘relações íntimas’ com um adolescente de 15 anos através do aplicativo, após os pais do garoto descobrirem mensagens do filho entre o político. Por conta dessa polêmica, o Grindr, lançado em 2009, foi obrigado a implementar medidas mais severas para verificação de dados, como verificação de idade, leitura facial, cookies de proteção, fiscalização de documentos oficiais e exclusão de membros ‘suspeitos’.

Os perigos cibernéticos existem, mas ainda assim, apesar dos riscos, da homofobia, eles continuarão resistindo. Mesmo após terem que amar em segredo, enterrar amigos, tentarem ser calados, eles continuarão conectando-se, vivendo. A liberdade de poder ir e vir, de entrar em um app... envelhecer sendo Lgbtqia+ é história. Estes senhores e senhoras de idade avançada não são o passado. Eles fizeram o futuro.

ALESSANDRA NIRRWANN, ALUÍSIO AZEVEDO, AMANDA DE PAULA, AMINA J. MOHAMMED, ANDRÉ ALVES, ANTÔNIO PEDROSA, ARIANA BORGES, AVANI SANTANA, BEHAVESH, BRENA PASSOS, CAMILA PÓVOAS, CARLOS TAVARES, CARLOTA PEREIRA DE QUEIRÓS, DETETIVE NOBRE, DOM CASMURRO, DONALD TRUMP, EDUARDO GUDIN, EDUARDO LEITE, EDWARD, FELIPE FERNANDES, FERNANDA, GABI, GESIELE PIMENTA, GILMAR ROBERTO DOS SANTOS JÚNIOR, GLORIA GROOVE, GUILHERME SIMÕES, HAMANDA DE PAULA, HENRIQUE LEMOS, HELENA, HEITOR EIRAS VITOR PAULINO, HYLDIANE LIMA, IKARO KADOSHI, ISABELLA MOURA, ISABELLA MORAES, IZABEL SANTOS, JACK, JAIRO FILHO, JOANA, JORGE FOUAD MAALOUF, JOSÉ DE ALENCAR, JULIANE RAQUELLY, KAMALA HARRIS, KARLA KAROLLA, KIM, KLARA CASTANHO, LAURA CARVALHO, LAURA MELO, LEILA ANDRADA, LIA CLARK, LIANA CIRNE, LETÍCIA STOLL, LORENA PIOVANI, LUCAS PINTO, LUÍS MONTENEGRO, MANU MAIA, MADONNA, MACHADO DE ASSIS, MARIA, MARIA EDUARDA CAVALCANTI, MARIA JÚLIA DE ARAÚJO, MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS, PABLO VITTAR, PEDRO, RAFAEL RODRIGUES, ROBSON TELES, ROSE, SAYURI HEIWA, SIGMUND FREUD, THALITA REBOUÇAS, TETÊ, VALENTINE DUARTE, VICTOR PAULINO, VIVIAN LOIETES, VIVIANE BARROS.